

**A Chave Esotérica de Mensagem de  
Fernando Pessoa:  
Abordagem Numerológica,  
Astrológica e Cabalística  
Para uma Leitura de Crítica Literária  
(Estudo de “Mensagem” de Fernando Pessoa)**

JAYRO LUNA

**Epsilon Volantis  
São Paulo  
2005**

Copyright © Jayro Luna - 2005.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em partes, sem prévia autorização do autor.

Projeto gráfico e revisão: Epsilon Volantis

Capa: Wilson Babaçu

Editoração eletrônica: Epsilon Volantis

Ilustração da Capa:

LUNA, Jayro (Jairo Nogueira Luna), 1960 -

A Chave Esotérica de Mensagem de Fernando Pessoa:  
Abordagem Numerológica, Astrológica e Cabalística. São Paulo:  
Epsilon Volantis, 2005.

121. p.

ISBN: 85-60121-00-5

1. Literatura - História e Crítica. 2. Pitagorismo e Numerologia. 3.  
Esoterismo. 4. Literatura Portuguesa. I. Título

CDD - 809

182.2

## Sumário

1. Introdução	4
2. Do Nome do Livro e das Condições Para Entendê-lo	12
3. Estudo da Primeira Parte: “O Brasão”	16
4. Nos Domínios do “Mar Portuguez”	54
5. “O Encoberto”: Uma Parte Sibilina?	85
6. <i>Mensagem</i> e a Progressão de Fibonacci	114

## 1. Introdução

Escrever sobre *Mensagem* de Fernando Pessoa é como tentar introduzir um assunto estranho. O livro de poemas em questão abrange uma intrincada relação entre literatura e esoterismo, entre história e poesia, entre mito e realidade. Se Fernando Pessoa não é propriamente um poeta simbolista, antes, mas não pelo contrário, é o maior nome do Modernismo Português ainda que se pese a rica contribuição de Mário de Sá-Carneiro e de Almada Negreiros, *Mensagem* é, talvez, uma das mais obras mais simbolistas da literatura.

Nosso intuito não é fazer aqui uma leitura de caráter crítico-literário no sentido convencional, nem tampouco fazer um levantamento dos aspectos simbólicos e esotéricos já abordados por outros - com grande maestria, diga-se de passagem - das relações entre literatura e ocultismo em Fernando Pessoa, como o brilhante estudo de Dalila Pereira da Costa<sup>1</sup> ou as considerações e levantamentos de Yvette Centeno<sup>2</sup>, não temos a intenção também de fazer um roteiro de leitura da obra, tendo em vista os já muito bem feitos por Carlos Felipe Moisés<sup>3</sup>, por Conceição Jacinto e Gabriela Lança<sup>4</sup>.

O que faremos aqui então? O que nos resta de original? De original, sem dúvida, muita coisa, essa obra de Pessoa é daquelas cuja potencialidade de análise e de estudos está sempre a surpreender. Mas o que faremos é uma leitura iniciática no sentido mais estrito do termo. Uma leitura

---

<sup>1</sup> COSTA, Dalila Pereira da. *O Esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto, Lello, 4.<sup>a</sup> ed., 1996.

<sup>2</sup> CENTENO, Yvette. *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética*. Lisboa, Presença, 1985.

<sup>3</sup> MOISÉS, Carlos Felipe. *Roteiro de Leitura: Mensagem de Fernando Pessoa*. São Paulo, Ática, 1996.

<sup>4</sup> JACINTO, Conceição & LANÇA, Gabriela. *A Análise do Texto: Mensagem de Fernando Pessoa*. Porto, Porto Editora, 1998.

esotérica com os recursos e a linguagem do mais aprofundado esoterismo que propomos abrir, mas ainda assim deixar o caminho estreito para a abordagem das “chaves esotéricas” da obra, uma vez que a linguagem ocultista é por excelência baseada na analogia e na metáfora. Porém, na medida do possível, caminhando na linha estreita entre a crítica e a iniciação, vamos, aqui e ali deixando pistas.

É importante lembrar aqui das íntimas ligações entre o poeta Fernando Pessoa e autores ocultistas, entre os quais, a mais polêmica foi a amizade que teve com Aleister Crowley. Astrólogo amador, Pessoa compôs o mapa astral de seus heterônimos e amigos e conhecia com profundidade a simbologia ocultista. Dentro do grupo modernista português, outro que desenvolveu um entendimento de conceitos ocultistas foi Almada Negreiros que escreveu alguns livros acerca do assunto.

“Na biblioteca de Fernando Pessoa encontram-se *As Confissões* do mago inglês Aleister Crowley, por quem o poeta se interessou ao ponto de trocar correspondência com ele, lhe traduzir um longo poema, o ‘Hino a Pã’, de escrever outros, como o ‘Último Sortilégio’ de nítida marca ritual e sob a sua influência, tudo isto culminando no encontro lisboeta e na farsa do desaparecimento do mago na Boca do Inferno a que o nosso poeta deu também cobertura. Por intermédio de Crowley e da Ordem rosicrucista da Golden Dawn, a que este pertenceu, juntamente com S.L. MacGregor Mathers, se abre a porta da alta magia para Pessoa.”

(CENTENO: 1995, p. 23)

Dalila Pereira da Costa comenta o papel que Pessoa desempenha como autor de *Mensagem*:

“Pessoa surgindo então como o aedo, rapsodo e profeta; e ainda o criador de mitos, tal como deixou por si expressado: ‘Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém na humanidade.’

Nesta sua apresentação e proposta aos portugueses, para começo de regeneração ou criação de homem novo e mundo novo, a *Mensagem* unirá mito e história numa nação européia; havendo assim nela mais um exemplo do tipo tradicional arcaico, do pensamento português, como o que não separa mito de história.”

(DA COSTA: 1996, p. 302)

E como esotérico, como iniciado nos mistérios das ciências ocultas, Fernando Pessoa vai compondo uma obra que é ao mesmo tempo livro de poemas e livro de revelações. No âmbito literário, o mistério se apresenta como urdidura do texto, como engenho poético, no âmbito das ciências ocultas, o mistério se entrevê tenuamente por sob a camada literária, não como a parte mais importante ou definitiva, mas tão somente como a mais oculta. As pistas que deixa para que o leitor chegue até lá já foram apontadas por vários estudos: A divisão das partes, os números mais recorrentes, a simbologia do brasão de Portugal, o Sebastianismo.

João Alves das Neves comentando acerca das poesias ocultistas de Fernando Pessoa, em certo momento escreve que *Mensagem*:

“(…) por mais significativa que se revele, não é um acidente, mas um dos resultados colhidos pelo Poeta do Mistério. Na devassa do segredo é que ele realmente se empenhou, sempre na expectativa de encontrar a ‘chave’. Ou as chaves. Ou os diferentes caminhos que poderiam conduzir ao segredo de todos os segredos.”

(NEVES: 1996, p.21)

Estudos de caráter mais esotérico que literário já foram tentados acerca de *Mensagem*, em destaque citemos os dois trabalhos do astrólogo português Paulo Cardoso: *Mar Portuguez e a Mensagem Astrológica da Mensagem* (1990) e *Mar Portuguez e a Simbólica da Torre de Belém* (1991).

Detendo-se especialmente na parte “Mar Portuguez”, Paulo Cardoso demonstra uma correlação entre os doze poemas dessa parte de *Mensagem* e os doze signos do zodíaco:

“Uma vez que, vistos da Terra, o Sol e a Lua se cruzam doze vezes num ano, Fernando Pessoa ao relacionar o corpo central da *Mensagem* com os doze signos do Zodíaco, sugere que esse destino português seria completar uma trajetória de 360 graus à volta da Terra, fechar um ciclo universal e, simultaneamente, conjugar a mesma Fé, no mesmo ideal, algo que estaria difundido por todos os pontos do Espaço. Os doze signos são os passos de um percurso simbólico, que anuncia a perpétua união entre o Sol e a Lua, o Dia e a Noite, a Razão e a Intuição, visando a Totalidade, a Unidade.”

(CARDOSO: 1990, p. 95)

Gershom Scholem observa acerca da natureza do texto místico que não raras vezes um autor místico pode extrair conclusões que em princípio não parecem ligadas diretamente ao pensamento de seus mestres ou originários dele, e algumas vezes até os contradizem, mas que tal situação não é fruto de uma deliberada ruptura com a tradição ou de uma incoerência do autor, mas sim resultado de uma interpretação nova fundada na leitura dos textos dos mestres ou considerados sagrados pelos mesmos mestres:

“Pois a mesma experiência, que num caso promove uma atitude conservadora, em outro pode produzir uma atitude diametralmente oposta. Um místico pode substituir sua própria opinião por aquela prescrita pela autoridade, justamente porque sua opinião parece originar-se dessa mesma autoridade. Isto explica o caráter revolucionário de certos místicos e dos grupos que aceitam os símbolos pelos quais os místicos deste gênero comunicaram sua experiência.”

(SCHOLEM: 1978, p. 16)

Citando ainda René Guénon que nos fala acerca da função do simbolismo esotérico e de como ele pode ser um instrumental dos mais ricos para a compreensão do mundo e do homem:

“O simbolismo é o meio melhor adaptado ao ensino das verdades de ordem superior, religiosas e metafísicas, ou seja, de tudo o que é repellido ou descuidado pelo espírito moderno. O simbolismo é inteiramente o oposto do que convém ao racionalismo, e todos os seus adversários comportam-se, por certo sem o saber, como verdadeiros racionalistas. De nossa parte, pensamos que, se o simbolismo é incompreendido, esta é uma razão a mais para insistirmos sobre ele, expondo, de modo tão completo quanto possível, o significado real dos símbolos tradicionais, restituindo-lhes todo seu alcance intelectual, ao invés de fazê-lo um simples tema de algumas exortações sentimentais, caso em que, no entanto, o uso do simbolismo é coisa inteiramente inútil.”

(GUÉNON: 1989, p. 6)

Aqui nos propomos a revelar o que ainda não foi dito acerca de *Mensagem* de Fernando Pessoa e a partir daqui nosso texto é um texto de iniciação. Nesse sentido, deste ponto em diante, as regras convencionais de organização e de natureza do texto acadêmico encontram-se suspensas, não têm total validade, uma vez que, algumas vezes não podemos citar as fontes do modo como se costuma fazer pelas regras do bom uso do texto acadêmico por razões que diferem da própria constituição dessas regras, no entanto, sempre que possível citaremos fontes quando estas estiverem calcadas em edições hoje facilmente encontráveis, haja vista a grande quantidade e o interesse desperto na publicação de textos de caráter esotérico. Também a lógica do texto acadêmico, fundado na paragrafação coerente e coesa, algumas vezes aqui será substituída por um texto de caráter lacunar e fundado em analogias, uma vez que é da natureza e da forma do texto em questão assim o fazê-lo, não por capricho ou condição de estilo, mas principalmente por função e operacionalidade do que seja um texto de iniciação.

Aos críticos acadêmicos que objetarem da fuga das regras que aqui se opera, tenho apenas a dizer que muito mais se perde em mostrar mecanicamente o que no fundo se fundamenta noutra física e como exemplo, vemos hoje na física moderna os limites da mecânica newtoniana, do cartesianismo e do determinismo diante do íntimo da matéria e do longínquo do espaço. David Bohm e Fritjof Capra são alguns dos exemplos de estudiosos da física que tiveram que rever pontos determinados fundamentais do que se considerava bom senso e lógica diante dos fenômenos que observaram. Guardadas as devidas proporções e natureza dos conhecimentos, aqui acontece algo semelhante.

E, por fim dessa introdução, citamos o próprio autor do texto que é o *corpus* de nosso estudo:

“Sendo os números e as figuras os tipos externos da ordem e destino do mundo, a mais simples operação aritmética, algébrica ou geométrica, desde que seja bem feita, contém grandes revelações; e, sem precisão de mais sinais, na matemática estão as chaves de todos os mistérios. Isto não quer dizer - o que seria absurdo - que todos os matemáticos conscientemente nos estão comunicando os sinais de segredo, quando fazem cálculos.”

(Fernando Pessoa)

De fato, muito do que se desenvolve em nosso estudo da revelação das chaves esotéricas de *Mensagem* se fundamenta num conjunto de operações numerológicas e de figuras esotéricas, por isso também, e principalmente, este é um texto de iniciação. E o próprio Fernando Pessoa definia a iniciação como sendo de três formas. A primeira é aquela em que o iniciado assim se define não por opção própria, mas levando por outrem, sem ainda ter consciência de sua vontade ou da natureza do que lhe é oferecido como conhecimento. O segundo tipo é o do iniciado que busca o entendimento por vontade própria quer na inscrição numa ordem ou seita ou grupo de estudos, que solitariamente no desenvolvimento de um caminho próprio, a terceira natureza da iniciação assim a define Pessoa por suas próprias palavras:

“Há, por fim, a iniciação divina. Esta, não a dão nem exotéricos ou esotéricos menores, como a exotérica; vem diretamente, e por cima destes todos, das mesmas mãos, do que chamamos Deus.”

(Fernando Pessoa)

Cabe aqui, em razão dessa citação de Pessoa, duas respostas a perguntas que fatalmente farão aqueles que não

compreenderem a natureza do presente livro. A primeira pergunta é: “Estaria este autor insinuando que o conhecimento que ele demonstra acerca da natureza esotérica de *Mensagem* ser de natureza de revelação divina?” Se isto quiser dizer revelação no sentido gnóstico mais restrito, de algo conforme a iluminação mística, de certo que não, o que aqui se apresenta é fruto de contínuas operações intelectivas e de demorado processo analítico da obra, quase análogo ao processo da realização alquímica da grande operação. A segunda pergunta que pode ser feita não é de fato uma pergunta, mas inclui-se subliminarmente na conjectura: “Se o mais elevado conhecimento de iniciação só é obtido diretamente das mãos de Deus, então esse livro não contém o que diz conter!” E a resposta é que não afirmamos que se contém aqui o mais elevado conhecimento de iniciação esotérica, antes, pelo contrário, o que se mostra aqui é apenas o conhecimento mais restrito acerca dos aspectos esotéricos de *Mensagem* de Fernando Pessoa e que esse conhecimento pode ser, em certo sentido, um degrau importante para o caminho do iniciado.

E aqui termina essa introdução a um assunto estranho.

## 2. Do nome do livro *Mensagem* e das condições para entendê-lo

O nome do livro em questão de Fernando Pessoa já foi objeto de alguns apontamentos. Sabe-se que originalmente o livro se chamava “Portugal” e que após a mudança do nome do livro ele concorreu ao concurso de poesia do Secretariado da Informação em 1934, conquistado o segundo lugar, sendo o primeiro obtido por Vasco Reis com *Romaria*. Gaspar Simões aponta a seguinte fala de Pessoa para explicar a mudança do título do livro: “porque o meu velho amigo Cunha Dias me fez notar - a observação era por igual patriótica e publicitária - que o nome de nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua maior dinastia. Concordei e cedi.”

Já se observou que a troca do nome não foi feita apenas por uma substituição simples de uma palavra por outra. Pessoa, segundo Gaspar Simões, nos diz que o nome *Mensagem* parece o mais adequado “por estar mais dentro da índole do trabalho e, ainda, por ter o mesmo número de letras.”

Existe um manuscrito de Pessoa em que ele trabalha a frase “*Mens Agitat Molem*” extraída de *Eneida* para compor a palavra “Mensagem”, que seria formada pelas seguintes partes da frase: MENS AG/itat mol/EM e que antes de chegar à palavra “Mensagem”, FP escreve “*Mensa Gemmarum*” expressão alquímica.

De fato, ambas as palavras têm oito letras, e mais que isso, a mesma posição para consoantes e vogais, bem como o mesmo número de sílabas e de letras em cada sílaba, como já foi notado por alguns:

P O R / T U / G A L  
M E N / S A / G E M  
C V C / V C / V C V

Mas ainda existe mais nessa substituição. Notemos que é uma operação comum na Cabala a utilização de letras com valores numéricos, e a Numerologia, principalmente a de caráter pitagórico, associa conceitos e idéias aos números, daí que o estudo de nomes e palavras tem um valor decisivo para essas ciências. Inúmeras são as tabelas aplicadas e possíveis, mas adotaremos aqui, nesse caso, uma das mais conhecidas que é a adaptação da tabela pitagórica para o alfabeto latino, em tal tabela seguimos pela ordem das letras de 1 até 9, e depois repetimos o processo a cada 9 letras, ficando assim:

A = 1; B = 2; C = 3; D = 4 ; E = 5; F = 6; G = 7; H = 8; I = 9; J = 1; K = 2; L = 3; M = 4; N = 5; O = 6; P = 7; Q = 8; R = 9; S = 1; T = 2; U, V = 3; V, W = 4; X = 5, Y = 6; Z = 7<sup>5</sup>.

Essa tabela comporta pequenas variações dependendo do autor e da aplicabilidade, principalmente no que tange às letras não originárias do alfabeto latino (J, K, Y, U, W). Mas no caso específico das palavras envolvidas (Mensagem, Portugal) não terão conseqüências importantes a explicitação das razões dessas variações. Aplicando os valores das letras obtidos na tabela pitagórica e fazendo a soma dos seus valores (gematria) chegamos aos seguintes resultados:

PORTUGAL = 7 + 6 + 9 + 2 + 3 + 7 + 1 + 3 = 38 (que é igual a 2, pois 3 + 8 = 11 e, por sua vez, 1 + 1 = 2, embora 11 seja uma número com um significado importante definido);

MENSAGEM = 4 + 5 + 5 + 1 + 1 + 7 + 5 + 4 = 32 ( que é igual a 5, pois 3 + 2 = 5).

Desdobramentos e interpretações dessa operação revelam que no nome “Portugal” existe apenas um valor repetido (7 de “P” e de “G”) ao passo que em “Mensagem” temos duas vezes o 4 (ao começo e ao fim), duas vezes o 1 (ao

---

<sup>5</sup> Numa variação importante dessa tabela, o Y pode ser considerado com o mesmo valor do I, fazendo com que o X tenha valor 5 e o Z= 6.

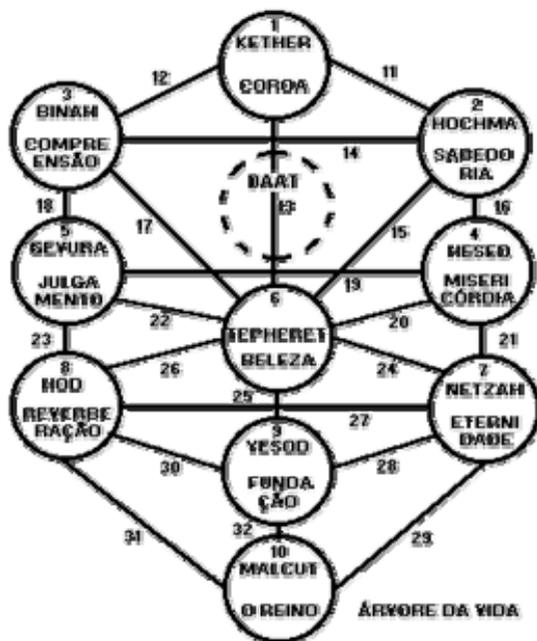
centro), três vezes o cinco (“E”, “N”, “E”) e o 7 é agora o único valor que não se repete. O valor 5 será em *Mensagem* associado diretamente à simbologia portuguesa em razão das quinas do brasão, embora tenha outro significado na Numerologia e na Cabala.

32 que é a soma de *Mensagem* é também o resultado cabalístico da soma das 10 *sefirot* com os 22 caminhos na constituição da Árvore da Vida. Desse modo, o livro de Pessoa se engendra como metáfora do caminho do conhecimento.

Sendo isso verdadeiro, seria possível uma analogia entre as 10 *sefirot* e as partes de *Mensagem* ? Plenamente, como se pode demonstrar agora. Primeiro vejamos a estrutura da Árvore da Vida com suas 10 *sefirot* e seus 22 caminhos. A sexta *sefirot* é “Tepheret” e para ela convergem diretamente as outras cinco que a circundam: Gevura, Hesed, Hod, Yezod e Netzah. Essa é analogamente a estrutura das partes do “Brasão” constituído de 5 secções: Os Campos, Os Castelos, As Quinas, A Coroa e o Timbre. A parte superior da Árvore da Vida temos a trindade de *sefirot*: Kether, Binah e Hochma. Em *Mensagem*, a terceira parte é “O Encoberto” que é formada secções: “Os Símbolos”, “Os Avisos” e “Os Tempos”. Existe uma 11.<sup>a</sup> *sefirot* que é considerada como uma “não-*sefirot*” uma vez que ela está encoberta, oculta da estrutura da árvore e é apenas intuída, acerca da natureza dessa “não-*sefirot*” sugerimos a leitura de Ann Williams-Heller, que observa: “Oculto, velado e protegido como as raízes da Árvore da Vida, existe um ramo sem ligações aparentes com os demais, que guarda o misterioso segredo da vida em seu âmago, segredo este que em essência é o maior segredo da nossa vida. O nome do ramo é Daath” (p. 185). Daath é em *Mensagem* “O Encoberto”.

Por fim, resta na Árvore da Vida, a *sefirot* mais inferior na estrutura que é Malcut (O Reino) que corresponde a segunda parte de *Mensagem*, que não contém secções: “Mar Portuguez”.

Os 22 caminhos correspondem às 22 duas letras do alfabeto hebreu e razão das operações numerológicas que constituem boa parte dos estudos cabalísticos. Notemos que o livro de FP se constitui ao todo de 44 poemas, justamente o dobro de 22. A razão? *Mensagem* não é apenas um livro de poesias, mas o é também. É um livro de poesias e se assim o encaramos, temos um caminho de leitura, mas é também um livro esotérico e aí temos outra natureza de caminho. Assim os caminhos aqui são dobrados ou de dupla natureza.



Notemos a possibilidade de conversão das letras das palavras “Portugal” e “Mensagem” no palíndromo do conhecido quadrado mágico “Sator Arepo Tenet Opera Rotas”:

SATOR (menSAgem + pORTugal);  
AREPO (mensAgEm + PORTugal);  
TENET (mENagEm + porTugal);  
OPERA (vide Arepo);  
ROTAS (vide Rotas).

Nessa conversão anagramática sobram as seguintes letras que não fazem parte do anagrama: “M”, “G” e “L”. Destas, apenas o “G” está nos dois nomes e na mesma posição, ao passo que o “M” inicia e termina o nome “Mensagem” e o “L” apenas termina o nome “Portugal”. Para os maçons o “G” é a letra sagrada inscrita no centro do esquadro (CASTELLET), o “M” indica “Mestre” e “L” a Loja ou o “Liber” (livro). Aqui o “Mestre da Mensagem” é Fernando Pessoa e a sua “loja esotérica” é “Portugal”.

Na “Nota Preliminar” do livro, FP escreve que são necessárias cinco qualidades para se poder compreender corretamente o seu conteúdo, a saber: 1) Simpatia; 2) Intuição; 3) Inteligência; 4) Compreensão e 5) Graça ou Conhecimento. A Simpatia é a condição inicial uma vez que o iniciado tem que estar, no mínimo, aberto ao recebimento. A Intuição é fundamental, para poder descobrir o que está faltando nas lacunas, para poder descobrir o sentido das figuras e das analogias. A Inteligência de caráter analítico para compreender o sentido do Simbolismo. A Compreensão se relaciona ao repertório (“o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes”). E a quinta (“Graça”, “mão do Superior Incógnito” ou “Conhecimento e conversão do Santo Anjo da Guarda”) é o pré-requisito para que o iniciado possa chegar ao nível mais profundo do “Entendimento” da obra.

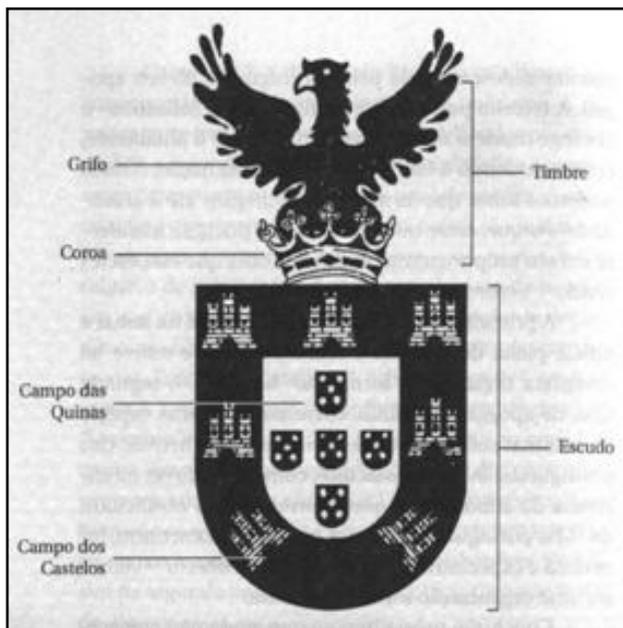
Temos assim, colocada na “Nota Preliminar” de *Mensagem* quase que um manual de requisitos não apenas para o início de leitura de um livro de poesias, mas também um conjunto de regras preliminares para o início dos estudos ocultistas.

### 3. Estudo da Primeira Parte: O Brasão

#### 3.1. O Mistério dos dois Campos

A primeira secção de “Brasão” é pequena e comporta apenas dois poemas, “Os Campos” é constituído por dois poemas (ou campos): “O dos Castellos” e “O das Quinas”.

Acerca da divisão das partes de “Brasão” é facilmente reconhecível sua relação estrutural com as partes do brasão português. Observemos, porém, que o brasão representado em *Mensagem* é um modificado, notadamente na presença do grifo, quando o usual nos brasões da nobreza portuguesa era utilizar o dragão alado:



O “primeiro” campo (“Os Castellos”) já começa com uma indicação ortográfica importante, o duplo “LL” em

“castellos”. A ortografia das palavras é fundamental para a indicação de operações numerológicas e cabalísticas. Tomando por base a operação que fizemos com as palavras do nome do livro, aqui descobriremos algumas coisas interessantes.

“Castellos” com “LL” duplo soma 25 e com “L” simples dá 22. Existem no poema outras três palavras em que o “L” foi dobrado: “cotovellos”(também aparece no singular) e “cabellos”. “Cotovellos” passou de 35 para 38 com a duplicação, “cabellos” de 21 para 24 e “Aquelle” que passa de 25 para 28. “A Europa jaz posta nos cotovellos”. “Europa” tem valor 31. Assim na escrita ortográfica corrente, 31 e 22 tem valor final 4, isto quer dizer, que a “Europa jaz posta” em si mesma, nos seus próprios cotovelos. Mas ao mudar para 38 o valor de “cotovellos”, 38 é a soma de Portugal, agora o sentido é outro: A Europa está posta sob os castelos portugueses.

“E toldam-lhe românticos cabellos”. Aqui a operação é inversa, pois 21 (cabelos) é  $3 \times 7$ , ao passo que 24 (cabellos) não é divisível por 7 e soma ao final 6. Entendamos a coerência do poema, quem tolda os cabellos de quem? A resposta está no verso seguinte: “Olhos gregos, lembrando”. Os gregos cobrem os cabelos da Europa com um véu?! O Peloponeso parece ao mapa uma espécie de mão com garras. Colocada no extremo Oriental do Mediterrâneo se opõe à Portugal, no extremo Ocidente do continente. “Grécia” dá como resultado 34, que soma por fim 7. Assim se cabelos (21) continua escrito com apenas um “L” temos a passagem do valor 7 para o domínio grego ou ainda, a equivalência entre os castellos portugueses e a Grécia, mas Pessoa pretende demonstrar não a equivalência, mas a superação. Desse modo, os cabellos toldados diferem do valor de 7 para evitar a harmonia em favor dos helenos.

O impasse “olhos gregos” versus “castellos” portugueses é resolvido por “cotovello” (singular) que dá como resultado também 37. Conhecido número cabalístico cuja

multiplicação por 21 (cabelos) dá 777 (número que é atribuído sob certas circunstâncias à figura de Cristo, como oposição / superação ao número da besta: 666). Por sua vez, a multiplicação de 37 por 24 (cabellos) dá como resultado 888 (número de Cristo na numerologia em grego). Assim temos a transposição de um elemento simbólico (Cristo) do grego para o português.

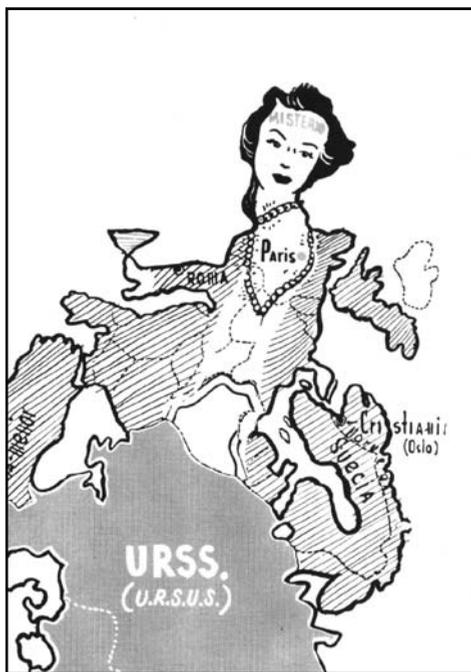
“Aquelle diz Itália onde é pousado”, aqui novamente a magistral cabala pessoana se comporta de forma matemática inquestionável. Itália soma 25, mas 25 é 5 quinas. A transposição do destino grego marítimo para o português se faz pela via do império romano, pela cultura latina. Ao passar “aquele” (25) para “aquelle” (28) temos a redução das quinas para duas (10) e a manutenção de Portugal como destino final na função das descobertas para onde “o rosto” da Europa jaz fitando.

Ainda existem no poema outras duas palavras com letras dobradas: “appoia” (“A mão sustenta, em que se appoia o rosto”). “Apóia” tem soma 24, mas com “pp” dobrado passa a valer 31. A mão que apóia o rosto (Portugal) é a Inglaterra (51). A união da mão que “appoia” com a mão que tolda os “cabellos” dá 55 (31 + 24). A soma da década (1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 10) dá igual valor. E 55 são os besantes ou dinheiros que foram inscritos na bandeira do primeiro rei português, D. Afonso Henriques, 5 grupos de 11 besantes cada que representavam o direito de cunhar moeda, alcançado pelo rei após a independência de Portugal (ver em Trindade Coelho: 1908).

Por fim, a palavra “sphyngico” tem uma ortografia bem alterada. Assim como está na ortografia da edição original temos o valor 51. O poema diz que “o rosto com que fita é Portugal” e que “Fita, com olhar sphyngico e fatal, O Occidente, futuro do passado” Aqui, FP transpõe o valor de Inglaterra (o grande império colonizador do século XIX e

início do século XX) para o “rosto de Portugal”. Assim, FP demonstra tanto a ocupação que a Inglaterra logrou fazer ante as terras descobertas pelos portugueses, superando-os na Índia e na África, como a intenção de colocar um retorno da conquista portuguesa (“O ocidente, futuro do passado”). “Occidente” soma 42, isto é o dobro de 21, ou a volta da operação 21 multiplicando 37.

A imagem da Europa como personificada na figura de uma mulher é conhecida desde a Idade Média. Em Marques da Cruz (1983) temos a reprodução dessa imagem:



No poema de FP, a Europa é personificada na figura de uma mulher, Portugal é seu rosto e por isso contém os olhos (gregos) e os destinos das mãos (Inglaterra e Itália).

O outro campo é “o das Quinas”. O poema é constituído de três quadras, com três versos octassílabos e um verso final de 4 sílabas. Com rimas cruzadas, em que em cada quadra temos um par de graves e um par de agudas. Somam assim em cada quadra 20 sílabas poéticas mais as duas que sobram nas graves, ou seja, 22 sílabas. 22, já dissemos, é o número de caminhos que existem na Árvore da Vida e a base da matemática cabalística, pois representa as 22 letras das operações. Na última quadra temos apenas uma palavra em ortografia diferenciada: “oppoz”. Assim, dessa maneira, “oppoz” equivale a 32 que é a soma dos 22 caminhos com as 10 *sefirot*. A última quadra diz:

“Foi com desgraça e com vileza  
Que Deus ao Christo definiu:  
Assim o oppoz à Natureza  
E o Filho o ungiu.”

Christo está, aqui, oposto à Natureza, uma vez que ressuscitou, o que é sobrenatural. Christo equivale à cifra 38, que é o mesmo valor de Portugal, confirmando numerologicamente a filiação de Portugal à Cristo. Natureza, por seu turno, soma 32, assim como “oppoz”. O caminho da Natureza para a compreensão é o da Árvore da Vida, a Cabala. 32 dá como resultado final 5, que é “o das Quinas”.

### ***3.2. Os 7 Castellos que são 8***

É sabido que os castelos no brasão de Portugal são em número de 7, mas nem sempre foi assim na história da bandeira portuguesa. Dom Afonso III (1248-1279) foi o primeiro rei de Portugal a inserir castelos no brasão e na bandeira. Logo após a conquista do Algarve, Dom Afonso, que não era o primogênito de seu pai, tinha que marcar uma diferença no brasão e o fez

acrescentando os castelos que representavam então as fortalezas que determinavam a proteção do território de Algarve. Embora o número de castelos fosse variável, é certo que Dom Afonso III usou na bandeira 16 castelos e 5 escudos com 16 besantes em cada. O Rei Dom João, Mestre de Avis (1385-1433) mudou a bandeira e o brasão para 12 castelos (embora houvesse variações na época, chegando a ter na bandeira apenas 9 castelos) e os besantes tiveram a quantidade diminuída para, em geral, 7 por escudo. Acrescentou ainda entre cada grupo de 3 castelos e nas posições cardeais um ramo verde de três pontas semelhante à flor de lis, marca da casa de Avis. Foi Dom João II (1485-1495) quem fixou o número de castelos em sete e o número de besantes por escudo em cinco, e ainda, endireitou a posição dos escudos, além de retirar as flores verdes de Avis.

Quanto ao significado de alguns elementos do Brasão de Armas de Portugal, o escudo de prata carregado de escudetes azuis besantados de prata aludem à mítica batalha de Ourique, na qual Cristo teria aparecido a D. Afonso Henriques prometendo-lhe a vitória, se adotasse por armas as suas chagas (em número de cinco, donde os cinco escudetes); sobre a origem dos besantes, diz-se ser a representação dos trinta dinheiros pelos quais Judas vendeu Jesus aos romanos (dobrando-se o número cinco no escudete central, por forma a totalizar trinta e não vinte cinco). Outros afirmam ser a prova da soberania portuguesa face a Leão, pelo direito que assistia ao soberano de cunhar moeda própria - de que os besantes mais não são que a constatação heráldica desse fato.

Em *Mensagem*, Pessoa estrutura sua primeira parte no brasão português a partir de Dom João II, cuja forma foi acrescida da coroa e do grifo (reinado de Dom Manuel II). Assim são 7 castelos, mas a primeira parte de *Mensagem* tem 8 poemas, sendo os dois últimos numerados de “Séptimo (I)” e “Séptimo II”. A razão, inicialmente parece ser segundo Carlos

Felipe Moisés (1996) e Jacinto & Lança (1998) à idéia de renovação e término de um ciclo que seria constituído a partir dos filhos de D. Filipa de Lencastre (“Que enigma havia em teu seio / Que só gênios concebia?”) até D. Sebastião.

Filipa de Lencastre (1359 — 19 de Julho, 1415) foi uma princesa inglesa da casa dos Plantagenetas, filha de João de Gant, Duque de Lencastre, pela sua mulher Branca de Lencastre. Existem azulejos de Jorge Colaço (1864-1942) na Estação de São Bento, Porto: Entrada de D. João I na cidade do Porto para celebrar o casamento do rei com Filipa de Lencastre.

Filipa tornou-se rainha consorte de Portugal através do seu casamento com o rei João I, celebrado em 1387 na cidade do Porto. Este casamento foi acordado no âmbito da aliança Luso-Inglesa, contra o eixo França-Castela. Filipa foi uma rainha generosa e amada pelo povo. Os seus filhos, lembrados como a *Íncrita geração* foram príncipes cultos e respeitados em toda a Europa. O rei Duarte de Portugal foi poeta e escritor, Pedro, Duque de Coimbra foi um dos príncipes mais esclarecidos do seu tempo e Henrique, Duque de Viseu, investiu toda a sua fortuna em investigação relacionada com navegação, náutica e cartografia. A sua única filha, Isabel, casou com o Filipe III, Duque da Borgonha e entreteve uma corte refinada e erudita nas suas terras.

Filipa morreu de peste negra nos arredores de Lisboa, poucos dias antes da partida para a expedição a Ceuta; segundo uns, terá sido no convento de Odivelas; segundo outros, no convento de Sacavém. A Escola Secundária D. Filipa de Lencastre, em Lisboa, foi batizada em sua honra.

Assim, essa personagem marca também uma aliança que durará muito e que terá os mais diferentes contornos entre Portugal e a Inglaterra.

### **3.2.1. Ulysses**

O primeiro poema desta secção é “Ulysses” que já foi brilhantemente estudado em termos lingüísticos e estilísticos

por Roman Jakobson (“Os Oxímoros Dialéticos de Fernando Pessoa”) demonstrando como no mais diferentes níveis ou estratos do poema (fônico, rítmico, rímico, gramatical) a idéia de oposições advinda do conceito de oxímoro (figura recorrente no poema) continua a ocorrer.

A figura de Ulisses, herói grego que segundo a lenda teria fundado Lisboa (Olissipólis) é o primeiro personagem do poema, pois marca uma fundação mítica, além dos alcances lógicos da história e da historiografia.

O poema é constituído de 3 estrofes de 5 versos cada. Em cada estrofe temos 4 versos de 7 sílabas e um verso final de 4 sílabas, considerando-se agora apenas essas sílabas temos 32 sílabas poéticas por estrofe, e já sabemos o significado desse número: a soma dos 22 caminhos com as 10 *sefirot*, ou a quina ( $3+2 = 5$ ).

A palavra “Mytho” soma 25, ou seja as cinco quinas ( $5 \times 5$ ) e também os 7 castelos ( $2 + 5 = 7$ ). Assim, de fato o mito de Ulisses marca a fundação lendária de Portugal no sentido simbólico.

A definição poética dada num oxímoro do primeiro verso para “Mytho” é: “O Mytho é o nada que é tudo”. “Nada” e “Tudo” em português são duas palavras com muitas semelhanças sonoras e formais: duas sílabas, 4 letras, o “D” aparece nas duas palavras no mesmo lugar. A oposição fica por conta dos sons vocálicos abertos (“a” em Nada) e fechados (“u”, “o” em Tudo), do som nasal inicial (“N”) com o som da oclusiva surda (“T”) e, é claro, o significado semântico.

Se “nada” e “tudo” referem-se no poema ao conflito entre lenda e realidade, mito e história, notemos que “Nada” soma 11 e “Tudo” 15. 11 é um número de avatar, em geral, não deve ser reduzido ao 2. 15, por sua vez, pode ser reduzido ao 6, que é considerado um número da perfeição e da própria Cabala (P.V. Piobb), pois “O termo Kabbalah vem de KBL, que seria igual a 132, ou seja, o Selo de Salomão ( $132 = 6$ ) (...) por sua

vez, o número 6 é o primeiro número perfeito, pois o resultado da soma de seus divisores, sem contar com ele próprio, revela ele mesmo” (p. 30).

Logo, 11 (nada) é também o número do avatar, da espiritualidade, e 6 (Tudo) é o número da ciência para o estudo do mundo espiritual, portanto, Ulisses, enquanto mito que origina Portugal histórico, representa a união do “Nada” com o “Tudo”.

“O mesmo sol que abre os céus”. A palavra “Sol” tem 3 letras, com “O” ao centro, precedido pela unidade, de onde se origina ( $S = 1$ ) e seguido pela trindade que o rege e pelo qual pode se simbolizado ( $L = 3$ ), lembremos que “O” vale 6, o primeiro número perfeito. A soma de “Sol” é 10, e este brilha nos “céus” (“É um mytho brilhante e mudo”). “Céus” tem quatro letras e soma 12. Se somamos o “Sol” aos “Céus” temos 22, o número dos caminhos para estudo das palavras no seu sentido oculto.

“Em baixo, a vida, metade / de nada, morre”. As palavras já desde Saussure se diz, são formadas por duas partes que se completam, uma visível e audível que é o significante, sua forma; a outra, oculta, apenas entrevista e só percebida pelo intelecto, o significado. Se no alto estão os 22 caminhos para o entendimento do significado oculto das palavras, na terra, a realidade se mantém presa ao sentido formal das palavras, à sua concretude lingüística e semântica e, como tal, é estéril para o entendimento que alude o poeta na nota preliminar.

Daí que “Ulysses” equivale a 19, a soma das 10 *sefirot* com os 9 números das operações cabalísticas.

### **3.2.2. Viriato**

No poema “Segundo / Viriato” temos a referência à proto-história de Portugal. Viriato, líder lusitano, lutou contra a ocupação romana, morreu em 140. a.C. assassinado por dois de seus guardas, estes subordinados por Roma. O poeta Brás Garcia compôs no final do século XVII o poema heróico

*Viriato Trágico*, dando vida e imaginação às aventuras do líder lusitano.

O Poema de FP descreve simbolicamente um processo de operação alquímica acerca da alma e da transmutação da matéria. Viriato transformou-se no símbolo de um povo (“Povo porque ressuscitou”) e de uma nação (“Nação porque reincarnaste”). As ações de ressuscitar e reencarnar são complementares sob certo aspecto, mas a primeira é de caráter aceito no Cristianismo, tendo por base a vida e morte de Jesus e a promessa da vida eterna, ao passo que a noção de reencarnação não o é. “Assim Portugal se formou” de uma soma entre essas duas operações pelas quais passou a “Alma” do herói: a ressuscitação (cristã) e a reencarnação (pagã, espírita, esotérica). Observemos o eco de “Nação” no conceito de “reencarnação”, ao passo que “Povo” contém a palavra “ovo”, o ovo filosófico (Maier, *Atlanta Fugiens*; Stengelius, *Ova Pachalia Sacro Emblemata*) dos alquimistas, metáfora da grande obra e que exige a ação contínua e a preparação do espírito para o grande feito que é a conquista e realização dessa transmutação. Não poderia, assim, deixar FP de comparar a “Alma” do herói com a “Luz” (“Luz que precede a madrugada”).

Conforme observa René Guénon (*Op. Cit.*, p. 190), o Ovo do Mundo é, na verdade idêntico ao que, (...) está também simbolicamente contido no coração e na caverna.”

Notemos, quanto à forma, que cada uma das três estrofes do poema é formada por 4 versos octassílabos, o que dá um total de 32 sílabas poéticas por estrofe.

### **3.2.3. O Conde D. Henrique**

O Conde D. Henrique, o fundador de Portugal, quando casou-se com D. Tareja, obtendo de seu pai, o rei Afonso VI, de Leão e Castela, o controle do território do Minho ao Tejo, que formava o Condado Portucalense. O poema começa com a afirmação de que “Todo começo é involuntario / Deus é o

agente”. FP considera a determinação do destino pelas mãos de Deus, cabendo aos homens o reconhecimento do caminho que se abre. Duma forma algo inconsciente, o homem deve seguir o caminho preparado, restando ao fim, o reconhecimento, a agnição ou ainda a revelação. O homem só teria conhecimento das partes, nunca da totalidade. Na segunda estrofe a espada aparece. Esta enquanto símbolo é a espada mágica, e ao erguer a espada o herói descobre nesse ato seu destino: “Ergueste-a, e fez-se”.

Esta “excalibur” lusitana, no poema, seria colocada nas mãos do herói por obra aparente do acaso, mas por ordem implícita de Deus.

Em termos de forma poética o poema tem uma metrificação complicada com muitas elisões, mas adotamos a idéia de que está constituído nas suas três estrofes (uma quadra, um terceto e um verso isolado, total de 8 versos) da seguinte metrificação: Versos híbridos na quadra e no terceto, com heptassílabos alternando-se a versos de quatro sílabas:

“To / co / me / co - É - in / vo / lun / TA / rio  
Deus / é - o / a / GEN / te  
O / he / roe - a / SI - a / ssis / te, / VA / rio  
E - in / cons / ci / EN / te

Á - es / pa / da - em / TU-as / mãos / a / CHA / da  
Teu / o / lhar / DES / ce.  
‘Que / fa / rei / EU / com / es / ta - es / PA / da ?’

E o último verso, seguindo o padrão até aqui proposto ficaria assim, como tetrassílabo: “Er / gues / te-a, - e, / FEZ / se”. Notemos a forçada acumulação na terceira sílaba do verso, sobrepondo-se, inclusive, à pausa (vírgula). A estilística ou a teoria do verso poderiam objetar vários aspectos a essa escansão, mas o nosso propósito é o de demonstração de

aspectos não propriamente estilísticos, mas esotéricos do poema, e nessa consideração, os limites da versificação são delineados pelos propósitos ocultos do poema. Não está o sentido a serviço da forma, mas a forma é um instrumento do sentido. Assim, havemos de concordar, que de modo algum ferimos aspectos substanciais da versificação no modo como apresentamos o ritmo do poema, estando, a rigor, em acordo com os conceitos rítmicos da teoria do verso. Dessa forma o poema contém 4 versos heptassílabos (redondilha maior) e 4 tetrassílabos, o que dá um total de 44 sílabas poéticas. 44 é justamente o número de poemas de *Mensagem*. No estudo historiográfico e biobibliográfico da obra de FP é tido como certo que este livro de poemas não foi pensado como um projeto acabado e que uma série de modificações foram feitas como acréscimos de poemas, reescrita de versos até sua publicação após a premiação no concurso. Como comenta Carlos Felipe Moisés:

“*Mensagem*, enfim, não obedeceu a nenhum plano preconcebido. Seu plano geral, isto é, sua complexa estruturação em partes, que se subdividem em seções, que contêm os poemas, foi imposto pelo poeta a um conjunto de composições preexistentes, às quais esse mesmo plano levou a acrescentar outros poemas, então especialmente para esse fim.”

(MOISÉS: 1996, p. 40)

Carlos Felipe Moisés está absolutamente certo, mas certo de forma absoluta na especificidade do processo que aponta, o da composição poética e, no entanto, distante no sentido da composição simbólica e esotérica a influenciar esse processo. Um poeta místico como FP, conhecedor profundo de astrologia, numerologia e que chegou a compor um heterônimo astrólogo (“Ricardo Baldaya”) sabia bem que o tempo

cronológico é um instrumento de dissimulação. Por diferentes motivos e não raras vezes na história das Ciências Ocultas, autores falsearam o ano e o local de publicação de suas obras, desde motivos ligados à fuga das garras da Inquisição, até outros mais místicos; quem sabe com certeza quando e onde viveu e morreu Fulcanelli? Quais as fontes e o método de escrita de Nostradamus? Na vida mesmo de FP, o episódio do sumiço de Aleister Crowley, como entender aquele embuste? Assim, *Mensagem* tem não apenas o dado que ora vos apresento, mas muito outros que apresentam uma outra idéia, de que o poema foi pensado como um todo e que algumas especificidades, estas sim, decorrentes do processo de escrita, foram sendo acrescidas, à medida que a experiência se desenvolvia. E o que digo, por ora, é que o poema “Conde D. Henriques” tem 44 sílabas para se referir aos 44 poemas que contém o livro, um livro que fala esotericamente de Portugal. Assim, se o Conde D. Henrique empunha uma espada, o poeta Fernando Pessoa tem como espada sua caneta, ganhando tons metapoéticos o final do poema: “ ‘Que farei eu com esta espada?’ / Ergueste-a, e fez-se.”

Notemos ainda como o poema se estrutura sob o número 4, são 4 heptassílabos e 4 versos de 4 sílabas. O brasão do Conde D. Henrique era constituído por uma cruz azul que dividia um espaço branco em quatro partes.

### **3.2.4. D. Tareja**

D. Tareja (1091-1130), filha ilegítima de D. Afonso IV de Castela e Leão e mulher do conde D. Henrique, veio a ser regente do Condado de Portugal, desse casamento nasceu um filho, D. Afonso Henriques. Depois da morte do marido, D. Tareja tornou-se amante de Fernão Peres de Trava, fidalgo galego, o que indispsôs contra ela os fidalgos portugueses e seu próprio filho, o infante D. Afonso Henriques. Em 1128, este revoltou-se contra sua mãe. Na célebre batalha de São Mamede, D. Tareja foi vencida e teve de sair de Portugal com o conde de

Trava, falecendo dois anos depois. Toda essa história serviu de base a que Alexandre Herculano compusesse um romance com doses de romantismo e imaginação, *O Bobo*.

No primeiro verso do poema de FP, lemos: “As Nações todas são mysterios”. De fato, numerologicamente “Nações” soma 21 e “mysterios” seu dobro (42), assim, 21 está contido duas vezes em 42: “Cada uma é todo o mundo a sós”. A seguir se diz num pedido a figura de D. Tareja: “Ó mãe de reis e avó de impérios, / Vella por nós!” “Vella” soma 15, isto é, 6, o número perfeito primeiro que significa também a Cabala (KBL, o selo de Salomão, 132).

“Teu seio augusto amamentou / Com bruta e natureza certa / O que, imprevisto, Deus fadou. / Por elle resa!” “Elle” tem valor 16, ou seja, 7. No poema, D. Tareja é vista na condição da ancestralidade da nação portuguesa. O nome “D. Tareja” (e observe que FP escreve assim e não D. Teresa) se representa pela cifra 23 ( $2 + 3 = 5$ ). Assim, os dois símbolos principais das armas portuguesas, a quina (no 5 de D. Tareja) e os 7 Castellos (no 16 de “Elle”: D. Affonso Henriques) estão entrelaçados na condição materna de D. Tareja para com seu filho.

### **3.2.5. D. Affonso Henriques**

O pequeno poema é formado por duas quadras de hexassílabos, o que soma 48 sílabas poéticas. O nome “D. Affonso Henriques” tem a cifra 84, ou seja, o anagrama invertido da soma das sílabas poéticas. Esta noção de inversão ou de troca aparece no final do poema: “A benção como espada, / A espada como benção”. “Benção” equivale a 22 e “espada” a 19. Ou seja, a “benção” se relaciona ao estudo dos 22 caminhos da cabala, o conhecimento; já a “espada” para tal estudo são as 10 *sefirot* e os 9 números (total 19), assim não pode haver esta “benção” sem uma tal “espada”. No início do poema se faz um pedido em forma vocativa ao “Pae”, que de D. Affonso Henriques era o Conde D. Henrique: “Pae, foste

cavalleiro. / Hoje a vigília é nossa. / Dá - nos o exemplo inteiro / E a tua inteira força”. “Pae” é 13, no tarô a carta da morte, e o Conde D. Henrique já morto agora seria substituído na vigília de Portugal pelo seu filho.

Por outro lado, se tomamos a idéia do significado cabalístico de “benção” e de “espada” esse “Pae” passa a ser Deus e cujo filho (Cristo) veio a terra cumprir uma missão, a morte, porém, nesse caso, é a do filho, que ressuscita, e não do pai. Assim, novamente a idéia da inversão ou da troca. “Cavalleiro” soma 43, ou seja, 7 (4 + 3), essa soma é de alta conceituação simbólica, pois representa a união da matéria (4: fogo, terra, ar, água) com a trindade espiritual. Desse modo, se propõe uma analogia entre a relação Deus / Cristo e Conde D. Henrique / Affonso Henriques, porém, com uma troca do papel relativo à morte.

### **3.2.6. D. Diniz**

D. Dinis (1261 - 1325) foi o sexto rei de Portugal. Fundou a Universidade de Lisboa em 1290, que transferiu para Coimbra em 1307. Apreciava poesia e música, tendo se destacado como um dos principais trovadores da Idade Média (*Cancioneiro de D. Dinis*). Considerado o criador da marinha portuguesa e também mandou plantar o pinhal de Leiria, prevendo, ao que parece, a necessidade dessa madeira para a construção de navios.

No primeiro verso se lê: “Na Noite escreve um seu Cantar de Amigo”. A “Noite” aqui é simbólica, pois se refere mais ao desconhecimento do além-mar que se desvelará a partir das navegações, do que ao período noturno. Porém, a forma adotada por FP para a composição do poema é o decassílabo (medida nova) introduzida em Portugal por Sá de Miranda tempos depois do trovadorismo de D. Dinis. Se em outros poemas temos o uso de redondilhas maiores e menores, de quadras, por que justamente no poema que fala dum rei trovador não se usa tal medida? A contradição se resolve pela

suposição de que *Mensagem* tem um caráter sibilino e apregoa não apenas a consideração do valor do passado e da tradição, mas principalmente traz a mensagem da renovação.

Se notarmos a ortografia de “pinhaes” e de “comsigo” temos para ambas as palavras o mesmo valor: 36 ( $3 + 6 = 9$ ) e a soma das duas dá 72. Pois 72 são os nomes dos gênios extraídos na cabala a partir de uma leitura anagramática de versículos de Davi (P.V. Piobb, *Formulário de Alta Magia*; Pappus, *A Cabala*; Lenain, *La Science Cabalistique*). Essa identificação de D. Diniz - rei de Portugal com Davi, segundo rei de Israel é particularmente significativa se pensarmos na condição de que ambos foram reis poetas.

“D. Diniz” tem a cifra 33, que é a mais alta cifra do avatar, na maçonaria é o grau mais alto. E nessa cifra temos outra identificação com Davi, pois em Jeremias 33, no versículo 15 está escrito: “Naqueles dias e naquele tempo farei brotar a Davi um Renovo de justiça, e ele fará juízo e justiça na terra.”

O poema é formado por duas estrofes de 5 versos decassílabos, num total de 50 sílabas poéticas por estrofe, ou seja, 10 quinas.

A “falla” que equivale a 14, a “falla dos pinhaes” contém nesse número tanto o 7 dos castellos ( $2 \times 7 = 14$ ) quanto as quinas ( $1 + 4 = 5$ ). A expressão “a falla dos pinhaes” que diz no verso 8.º que é um “marulho obscuro” também soma 72. Nesta fala o eco dos nomes dos 72 gênios está não apenas nos versículos de Davi, mas também nos pinheiros plantados por D. Diniz em Leiria. De certo, não são os mesmos gênios, nem é o mesmo significado. Na Cabala os 72 gênios têm um significado preciso, astrológico, cabalístico e filosófico para cada gênio; em FP, é uma alusão ao sentido simbólico daquela plantação que servirá para as naus de outros gênios, que virão para navegar o desconhecido.

### **3.2.7. Séptimo (I) / D. João, O Primeiro**

D. João I (1357 - 1433). Mestre de Avis, foi o décimo rei de Portugal, fundador da dinastia de Avis. Casou-se com D. Filipa de Lencastre, com a qual teve oito filhos, uma notável geração de príncipes portugueses. No seu reinado deu-se a conquista de Ceuta (1415), levada a cabo pelos filhos D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique.

Se pudemos relacionar D. Diniz analogamente ao reinado de Davi, agora quanto a D. João podemos associá-lo a Salomão. Quando lemos no poema “Mestre, sem o saber, do Templo / Que Portugal foi feito ser”, é mais do que uma referência histórica ao início da dinastia de Avis. A idéia de que D. João I tivesse sido o mestre de um Templo nos faz lembrar de Salomão e a construção de seu famoso Templo. Salomão construiu o templo (século XI a. C.) que havia sido projetado no reinado de Davi e no qual deveria se guardar a Arca da Aliança, o templo foi destruído por Nabudonosor II da Babilônia em 586 a.C.

“O Homem e a hora são um só” Observando com atenção o significado oculto desse verso, podemos notar que “Homem” soma 27 e que “hora” soma 24. A soma de 27 é  $9(2 + 7)$  e de 24 é  $6(2 + 4)$ . O que temos aqui é a sugestão de uma progressão na tabela do 3, a trindade: 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30. Os números 6 e 9 são formados pelo mesmo sinal, só que invertido geometricamente na forma um em relação ao outro. É o que se pretende demonstrar acerca das personagens D. João I e Salomão. D. João I (João = 14) é o Mestre de Avis (Avis = 14). 14 contém ao mesmo tempo os 7 castellos (pois 14 é o duplo de 7) e as quinas ( $1 + 4 = 5$ ). A chave de Salomão é um pantáculo cabalístico primordial cujo entendimento origina toda uma série de pantáculos e mandalas. Salomão soma 22, mas Rei Salomão soma  $23 + 22 = 45$ , que dá 9. D. João equivale a 18, que também dá 9.

“Teu nome, eleito em sua fama”, aqui se refere mais a Salomão que D. João, mas observemos a sonoridade de ambos

os nomes, o eco ou rima existente entre ambos os nomes, no verso seguinte “É, na ara da nossa alma interna” podemos perceber o eco do nome do rei de Israel (“nossa alma” = nosSA, ALma, nOssa, alMA) concluindo-se com o verso seguinte (“A SOMbra eterna”).

A palavra “chamma” (“A que repelle, eterna chamma”) vale 21, e “repelle” 37, multiplicando-se ambos os valores obtém-se 777, número simbólico atribuído em determinadas circunstâncias a Cristo. Já a palavra “Templo” dá em português o valor 27. Multiplicando-se 27 X 37 obtém agora o valor 999 que é o número 666 invertido. Assim a obra de D. João, como a obra de Salomão, selava uma aliança entre o homem e o divino: “Quando Deus faz e a historia é feita / O mais é carne, cujo pó / A terra espreita.”

### **3.2.8 *Séptimo (II) / D. Phillipa de Lencastre***

O enigmático segundo poema de número 7, aquele que marca o final da secção de poemas “Os Castellos”, tem significados ocultos que têm escapado aos leitores e críticos não apenas pelo fato das mensagens esotéricas serem de difícil apreensão e não ser objeto dos estudos literários essa visada, mas também por que a mensagem colocada é das mais polêmicas da simbologia esotérica.

O poema se inicia com a idéia de um “enigma”: “Que enigma havia em teu seio / Que só gênios concebia?” Acerca da questão dos gênios, veja o que falamos acerca do poema sexto dessa secção “D. Diniz”. Nos dois versos seguintes, FP fala de um “arcanjo” que veio velar os sonhos maternos de D. Filipa. Logo nos vem a mente a idéia de um arcanjo da anunciação ao modo do que ocorrera à Maria.

O arcanjo da anunciação é Gabriel, e a expressão “arcanjo Gabriel” soma 78. No poema o nome de Phillipa de Lencastre soma também 78. Esse é o número das cartas do tarô, formado por 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores (dinheiros, bastões, espadas e copas). As duas perguntas da

primeira quadra do poema: a) “Que enigma havia em teu seio / Que só genios concebia?” e b) “Que archanjo teus sonhos, veio vellar, maternos, um dia?” são perguntas feitas às cartas do tarô. Na quadra seguinte a visão da carta “Volve a sós teu rosto serio / Princeza do Santo Graal” que representa a rainha (Arcano 3 no tarô).

A colocação de D. Phillipa de Lencastre como “Princeza do Santo Graal” tem, ainda, um outro sentido oculto, pois a analogia agora não é com Maria, mãe de Cristo, mas com Maria Madalena.

No verso “Humano ventre do Imperio” logo após a “Princeza do Santo Graal” está conotada uma das idéias mais secretas daquela época na maçonaria e nas ciências esotéricas, a de que Cristo e Maria Madalena foram casados. Em *The Holly Blood e The Holly Grail* (1982), os autores Michael Baigent, Richard Leigh, and Henry Lincoln, defendem essa idéia fundamentando-se na idéia da existência de uma sociedade secreta que protegia esse segredo, bem como a descendência suposta advinda da união entre Cristo e Maria Madalena. Fernando Pessoa, ao nosso ver, parece ter conhecimento dessa idéia e a coloca sutilmente numa analogia entre a descendência de Phillipa de Lencastre e D. João I, que só “concebia gênios” (a “íclita geração”) e o conhecimento oculto da tese a respeito de Maria Madalena. Daí que o “Graal” é o “seio / que só genios concebia”.

### **3.3. As Quinas**

Foi com o rei Dom Sancho I (1185-1211) que a bandeira de Portugal ganhou as quinas (cinco escudetes com besantes, que à época de Dom Sancho eram onze para cada escudete), mas foi no reinado de Dom João II (1485-1495) que as quinas ficam na posição em que aparecem ainda hoje, isto é, endireitados na vertical, já que antes apareciam em posição radial a partir do centro; assim como também se define o número de besantes em cinco para cada escudete. Na

simbologia cristã, as quinas podem ser referidas às chagas de Cristo, significando aí renovação espiritual.

### **3.3.1. D. Duarte**

O reinado de D. Duarte (1391-1438) foi o 11.º de Portugal. O rei assumiu ainda adolescente o reinado (14 anos) e tinha, ao que parece, mais gosto pelas artes e letras do que pela política. Escreveu manuais de cavalaria: *O Leal Cavaleiro* e *Ensinança de de Bem Cavalgar Toda a Sela*. No poema de FP isso aparece nos 3.º e 4.º verso: “A regra de ser Rei almou meu ser, / Em dia e letra escrupuloso e fundo”. Essa contradição entre os deveres de Rei e os desejos intelectuais e de letras parece ter sido a marca de sua personalidade: “Firme em minha tristeza, tal vivi. / Cumpri contra o Destino o meu dever, / Inutilmente? Não, porque o cumpri.” O “Destino” aparente atribuído ao rei era o da literatura e das artes, mas teve que se desviar para cumprir o do reinado, mais uma vez, em FP o homem parece não ter controle da totalidade, mas apenas tem uma visão parcial do todo. D. Duarte não conseguia ver a sua colocação na história de Portugal, mas apenas o seu problema presente de conciliar seus anseios e seus deveres. No final, sente-se, com consolo, com o sentimento de dever cumprido, ainda que não soubesse a que causa futura.

No seu reinado, Portugal tentou a conquista de Tânger em mal fadada empreitada (1437), nessa tentativa, D. Fernando, irmão do rei, foi feito prisioneiro pelos mouros, e amargou seis anos em cativeiro, até que veio a ser martirizado diante da recusa do rei em trocar o seu resgate pela cidade de Ceuta.

Nesse sentido o já referido verso “Cumpri contra o Destino o meu dever” também assume a conotação do impasse entre salvar a vida do irmão e manter a posição da cidade conquistada em 1415.

O poema se constitui de dois tercetos de versos decassílabos. Soma assim 30 sílabas por estrofe e 60 ao todo.

Os números são múltiplos de 3 e de 5. O 5 representa as Quinas, ao passo que o número 3 se refere ao destino.

### **3.3.2. D. Fernando, Infante de Portugal**

O poema é o maior dessa secção. São três estrofes de 5 versos híbridos (decassílabos e hexassílabos).

O nome D. Fernando aparece no poema associado ao gládio que recebe de Deus: “Deu -me Deus o seu gládio, porque eu faça / A sua santa guerra.” Deus, numerologicamente em português, soma 13, o arcano da morte. E se considerarmos não a abreviatura, mas “Dom Fernando” temos o valor 55, que corresponde no tarô à carta de Dez Gládios cujo significado é de trazer infortúnios, desgraça, vicissitudes, perdas e lucros. No poema o nome “gládio” aparece ainda na estrofe final: “E eu vou, e a luz do gládio erguido dá / Em minha face calma.” D. Fernando aceita a dura prova pela qual passará: “Pois, venha o que vier, nunca será / Maior do que a minha alma.”

Se lembrarmos que o poema tem por estrofe, 42 sílabas poéticas e que o número 42 no tarô refere-se à carta das 9 taças, esta por sua vez, denota vitória, êxito, sucesso. Assim, se por um lado D. Fernando, prisioneiro, perde a vida em martírio, por outro sua morte denotará a vitória da fé. Nesse conceito D. Fernando é associado analogamente aos santos martirizados pela fé que marcaram o surgimento do Cristianismo na Europa e no Oriente: “E esta febre de Além, que me consome, / E este querer grandeza são seu nome / Dentro de mim a vibrar.” Não foi por acaso que D. Fernando ficou também conhecido como “o Infante Santo”.

### **3.3.3. D. Pedro, Regente de Portugal**

Conforme nos conta Célia Passoni (*Poesia Comentada: Mensagem*), D. Fernando (1392-1449) foi um dos oito filhos de D. João I e D. Filipa de Lencastre. Quando D. Duarte, seu irmão e rei, morreu em 1438, deixou como herdeiro seu filho D. Afonso que tinha apenas cinco anos de idade. D. Pedro tornou-

se, então regente do reino durante os dez anos seguintes, quando D. Afonso completou quatorze anos pode assumir o trono. D. Pedro entregou o governo e após o casamento da sua filha com este, retirou-se para o seu castelo. Porém, inimigos de D. Pedro convenceram D. Afonso que o tio tramava usurpar o trono o que levou o rei a investir contra D. Pedro. Este indo à Lisboa, disposto a convencer o rei de sua lealdade foi morto pelas tropas do rei no caminho em 20 de maio de 1449.

A idéia de clareza, retidão, honestidade são colocadas na personagem logo ao início do poema: “Claro em pensar, e claro no sentir, / É claro no querer”. De espírito superior, estava acima da pequenez e da mesquinhez: “Indiferente ao que há em conseguir / Que seja só o obter”.

Assim como o poema dedicado à D. Fernando, e assim também como os poemas seguintes dessa secção, a estrofação se baseia em versos híbridos (decassílabos e hexassílabos). São duas estrofes de 6 versos (3 decassílabos e 3 hexassílabos). O acento sempre na sexta sílaba, quer no decassílabo quer no hexassílabo (este por natureza própria da norma) configura uma marca numerológica importante a todas estas figuras. Já comentamos que o número 6 é o primeiro número perfeito na concepção dos estudos cabalísticos, pois é também o número do selo de Salomão e da soma da Cabala (KBL), bem como o primeiro cuja soma de seus divisores dá ele mesmo. Por outro lado, o verso hexassílabo entremeado aos decassílabos cria uma variedade rítmica que sugere que a ausência das quatro sílabas que faltam para o verso menor se emparelhar em extensão ao maior significaria aquilo que poderia ter sido, aquilo que poderia ter sido evitado, o trágico que marcou todas as figuras reais nos poemas dessa secção. D. Fernando poderia ter sido resgatado? D. Pedro poderia ter tido a “Sorte” de não encontrar no caminho as tropas de D. Afonso, D. Sebastião poderia não ter morrido em Alcácer-Qibir?

No poema em questão, se diz da incompatibilidade entre D. Pedro e a “Sorte”: “Não me podia a Sorte dar guarida / Por não ser eu dos seus.”

Porém a lealdade foi a marca que deixou: “Fiel à palavra dada e à idéia tida. / Tudo o mais é com Deus!”

“Indiferente” equivale a 70, ou seja, dez vezes os 7 castellos. Indiferente foi D. Pedro à mesquinhez da nobreza e da burguesia que se formava em torno da corte e seu prêmio foi dez vezes superior ao que poderia ter galgado com a negação de sua virtude, o nome passado na história com a adjetivação da lealdade (“Fiel à palavra dada”), da retidão e da clareza (“Claro no pensar, e claro no sentir, / É claro no querer”).

#### **3.3.4. D. João, *Infante de Portugal***

D. João (1400-1442), condestável de Portugal e avô da rainha Isabel de Castela e do rei Manuel I de Portugal. Como filho de D. João I e D. Filipa de Lencastre foi figura apagada em termos políticos e culturais em Portugal.

O poema começa com essa afirmação da importância pequena de D. João no contexto da época: “Não fui alguém. Minha alma estava estreita / Entre tam grandes almas minhas pares, / Inutilmente eleita, / Virgemmente parada”. “Virgemmente” soma 57, no tarô é a carta de 8 gládios. Uma carta ruim que indica perda de reputação, perda de processo, posição duvidosa. Se estiver ao lado de sete moedas representa discórdia, lágrimas. O poema tem 8 versos e D. Filipa de Lencastre e D. João I tiveram oito filhos (contando com D. Branca e D. Afonso que morreram ainda crianças), portanto, D. João estava ao lado de “sete moedas”.

O poema termina com a condição de D. João entre escolher a glória na história ou o nada, a vida comum: “Porque é do portuguez, pae de amplos mares, / Querer, poder só isto: / O inteiro mar, ou a orla vã desfeita - / O todo, ou o seu nada.” Ao que parece, pelo julgamento do poeta, D. João optou pela “orla desfeita” diante do mar e pelo nada diante do todo.

### **3.3.5. D. Sebastião, Rei de Portugal**

O décimo sexto rei de Portugal (1554-1578) é o personagem histórico que fecha a secção das “Quinas”. Não sendo um dos filhos da “Íclita Geração” é, porém, o personagem que fecha um ciclo, o das conquistas marítimas. Após o seu reinado e o advento do domínio espanhol, Portugal nunca mais terá o domínio e as glórias marítimas que alcançou entre o reinado de D. Duarte e o fim do de D. Sebastião.

Muito inteligente, muito impressionável, aprendendo tudo de relance, D. Sebastião era por isso mais acessível do que qualquer outro foi. Dividia o seu tempo pelas caçadas, pelos exercícios religiosos e pela leitura de livros de história, principalmente da história portuguesa. O seu grande prazer era desafiar o perigo e procurar as agruras e os descômodos da vida montesina. Ia de Inverno para Sintra, de Verão para Salvaterra e Almeirim, em dias de temporal é que ele folgava de embarcar nas galés e de ir fora da barra contemplar, da popa dos navios, o mar embravecido. Fugia do amor com uma insensibilidade notável, tanto porque julgava esse sentimento efeminado incompatível com os seus hábitos guerreiros, porque o seu espírito religioso lhe fazia ver o ideal da vida humana na castidade ascética. Tudo concorria, pois, para perder o rei e o país. D. Sebastião tornou-se completamente um escravo dos jesuítas, que tudo tinham feito por lhe desenvolver o fervor religioso que animava o seu afastamento das mulheres, porque a influencia duma mulher, esposa ou amante, destruiria para sempre a influencia do confessor. Como as cortes insistiam para que el-rei escolhesse noiva entre as princesas européias, D. Sebastião resignou-se, e principiou a negociar-se o seu casamento com a célebre Margarida de Valois, irmã de Carlos IX. A Espanha opôs-se vivamente a esse casamento, e tratou de oferecer a arquiduquesa Isabel, mas, depois por uma mudança de política, Filipe II casou esta princesa com o próprio rei de França, Carlos IX. D. Sebastião ressentiu-se dessa desfeita, e

tomou o caso como pretexto para se recusar absolutamente a entabular novas negociações para o seu casamento. Estavam, por conseguinte, seguros os jesuítas; ainda assim receavam que a avó recuperasse sobre ele o seu antigo império, mas para se livrarem desse receio, foi suficiente insinuarem-lhe que D. Catarina queria continuar a governar à sombra dele, para que o irritável monarca se despeitasse de forma, que infligiu à avó tais despeitas que D. Catarina se retirou escandalizada para o palácio de Xabregas, enquanto D. Sebastião passava em Santos ou na Alcáçova o pouco tempo que residia em Lisboa. Em Agosto de 1574 embarcou secretamente e passou a África, sem prevenir pessoa alguma. Houve grande terror, quando se soube do seu desaparecimento sem se poder suspeitar para onde ele fora. Finalmente apareceu uma carta régia, em que participava a sua expedição, nomeando regente do reino na sua ausência o cardeal D. Henrique. As pessoas mais autorizadas lhe mandaram suplicas repetidas, pedindo-lhe que voltasse. D. Sebastião voltou, mas não foi por esse motivo, foi porque nem em Ceuta nem em Tânger encontrou ocasião de combater. Os marroquinos, apenas souberam da sua chegada, retraíram-se supondo que D. Sebastião era acompanhado de todas as suas forças do reino. D. Sebastião regressou, por conseguinte, a Portugal, mas decidido a voltar em estado de tentar empresas sérias. Foi após algumas duvidosas e fúteis vitórias que na batalha de Alcácer-Qibir (1578) em que vendo a derrota iminente, lançou-se adiante entre as tropas mouras, desaparecendo junto com alguns fidalgos que tentavam em vão protegê-lo.

O poema começa com a insinuação da loucura de D. Sebastião que não sabia avaliar a gravidade de suas ânsias de guerreiro cruzado nem os danos que sua morte causaria a Portugal: “Louco, sim, louco, porque quis grandeza / Qual a Sorte não dá.” Assim, a “Sorte” já citada no poema a D. Pedro, agora novamente falta a D. Sebastião. A morte de D. Sebastião

deu origem em Portugal a uma situação de tal modo traumática que sua falta deu razão a que surgisse o mito do Sebastianismo, tendo como apoio as quadras visionárias do sapateiro Bandarra que apregoava a volta mística do rei desaparecido. FP coloca isso no poema ao separar o personagem histórico do mito: “Porisso onde o areal está / Ficou meu ser que houve, não que ha.”

A “Loucura” passa a ser apresentada como o elemento que distingue o herói do homem comum, o que difere do conceito heróico de um Ulisses, p.ex., cuja marca era a inteligência para criar meios eficientes de vencer os obstáculos e tendo como aliada da persistência a prudência para aguardar o momento certo, assim foi no episódio de Circe, do ciclope ou o final de seu aparecimento no palácio de Ítaca. D. Sebastião está mais próximo de Pátroclo, que ousou tentar a vitória sobre Tróia de modo varonil, mas inconstante, e só não conseguiu o seu intento, por ação de Apolo. Essa valorização do ímpeto como elemento determinante da loucura aparece assim no poema de FP: “Minha loucura, outros que me a tomem / Com o que nella ia. / Sem a loucura o que é o homem / Mais do que a besta sadia, / Cadaver addiado que procria?”

O poema é constituído de duas estrofes de cinco versos, cada estrofe tem 3 versos decassílabos e 2 hexassílabos, todos, portanto, com acento na 6.<sup>a</sup> sílaba. Cada estrofe contém 42 sílabas poéticas, e no tarô a carta 42 é a de 9 Taças, que ironicamente indica vitória, êxito, mas também celibato. D. Sebastião, enquanto mito, venceu, conseguiu passar do mundo histórico e real (“meu ser que houve”) para o mundo mítico (“o que há”) e não teve mulheres (celibato, influenciado pelos jesuítas que o controlavam).

O nome D. Sebastião dá a cifra 32, que corresponde à soma das 10 *sefirot* com os 22 caminhos, ou seja, a Árvore da Vida. No tarô é a carta dos 5 bastões que ao mesmo tempo que indica vitória, êxito, sucesso, por outro avisa que se deve evitar

as paixões brutais e o orgulho sob o risco de pôr tudo a perder, o que parece indicar o momento fatídico da batalha de Alcacer-Qibir.

A palavra “nella” em “Minha loucura, outros que a tomem / Com o que nella ia”, dá a cifra 16, no tarô é carta arcano maior da “Casa de Deus” que é figurada por uma torre destruída por um raio, representa derrota, mas também avisa da necessidade da transcendência, o que no caso de D. Sebastião bem se aplica.

Antes, na estrofe anterior, a palavra “Porisso” soma 38 em : “Porisso onde o areal está / Ficou meu ser que houve não o que ha.”. 38 é também a soma do nome Portugal.

“Addiado” soma 29 em “Cadáver addiado que procria?”, verso final, interrogativo. 29 pode ser reduzido a 11, número do avatar.

Por fim, a palavra “Loucura” soma 28, e é formada apenas pela unidade, pelo 3 e seus múltiplos: (3 + 6 + 3 + 3 + 3 + 9 + 1), ou seja, o indicativo da pessoa que sonha com grandes aventuras, em larga escala, dotada de grande imaginação, que no entanto, não sabe, muitas vezes, aliar isso à praticidade e à executabilidade. Notemos que o nome “Sebastião” também soma 28, estando aí já a identificação entre ambas as palavras, o Rei e sua Loucura.

### **3.4. A Coroa e Nunalvares Pereira**

Nuno Álvares Pereira nasceu na vila de Cernache do Bonjardim, conselho da Sertã, distrito de Castelo Branco. Casou com Leonor de Alvim em 1377 na Vila Nova da Rainha, freguesia do conselho de Azambuja. Quando o rei Fernando de Portugal morreu em 1383, sem herdeiros a não ser a princesa Beatriz casada com o rei João I de Castela, Nuno foi um dos primeiros nobres a apoiar as pretensões de João, o Mestre de Avis à coroa. Apesar de ser filho ilegítimo de Pedro I de Portugal, João afigurava-se como uma hipótese preferível à perda de independência para os castelhanos. Depois da

primeira vitória de Álvares Pereira frente aos castelhanos na batalha dos Atoleiros em Abril de 1384, João de Avis nomeia-o *Condestável de Portugal* e Conde de Ourém.

A 6 de Abril de 1385, João é reconhecido pelas cortes reunidas em Coimbra como Rei de Portugal. Esta posição de força portuguesa desencadeia uma resposta à altura em Castela. João de Castela invade Portugal com vista a proteger os interesses de sua mulher Beatriz. Álvares Pereira toma o controle da situação no terreno e inicia uma série de cercos a cidades leais à Castela, localizadas principalmente no Norte do país. A 14 de Agosto, Álvares Pereira mostra o seu gênio militar ao vencer a batalha de Aljubarrota à frente de um pequeno exército de 6.000 portugueses e aliados ingleses, contra as 30.000 tropas castelhanas. A batalha viria a ser decisiva no fim da instabilidade política de 1383-1385 e na consolidação da independência portuguesa. Finda a ameaça castelhana, Nuno Álvares Pereira permaneceu como condestável do reino e tornou-se Conde de Arraiolos e Barcelos. Entre 1385 e 1390, ano da morte de João de Castela, dedicou-se a realizar incursões contra a fronteira de Castela, com o objetivo de manter a pressão e dissuadir o país vizinho de novos ataques.

Do seu casamento com Leonor de Alvim, o Condestável teve apenas uma filha, Beatriz Pereira Alvim, que se tornou mulher de Afonso, o primeiro Duque de Bragança. Lembrado como um dos melhores generais portugueses, abraça nos últimos anos a vida religiosa carmelita.

Após a morte da sua mulher, tornou-se carmelita (entrou na Ordem em 1423, no Convento do Carmo, que fundara como cumprimento de um voto). Toma o nome de Irmão Nuno de Santa Maria. Aí permanece até à morte, ocorrida em 1 de Abril de 1431, um domingo de Páscoa.

Durante o seu último ano de vida, o Rei D. João I fez-lhe uma visita no Carmo. D. João sempre considerou que fora

Nuno Álvares Pereira o seu mais próximo amigo, que o colocara no trono e salvara a independência de Portugal.

O túmulo de Nuno Álvares Pereira foi destruído no Terramoto de 1755. O seu epitáfio era: *"Aqui jaz o famoso Nuno, o Condestável, fundador da Casa de Bragança, excelente general, beato monge, que durante a sua vida na terra tão ardentemente desejou o Reino dos Céus depois da morte, e mereceu a eterna companhia dos Santos. As suas honras terrenas foram incontáveis, mas voltou-lhes as costas. Foi um grande Príncipe, mas fez-se humilde monge. Fundou, construiu e dedicou esta igreja onde descansa o seu corpo."*

Nuno Álvares Pereira morreu no Convento do Carmo em Lisboa em 1431. Nuno Álvares Pereira foi beatificado em 23 de Janeiro de 1918 pelo Papa Bento XV. O seu dia festivo é 1 de Abril. O processo de canonização encontra-se aberto e ativo desde 1940.

A secção "A Coroa" tem apenas um poema, que é "Nunalvares Pereira", causa estranheza o fato de FP ter colocado sob "A Coroa" entre tantos reis que desfila em *Mensagem* um personagem que não foi rei.

Nuno Álvares é dotado de auréola no poema: "Que auréola te cerca?", esta, por sua vez, é um halo produzido pelo volteio de sua espada: "É a espada que, volteando, / Faz que o ar alto perca / Seu azul negro e brando." A espada que consegue com seu volteio produzir esse halo é uma espada divina; "É Excalibur, a unvida, / Que o Rei Arthur te deu." Aqui mais uma ironia em relação à nobreza, pois "Excalibur" a espada que só podia cair nas mãos de um rei, segundo o poema de Robert de Boron (embora na versão da *Suíte du Merlin*, foi entregue ao rei pela Dama do Lago), está nas mãos de um plebeu.

Nuno Álvares Pereira é escolhido por FP para representar sua visão da nobreza, que não está ligada diretamente à questão da hereditariedade, nem tampouco à de

uma classe social, mas sim ao valor espiritual. O poema é de 8/12/1928, portanto, já fazia dez anos que havia sido beatificado Nuno Álvares, o Senhor Portugal que é São Portugal: “Sperança consumada, / S. Portugal em ser, / Ergue a luz da tua espada / para a estrada se ver!”

“Sperança” soma 32, que já sabemos, significa a Árvore da Vida, que é a soma, p.ex., do quadrado mágico inscrito no quadro de Albrecht Dürer, “A Melancolia”.

Notável a metrificação do poema que tanto pode ser escandido em uma redondilha maior quanto em versos de 6 sílabas:

“Que-au/ RE / o / la / te / CER / ca?  
É -a - es / PA / da / que, / vol / TE-AN/ do,  
Faz / QUE-O / ar / al / to / PER / ca  
Seu-a / ZUL / ne / gro / e / BRAN / do.

Mas / QUE-ES/ pa / da - é / que -er / GUI / da,  
Faz / ES / se - ha / lo / no / CEU ?  
É -Ex / CA / li / bur, / a - un / GI / da,  
Que - o / REI / Ar / thur / te / DEU.

Spe / RAN / ça / con / su / MA / da,  
S. / POR / tu / gal / em / SER,  
Er / gue - a / LUZ / da / tu -a-es / PA / da  
Pa / ra - A - es / tra / da / se / VER!”

Ou da seguinte forma, com versos heptassílabos:

“Que / au / RE / o / la / te / CER / ca?  
É -a / es / PA / da / que, / vol / TE-AN / do,  
Faz / que / o / AR / al / to / PER / ca  
Seu / a / ZUL / ne / gro / e / BRAN / do.

Mas / que-es / PA / da / é / que-er / GUI / da,

Faz / es / se / HA / lo / no / CÈU?  
É-Ex / ca / li / BUR, / a / un / GI / da,  
Que / o / REI / Ar / thur / te / DEU.

(E)S / pe / RAN / ça / con / su / MA / da,  
[És - / se] / Por / tu / GAL / em / SER,  
Er / gue -a / LUZ / da / tu-a / es / PA / da  
Pa / ra-a / es / TRA / da / se / VER!”

Evidentemente que se pode pensar também numa hibridização do verso com um poema com versos de 6 e 7 sílabas conjuntamente, mas o fato é que com um pouco de esforço das regras de exceção se pode medir o poema tanto em 6 quanto em 7 sílabas. Essa variação do ritmo tem um sentido simbólico. A palavra “coroa” soma 25, isto é, 7, mas também pode representar as 5 quinas (5 x 5). É assim o designativo numérico da realeza, não é por acaso que nas secções “Castellos” e “Quinas” temos a presença marcante de reis. Mas “Nunalvares Pereira” soma  $42 + 45 = 87$ , que se reduz a 15 e depois a 6, o primeiro número perfeito na concepção cabalística. Assim Nunalvares Pereira está marcando a passagem da condição humana para a condição divina suplantando a condição de realeza dos reis mortais.

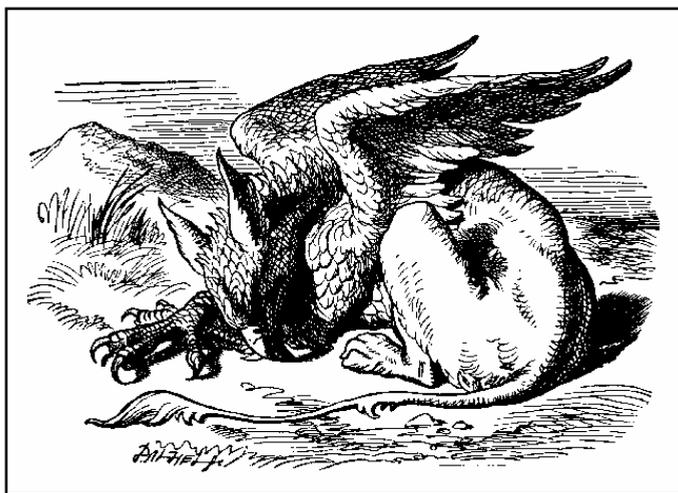
### **3.5. O Timbre e o Grifo**

Em heráldica, o timbre corresponde ao que no brasão se sobrepõe à coroa. No brasão português o timbre é representado pelo grifo, animal lendário formado pelo corpo de um leão e a cabeça e as asas de uma águia. Assim seu poder é completo, pois tem o poder da força na Terra e o poder da força no Ar. Fazia seu ninho perto de tesouros e punha ovos de ouro sobre ninhos também de outros ovos, são frequentemente descritos como sendo de ágata.

A figura do grifo aparentemente surgiu no Oriente Médio onde babilônios, assírios e persas representaram a

criatura em pinturas e esculturas. Na Grécia acreditava-se que viviam perto dos hiperbóreos e pertenciam a Zeus. Em tempos mais recentes, sua imagem passou a figurar em brasões, pois, aparentemente possui muitas virtudes e nenhum vício. Os grifos são inimigos mortais dos basiliscos. Por sua vez, o basilisco é uma serpente fantástica. Plínio, o Velho, o descreve como uma serpente com uma coroa dourada. Durante a Idade Média era representado como tendo uma cabeça de galo ou, mais raramente, de homem. Para a heráldica, o basilisco é visto como um animal semelhante a um dragão com cabeça de galo.

O basilisco é capaz de matar com um simples olhar. O único jeito de matá-lo é fazendo o ver seu próprio reflexo em um espelho.



“Grypho”, é assim que FP o grafa, com “y” e “ph”, esta escrita permite o resultado 42 que é  $6 \times 7$ , ou seja o número perfeito (no caso do Grifo o animal que une na forma o Leão à Águia) e os 7 castelos. Assim como no poema precedente, esses números (6, 7) estavam relacionados à figura de Nunalvares Pereira por meio da forma e do ritmo do poema. Notemos ainda que “Leão” dá como soma o número 6 e que

Águia dá o número 21 (3 x 7), que 6 x 7 é 42 (“Grypho”) mas 6 + 7 é igual a 13 (morte).

O grifo não é o animal usual na história dos brasões de armas portugueses. O atual brasão português sequer possui um animal quimérico em sua estrutura, tendo, no entanto, a presença da esfera armilar (que representa os conhecimentos da navegação) e dois ramos de oliveira de ouro em volta do brasão com as quinas e os castelos.

Embora FP determine o animal quimérico do brasão como um grifo, o que ele usa simbolicamente do animal é apenas sua parte de águia, ocultando a de leão. O “Timbre” se constitui de três poemas que representam a cabeça e as duas asas. O leão na heráldica ibérica está associado à casa do reino de Leão e, talvez, por isso, Portugal, reino surgido da separação de parte do território deste reino está assim também simbolicamente representado nessa secção do grifo, isto é, a parte águia do Grifo é que efetivamente se apresenta como característico de Portugal em *Mensagem*, ao passo que a parte leão (animal da Terra) condiciona a origem do reino.

### **3.5.1. A Cabeça do Grypho**

D. Henrique (1394-1460), filho de D. João I e D. Filipa de Lencastre, foi o grande incentivador das navegações portuguesas. Segundo se diz teria criado a escola de navegação de Sagres e um observatório astronômico, além de estaleiros para a construção de navios. Trouxe do estrangeiro cosmógrafos, cartógrafos, matemáticos e com eles se entregou ao estudo dos limites conhecidos e desconhecidos dos oceanos e mares. Deixou, enfim, a infra-estrutura necessária para as grandes descobertas que se seguiram após sua morte.

Como um dos filhos de D. João I e D. Filipa de Lencastre (“a ínclita geração”) não está inserido por FP na secção das Quinas (ao contrário dos outros e a exceção de D. Isabel (Isabel de Portugal -1397-1471-, casada com Filipe III, Duque da Borgonha, atuou em nome do marido em vários

encontros diplomáticos e é considerada como a verdadeira governante da Borgonha no seu tempo) que não tem poema em *Mensagem*. Isto se deve à sua função histórica de ser o grande navegante, ao passo que D. Duarte e os outros estiveram envolvidos nas questões mais imediatas do reino (o governo, a guerra com os mouros), assim seu olhar para o futuro e para o desconhecido o fazem ser simbolizado pela cabeça do grifo (que é o de uma águia).

O poema é de uma única estrofe de 5 versos (4 decassílabos e um verso final que pode ser escandido em 7, 8 ou 9 sílabas, conforme se queira, optamos pela medida menos considerada que é a de 9 sílabas: “O / glo / bo / MUN / do / em / su / a / MÃO”). Temos na nossa conta, pois, 49 sílabas poéticas. 49 equivale a  $7 \times 7$ , o que na análise da simbologia do poema é o múltiplo dos sete castelos do brasão, que é uma forma de metaforizar as conquistas portuguesas pelos mares do Mundo. Os cinco versos que compõe o poema todo, por sua vez, corresponde às quinas, desse modo na analogia com a forma e o ritmo do poema temos os números das quinas e dos castelos. No tarô, 49 é carta das duas taças e significa amor, paixão, inclinação, simpatia, atração, benevolência e união que enfrentaram sempre obstáculos e rivalidades. De fato só com muita paixão pelo sonho de conquista dos mares foi possível vencer os inumeráveis obstáculos a tal empresa.

No primeiro verso se lê: “Em seu throno entre o brilho das esferas”. “Throno” soma 36 ( $3+6=9$ ) e “esferas” dá 37 ( $3+7=10 = 1$ ). No tarô, 36 é um bastão e significa êxito, nascimento, início, criação; 37 é o Senhor da Taça e indica um homem justo e de posição social destacada. Novamente temos na relação com as cartas do tarô aspectos que definem a trajetória de D. Henrique, o infante. O “throno” a que se refere, uma vez que D. Henrique não foi rei é o do conhecimento, da ciência e nesse sentido, o número 9 indica os nove primordiais números aplicados nas operações cabalísticas, as “esferas”

que domina representam a unidade, o todo. O seu “manto de noite e solidão” é o do desvelamento do mistério, o da revelação do desconhecido, por isso “tem aos pés o mar novo e as mortas eras.” Assim se apresenta como um “Imperador que tem deveras, / o globo mundo em sua mão”.

### **3.5.2. Uma Asa do Grifo**

D. João II (1455-1495), décimo terceiro rei de Portugal, filho de D. Afonso V e da rainha D. Isabel, reinou entre 1481 e 1495. É o personagem histórico que representa uma asa do grifo. D. João II foi um grande defensor da política de exploração atlântica iniciada pelo seu tio-avô Henrique. Os descobrimentos portugueses serão a sua prioridade governamental, bem como a busca do caminho marítimo para a Índia. Durante o seu reinado conseguiram-se os seguintes feitos: 1484 – Diogo Cão descobre a foz do Rio Congo e explora a costa da Namíbia

1488 - Bartolomeu Dias cruza o Cabo da Boa Esperança, tornando-se o primeiro europeu a navegar no Oceano Índico vindo de Oeste.

1493 – Álvaro de Caminha inicia a colonização das ilhas de São Tomé e Príncipe.

São enviadas expedições por terra à Etiópia, lideradas por Pêro da Covilhã.

A totalidade das descobertas portuguesas do reinado de João II permanece desconhecida. Muita informação foi mantida em segredo por razões políticas e os arquivos do período foram destruídos no Terramoto de 1755. Os historiadores ainda discutem a sua verdadeira extensão, suspeitando que navegadores portugueses chegaram à América antes de Cristóvão Colombo (os Corte-Real). Para suportar esta hipótese são citados com frequência os cálculos mais precisos que os portugueses tinham do diâmetro da Terra. No fim do século XV, havia em Portugal uma escola de navegação, cartografia e matemática há mais de oitenta anos, onde os cientistas mais

talentosos dedicavam as suas investigações. Enquanto Colombo acreditava poder chegar à Índia por uma rota Oeste, provavelmente João II já sabia da existência de um continente no meio. As viagens do misterioso capitão Duarte Pacheco Pereira, para Oeste de Cabo Verde foram possivelmente mais importantes que o que as interpretações tradicionais supõem. Portanto, quando Colombo pediu apoio a João II este foi recusado. Colombo era um capitão sem experiência atlântica, em busca de um sonho que o rei sabia estar errado de chegar a um sítio onde João II já sabia como ir. Não havia razão para subsidiar a sua expedição. Em 1492, ao serviço dos reis de Castela e Aragão, Colombo descobriu oficialmente a América, convencido até à morte que havia chegado à Índia. Este evento iniciou uma série de disputas entre Portugal e Castela sobre o domínio dos mares. Foi esta rivalidade que levou à assinatura do Tratado de Tordesilhas a 7 de Junho de 1494. O tratado definia a linha de Tordesilhas e estipulava que as terras a leste desta linha seriam possessões portuguesas, enquanto que a outra metade do mundo seria espanhola.

Esse desejo de domínio marítimo deu continuidade às navegações iniciadas por D. Henrique. No início do poema, D. João está de “braços cruzados” e “fita além do mar”. Ele se “parece em promontório uma alta serra”, estando ali é como se fosse “o limite da terra a dominar”. Fita, enfim, “o mar que possa haver além da terra.” Na estrofe seguinte se lê que “seu formidável vulto solitário / Enche de estar presente o mar e o céu”. Sua presença marcante, fitando os limites do mundo, faz com que esse mesmo mundo se apequene diante da figura de D. João II (“E parece temer o mundo vario / Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.”). Assim, ao estado inicial de “braços cruzados” se contrapõe a potência de braços abertos, e como um promontório, seria qual um farol a não só iluminar o caminho das naus, mas também como uma rosa dos ventos, indicando com seus braços os pontos cardeais. Nesse contexto,

“ele” equivale à cifra 7 e o nome D. João II, soma 28, isto é, 4 x 7, que simbolicamente indica os quatro pontos cardeais que estarão sujeitos ao domínio dos 7 castelos.

O poema, formado por dois quartetos de versos decassílabos indica também essa analogia numerológica com os quatro cantos do mundo (leste, oeste, norte, sul).

### 3.5.3. A *Outra Asa do Grifo*

“Affonso de Albuquerque” (1453-1515) é o símbolo da conquista e do auge do império marítimo português. Se Vasco da Gama pode significar a grande descoberta marítima portuguesa, a grande façanha como navegação, Afonso é a própria conquista das terras ultramarinas, a conquista do Oriente.

Vice-rei da Índia. Serviu os reis D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I, que o mandou para a Índia, em 1503. Albuquerque tinha um vasto plano para o Império e a conquista de posições estratégicas no Índico. Com uma pequena armada, Afonso de Albuquerque conseguiu feitos espantosos, daí ter uma hoste de inimigos. Apoderou-se da fortaleza de Ormuz no Golfo Pérsico (1507) e da cidade de Goa (1510), além de Malaca (1511). Grande administrador e diplomata. Ferido em combate, morreu à vista de Goa, deixando-nos esta frase repassada de sabedoria e amargura: *Mal com os homens por amor del-rei e mal com el-rei por amor dos homens*.

Assim como D. João II é colocado numa posição estática (“Braços Cruzados, fita além do mar”), introspectiva, também Afonso de Albuquerque é paralisado por um instante para que se perceba nesse ínfimo instante todo o seu pensamento ou simbologia que o poeta lhe aplica. Como que aproveitando a boa lição de Lessing acerca das artes plásticas, aqui na poesia, FP escolhe o melhor instante para poder com ele dinamizar o antecedente e o que se segue. Ao contrário de D. Pedro e (Terceira das Quinas) e de D. Sebastião (Quinta das Quinas) a Afonso a “Sorte” foi companheira: “Desce os olhos

cansados / De ver o mundo e a injustiça e a sorte”. E, mais adiante, “Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha”. Os três impérios parecem ser o português, o árabe e o hindu, com efeito, após a conquista de Ormuz o domínio árabe sobre a região foi abalado pela presença portuguesa. “Trez”, assim grafado, pode somar 32, que é a soma do todo da Árvore da Vida, a ciência da cabala, os 22 caminhos e as 10 *sefirot*.

Afonso de Albuquerque é apresentado como um super-herói cujo enorme feito parece ter sido quase que sem esforço, mas com muita engenhosidade: “Tam poderoso que não quere o quanto / Póde, que o quere tanto / Calcára mais do que o submisso mundo / Sob o seu passo fundo.”

Na forma, o poema é constituído por uma décima de versos híbridos (5 decassílabos e 5 hexassílabos). “Affonso de Albuquerque” soma 90, ou seja 10 x 9, o que simboliza que cada verso da décima é uma demonstração da totalidade. O número 9 é simbólico da universalidade, no tarô é o ermitão e como tal representa a experiência, o conhecimento adquirido durante a vida. Este ermitão carrega uma lâmpada que significa a inteligência, usa um manto que é a discrição e um bordão que é a prudência. No poema, Afonso de Albuquerque é apresentado como um homem experiente e já cansado de tantas conquistas: “De pé, sobre os paizes conquistados / Desce os olhos cansados / De ver o mundo a injustiça e a sorte. / Não pensa em vida ou morte.”

#### **4. Nos Domínios do Mar Portuguez**

A segunda parte de *Mensagem* é aquela cuja estrutura das partes é a mais simples, são doze poemas sem subdivisão da partes, numerados de 1 a 12 em algarismos romanos.

Um dos mais ricos trabalhos analíticos do sentido esotérico dessa parte do livro de FP é o trabalho do astrólogo Paulo Cardoso (*Mar Portuguez: A Mensagem Astrológica de Mensagem*, 1990). A tese de Paulo Cardoso é que os 12 signos do zodíaco estariam relacionados aos doze poemas de “Mar

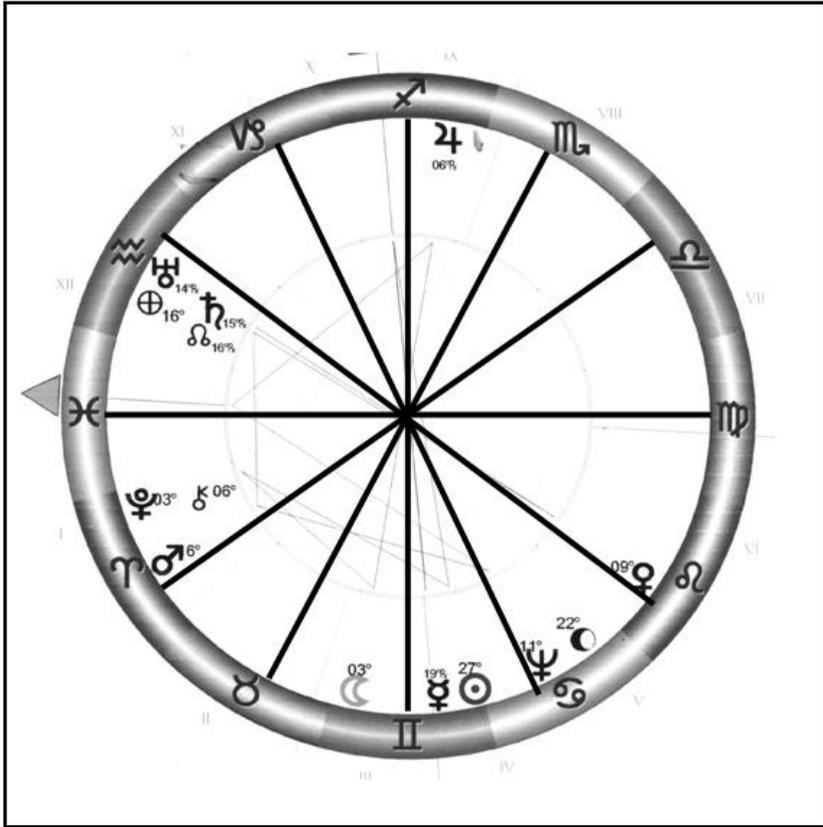
Portuguez” numa ordem correspondente à natureza geral do mapa astrológico, iniciando-se a correspondência em Áries com o primeiro poema e indo até Peixes com o último poema.

Poema	Signo	Poema	Signo
I. O Infante	Áries	VII. Occidente	Balança
II. Horizonte	Touro	VIII. Fernão M.	Escorpião
III. Padrão	Gêmeos	IX. Asc. Vasco	Sagitário
IV. Monstrengo	Câncer	X. Mar Port.	Capricórnio
V. Epithafio BD.	Leão	XI. Última Nau	Aquário
VI. Colombos	Virgem	XII. Prece	Peixes

Paulo Cardoso parte da idéia de que FP seguiu a chamada posição natural dos signos nas casas que obedece ao princípio da tradição do início da primavera no hemisfério norte. Mas, FP, ao que nos parece, não está propondo uma roda natural de signos, mas um mapa astral específico, determinado com data específica. E qual é essa data? Essa data, para acerto de Paulo Cardoso, tem Áries na primeira casa, mas não em 0° e sim em 26° 36’, estando pois o Ascendente em Peixes à 11° 59’.

Com que base propomos essas posições? Simples e até surpreendente pela lógica e coerência. O grande tema de *Mensagem* é Portugal. Mas este é um livro de natureza fundada na linguagem poética e que mantém com a obra de Camões um diálogo numa série de conceitos: patriotismo, decadência do Império Português, as grandes navegações (com destaque para Vasco da Gama), D. Sebastião além da questão das proposições ocultas numéricas, que em relação aos Lusíadas já foi objeto de estudo de Arnaldo de Mariz Roseira. O grande dia do calendário nacional português que mais representa essa condição nacional é o chamado “Dia de Portugal” que é comemorado no dia 10 de junho, uma justa e honrosa homenagem a Camões que no dia 10 de junho de 1580 veio a falecer. Se traçamos o mapa astral desse dia, colocando como horário inicial o do início do dia, temos a disposição

astrológica que combina com a proposta de Paulo Cardoso, mas agora com os acréscimos das posições astrais específicas.



O mapa astral de Camões como base para a analogia com os 12 poemas de “Mar Portuguez” acaba sendo uma das mais ricas metáforas da criação poética em *Mensagem*. O poeta, que com sua épica imortalizou as conquistas navais portuguesas na narrativa da epopéia de Vasco da Gama, serve como símbolo da nova proposta e configuração do mar para FP. De fato, não é apenas do mar que se fala, mas o oceano é, por

sua vez, metáfora do céu, e este do mundo espiritual. A nova navegação proposta é a da navegação pelo Céu, e este como metáfora de algo mais profundo.

Como comenta Paulo Cardoso:

“Os signos do Zodíaco ilustram também as várias fases do percurso anual, que vai do início da Primavera ao final do Inverno. Como traduzem, neste processo, a cíclica manifestação da vida e da morte, através do renascimento operado todos os anos na natureza, os doze signos são assim os parâmetros que entre si revelam a Trindade, ou seja, representam a imagem da Criação Divina, o Universo.”

(CARDOSO: 1990, p. 19)

Desse modo, “Mar Portuguez” é ao mesmo tempo simbologia da navegação portuguesa, mas também simbologia da busca do espírito pelo conhecimento e da razão de sua própria existência.

Neste sentido, é também, um conjunto de poemas de caráter iniciático e esotérico. “Portuguez” soma na numerologia da cabala que adotamos o número 49, que é  $7 \times 7$ , e o número sete aqui se relaciona, já o sabemos, diretamente à simbologia dos castelos no brasão. Mas 49 também dá 13, número da morte no tarô, mas que além do seu significado macabro, designa muito mais a idéia de renovação, de passagem de um ciclo, e as viagens marítimas foram causa de muito sofrimento devido aos naufrágios e desaparecimentos que constantemente ocorriam. Se somarmos o número da palavra “Mar” (14) temos ao todo 63, que no tarô é a carta de 2 gládios e que se refere à proteção contra os inimigos por meio de associações. Uma viagem de caravelas só se faz com sucesso se existe na tripulação um sentido de união e de cooperação entre todos, essa, ao que parece, foi uma das

marcas da marinha portuguesa. E se reduzimos 63 ao 9, temos o número do ermitão, do conhecimento pela experiência vivida.

#### **4.1. O Infante**

O Infante é considerado um poema que homenageia o Infante D. Henrique - o segundo no livro. Isto, de repetição de personagem, só acontece explicitamente com D. Sebastião, repetido em três poemas e D. João II, em 2 poemas. Porém, diferentemente do caso dos reis, nesse segundo poema ao Infante, não se tem o nome de D. Henrique, mas tão somente o epíteto com que ficou conhecido: “O Infante”. Se ele já foi apresentado no poema como “A Cabeça do Grypho” agora é o personagem que abre a segunda parte de *Mensagem*.

No primeiro verso (“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”) temos a relação Deus / homem definida numa cadeia de causa e consequência de caráter cristão. O sonho do homem só se torna possível na medida mesma em que Deus não apenas permite a realização do sonho, mas antes disso, a ação de sonhar. Assim, o querer de Deus se transforma em sonho na mente do homem, ou seja, em vontade que obriga o homem a cumprir o sonho: “Deus quiz que a terra fosse toda uma.” Foi, portanto, destino de Portugal o de unificar o conhecimento sobre a Terra: “E viu-se a terra inteira, de repente, / Surgir, redonda, do azul profundo.”

Notemos a escrita do verbo “querer” nestes versos (“Quere” e “Quiz”), no primeiro caso, a soma gemátrica dá 30 e no segundo 26. A soma de ambos dá 56, o total de arcanos menores do tarô, divididos em 4 grupos de 14. Ao final do poema, os dois versos finais dizem a respeito de uma obra ainda incompleta: “Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez. / Senhor, falta cumprir-se Portugal!”. Portugal dá como cifra 38, cuja soma gemátrica seguinte é 11, seu dobro é 22, o total de arcanos maiores. O que foi feito refere-se aos “arcanos menores” (a descoberta das terras, das rotas e dos mares), falta

ainda, algo maior no sentido espiritual, a descoberta do sentido da existência portuguesa: “Quem te sagrou creou-te portuguez”.

Paulo Cardoso aponta na sua leitura do poema características que considera pertencerem ao signo de Áries, como a individualidade, o gesto fecundante (“Deus quere” / “Deus quis”), a consciência da identidade (“Quem te sagrou creou-te portuguez. / Do mar e nós em ti nos deu sinal.”), o gesto expansivo e empreendedor (“E a orla branca foi de ilha em continente / Clareou, correndo, até o fim do mundo”).

O mesmo Paulo Cardoso, no entanto, identifica alguma coisa que parece estar mais ligada ao signo de Peixes quando tenta interpretar o sentido do verso “Surgir, redonda, do azul profundo”:

“Do azul profundo, ancestral, ainda esse azul infinito, não distinto, que caracteriza o signo dos Peixes, signo que antecede o de Carneiro.”

(CARDOSO:1990, p. 26)

Essa sutil sugestão do azul de Peixes pode ser explicada facilmente pela consideração de que se trata do mapa astral de 10 de junho de 1580, à zero hora, pois nesse mapa o ascendente está em Peixes (11°59’).

Outro aspecto importante desse mapa astral é que “Infante” que pode designar criança, mas também filho de rei de Portugal, mas não herdeiro da coroa (como foi o caso de D. Henrique) também é um termo militar para se referir a soldado da infantaria. Pois bem, no nosso mapa astral proposto, Marte, o planeta da guerra, está em Áries - na casa 1 - 16°18’.

#### **4.2. Horizonte**

O poema “Horizonte” como observa Célia Passoni, é desses que mais se presta ao entendimento dos elementos esotéricos:

“Só para exemplificar esse tipo de leitura mística, que também se faz de *Mensagem* aqui vai: a alma navega pela vida em ‘naus de iniciação’ em busca do Absoluto (o Longe); só depois de ultrapassar as tormentas (=dores inerentes à travessia da existência), com o fim da noite e da cerração (a morte) é que a alma descortinará o Paraíso (a Verdade) que antes era apenas uma ‘longínqua costa’.”  
(PASSONI: 1995, p. 64)

Para Paulo Cardoso o elemento característico que define aqui o signo de Touro está ligado à posse das terras conquistadas: “Abria em flor ao Longe, e o Sul siderio / Splendia sobre as naus da iniciação.” No entanto, observa o astrólogo uma espécie de passagem de elementos de Áries para o de Touro, isto se explica pelo fato da segunda casa no mapa do Dia de Portugal ser dividido pelos dois signos, com Touro dominando mais de 20 graus dessa casa.

O poema rico de elementos esotéricos enumera uma série de coisas do mar e da natureza em geral: coral, praias, arvoredos (v.2), noite, cerração (v. 3), tormentas (v.4), flor (v. 5), costa (v. 7), encosta (v. 8), árvores (v. 9), terra (v. 10), aves, flores (v.11), árvore, praia, flor, ave, fonte (v.17). A segunda casa é uma casa de valores e bens materiais, nesse caso, as conquistas marítimas portuguesas tornaram-se seu maior bem material, mas também a ponte para a ascendência para os bens espirituais tendo em vista os sacrifícios necessários para tal empreendimento.

Num termo de imagem mais concreta, não se pode deixar de ver uma cena de descobrimento de terra, com o horizonte indistinto aos poucos se clareando à medida que se aproxima da costa, documentos como a Carta ao Rei D. Manuel de Pero Vaz Caminha bem descrevem esse processo. Embora não se tenha explicitamente em “Mar Portuguez” referência explícita ao descobrimento do Brasil, não se pode

deixar de notar que “Sul Siderio” equivale a 7 e 43 respectivamente, isto é,  $7 + 7$ . Índia, o grande destino das principais navegações portuguesas equivale a 28 ( $2 + 8 = 10$ ) ou ainda  $4 \times 7$ , o dobro de 14 ( $7 + 7$ ). África, o principal obstáculo para a chegada às Índias (o contorno do Continente era uma obsessão até a viagem de Bartolomeu Dias) soma 29, isto é 11 ( $2 + 9$ ) e, que significa também  $7 + 4$ , podendo esse quatro, aqui em especial, designar os 4 pontos cardeais. Brasil soma 25, ou seja 7. “Longe” dá como cifra 26 que é 8. A soma dos nomes dos três territórios conquistados (Brasil, África e Índia) soma 82. “o Longe” e “Sul Siderio” valem conjuntamente 82. Pode-se objetar o fato de se considerar “o Longe (com o artigo) e não se considerar o artigo em “Sul Siderio”; a razão está na classe gramatical dessas palavras. “Longe” é advérbio de lugar e com o acréscimo do artigo se transforma em substantivo, ao passo que “Sul” já é primariamente substantivo. 82 reduz-se a 10 que é a soma da *tetraktys*, ou também chamada de “década”, Almada Negreiros é quem pode nos explicar esse conceito:

“(…) ‘a Década preexistia no Todo’ do neopitagórico Campano de Novare; a relação 1.4.7.10 cita por Hiérocles, a tétrada enquanto tetractis  $1 + 2 + 3 + 4 = 10$ , e tudo quanto neste sentido se saberia para o dizer aqui, confirmam a definição d’harmonia por ‘fusão, simpatia, unidade...’, e para formar sistema fora do puramente matemático, e ser conhecimento novo feito por gregos a sabedoria poética tornar-se reflectida sem deixar de o ser poética, incapaz de ser só reflectida.”

(NEGREIROS: 1948)

Não é por acaso que no tarô o número 10 se refere ao arcano maior, A Roda da Fortuna, e as conquistas e descobertas

portuguesas d' além mar significaram efetivamente a formação da fortuna e da riqueza do império português.

“Esperança” no poema soma 32 (a Árvore da Vida) e no poema a palavra “árvore” aparece duas vezes: “Em árvores onde o Longe nada tinha”, isto é, o “Longe” (a Verdade) não estava nas árvores das terras descobertas, pois que essas árvores são as da Natureza, mas no sentido material (Pau-Brasil, p.ex.) e, a segunda vez no penúltimo verso feito em enumeração: “A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte”. Aqui são 5 elementos que se relacionam aos cinco elementos alquímicos: árvore (madeira), praia (terra), flor (fogo), ave (ar), fonte (água). “Mysterio” soma 41, que é 32 (10 *sefirot*, 22 caminhos ou também as letras da gematria da cabala) somando-se aos 9 números.

#### **4.3. Padrão**

Este poema que se refere aos descobrimentos na costa africana efetuados por Diogo Cão (Congo, Angola). No padrão (monumento de pedra ou madeira feito para marcar o território descoberto) de Santo Agostinho, no cabo do mesmo nome, Diogo Cão gravou a seguinte inscrição: *“Era da criação do mundo de 6681, ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1482, o mui alto, o mui excelente e poderoso príncipe el-rei D. João II de Portugal mandou descobrir esta terra e pôr estes Padrões por Diogo Cão, escudeiro de sua casa.”*

Paulo Cardoso identifica nesse poema os elementos de Gêmeos pela ambigüidade e pela ambivalência: “O esforço é grande e o homem é pequeno” ou “A alma é divina e a obra imperfeita.”

O “Mar” aqui se reforça do sentido místico: “Que o mar com fim será grego ou romano: / O mar sem fim é portuêz.” Desse modo o “padrão” deixado por Diogo Cão tem duplo sentido, pois comunica aos homens a descoberta das terras para garantia da posse portuguesa, mas também comunica a Deus para demonstração do cumprimento do destino português já

assinalado no verso 1 de “O Infante” (“Deus quiere, o homem sonha, a obra nasce.”). Em “Padrão” a esse respeito se lê: “Este padrão sinala ao vento e aos céus / Que, da obra ousada é minha a parte feita: / O pôr-fazer é só com Deus.”

O verso primeiro da segunda estrofe tem conotação alquimista de busca da grande obra: “A alma é divina e a obra é imperfeita.”

No mapa astral de 10 de junho de 1580, zero hora, temos em Gêmeos três astros: Sol (27°29’), Lua (03°51’) e Mercúrio (19°48’). O Sol e a Lua já marcam essa ambivalência de que fala Paulo Cardoso como caráter geminiano. E Mercúrio é o planeta que se relaciona à terceira casa, pois é o planeta da comunicação, da mensagem.

Segundo René Guénon, o Sol e a Lua têm significados específicos acerca do aprendizado pela mente e pelo coração. A Lua estaria associada ao conhecimento obtido pela mente, daí a idéia de refletir, de reflexão, de pensar sobre um tema ou assunto, já o Sol é o aprendizado dos sentimentos da alma, do coração, por isso vibra, ilumina, daí o termo iluminação.

“A luz lunar é na verdade o reflexo da luz solar, o que nos permitiria dizer que a Lua, enquanto ‘luzeiro’, só existe por causa do Sol.

O que é verdade para o Sol e para a Lua vale também para o coração e o cérebro, ou, melhor dizendo, para as faculdades às quais esses dois órgãos correspondem e que são por eles simbolizadas, isto é, a inteligência intuitiva e a inteligência discursiva ou racional.”

(GUÉNON: 1989, P. 373)

Assim, em Padrão temos esse duplo significado, de um lado a mensagem histórica, racional, da conquista do território, da sua descoberta específica, de outro o que se diz “aos céus”: “Que da obra ousada, é minha a parte feita / O pôr-fazer é só

com Deus”, este “pôr-fazer” está no âmbito do Sol, da intuição, do aprendizado de caráter espiritual. A palavra “signala” em “Este padrão sinala ao vento e aos céus” vale 27, no tarô é carta dos dez bastões e significa cidade estrangeira, o exterior e denota também êxito, conquista. Note-se ainda que “vento” soma 21 e “céus” 12, isto é, números anagramáticos e opostos. Não penso em outra carta melhor para se referir ao sentido do “Padrão” de Diogo Cão.

#### **4.4. O Mostrengo**

O “Mostrengo”, quarto poema da secção “Mar Portuguesez” de *Mensagem*, é constituído por três estrofes de 9 versos cada, num total de 27 versos. Em cada estrofe são 8 versos decassílabos e um verso final heptassílabo, o que dá um total de 87 sílabas poéticas por estrofe. 87 é o espelho invertido de 78, número de cartas do tarô.

Jacinto & Lança observam o significado desse “Mostrengo”:

“O mostrengo, que remete para a figura de Adamastor, criada por Luís de Camões, no canto V da nossa epopéia nacional, *Os Lusíadas*, simboliza, no poema (tal como a figura mítica camoniana), os receios que dominam o inconsciente humano face ao desconhecido, face ao mistério.”

(JACINTO & LANÇA: 1998, p.113)

O Rei D. João II, que é colocado em analogia com “a asa do grypho” na secção anterior, destaca-se novamente como o grande impulsionador das navegações portuguesas e, sob seu reinado, os portugueses puderam vencer o medo do desconhecido e do mistério d’além mar: “E o homem do leme tremeu, e disse: / ‘El-Rei D. João Segundo!’”.

Paulo Cardoso observa as características do signo de Câncer nesse poema como “as emoções mais profundas, as

raízes ancestrais, a família, o passado, a noite do inconsciente. A água deste signo traz dissolvida nela toda a memória de uma pátria, de um povo” (*Op. Cit.*, p. 43). O “fim do Mar” e a primeira fala do “Mostrengo”: “Quem é que ousou entrar / Nas minhas cavernas que não desvendo, / Meus tectos negros do fim do mundo?” ganham um novo sentido que não contradiz a idéia de associar à figura ao Adamastor, mas que enriquece essa idéia com uma nova associação se olharmos o mapa de 10 de junho de 1580, zero hora. Lá, na casa 5, mas no signo de Câncer, encontramos o planeta Netuno (11°50’). Agora a fala ganha um sentido mais expressivo, associada à idéia de alguém que reina no fundo dos mares e nos oceanos desconhecidos. Netuno / Poseidon tem papel significativo na definição da rota errônea de Ulisses na Odisséia, e assim a ofensa ao poder do deus marinho é paga com sua ira: “Quem vem poder o que só eu posso / Que moro onde nunca ninguém me visse / E escorro os medos do mar sem fundo?”

Por esta analogia, os portugueses estariam repetindo a ousadia de Ulisses (que é personagem do primeiro poema de “Os Castellos”) ante Netuno, com a diferença de que enquanto o ulisseida retorna à Ítaca, naufrago, sem navio e sem marinheiros, os navegantes portugueses conquistaram os domínios dos mares: “Sou um Povo que quere o mar que é teu; / E mais que o mostrengo, que me a alma teme / E roda nas trevas do fim do mundo, / Manda a vontade, que me ata ao leme, / De El-Rei D. João Segundo!”

“Mostrengo” nos dá a cifra 45 que é a soma de 1 a 9, o todo dos números primários empregados na Numerologia. O conhecimento da soma de todos os mistérios, o fundo do mar, ou do inconsciente.

Asa ações desse “mostrengo” são repetidas três vezes: “Á roda da nau voou trez vezes, / Voou trez vezes a chiar.” (est. I), “Disse o mostrengo, e rodou trez vezes, / Trez vezes rodou immundo e grosso” (est. II), “Trez vezes do leme as mãos

ergueu, / Ter vezes ao leme as respondeu, / E disse no fim de tremer trez vezes” (est. III). Essa referência ao três tem mais função do que criar um efeito dramático expressivo no encontro da nau com o “mostrengo”; se optarmos por identificar essa figura com Netuno, perceberemos que uma de suas características é o uso do tridente. O número três se associa com Netuno. O número três se relaciona ao mistério espiritual, ao destino, à fé e a religiosidade. O cumprimento da vontade do rei tem no poema o sentido do destino a se cumprir associado à fé, sendo essa associação (rei e igreja) as justificativas morais e doutrinárias da expansão marítima portuguesa (conquistar terras ao rei e fiéis para a igreja de Cristo).

Sabemos pelo poema antecedente que Diogo Cão contava como data de referência nos seus padrões o da criação do Mundo segundo contagem estipulada pela interpretação dos textos bíblicos do Velho Testamento, regra que era usual àquela época. No “Padrão de Sto. Agostinho” ele mandou gravar que estava no ano de 6681 da criação do Mundo e de 1482 da era de Cristo. Se observarmos que em “Mostrengo” a expressão “trez vezes” aparece 7 vezes e se multiplicarmos ou elevarmos o 3 à sétima potência temos o valor de 7047, que em termos de data corresponderia ao ano de 1848. Nesse ano a Europa e Portugal, inclusive, foram atingidos por uma série de revoluções que teve como foco a França. As revoluções de 1848 tiveram como ponto decisivo um confronto com os governos absolutistas, a disseminação de idéias socialistas e um papel decisivo da burguesia nos destinos dos governos: “ O Mostrengo que está no fim do mar / Na noite do breu ergue-se a voar”. No ano de 1848, Karl Marx publica o seu manifesto comunista. Ainda, sobre a data de 1848, é importante destacar que foi importante para o Espiritismo, sendo considerado o início do espiritismo moderno o dia de 31 de março de 1848 quando começaram os fenômenos das irmãs Fox nos Estados

Unidos. Nesse ano, por fim, nasceu William Wynn Westcott (1848-1925) que foi o fundador da ordem secreta *Golden Dawn*, da qual, posteriormente, Aleister Crowley se tornou líder. Todos esses dados referentes à data de 1848 podem não ter qualquer relação com o poema e tudo ser apenas uma coincidência, mas é importante lembrar que no esoterismo, não raras vezes, os dados mais significativos se acham dissimulados entre uma série de dados aparentemente caóticos. Cabe lembrar ainda da polêmica amizade entre Fernando Pessoa e Aleister Crowley e de como os textos publicados pelo mago inglês são repletos de dados muitas vezes contraditórios entre si ou por demais herméticos.

#### **4.5. Epitáfio de Bartolomeu Dias**

O poema V da parte “Mar Portuguesez” se refere a um dos maiores navegantes portugueses. Bartolomeu Dias que seguindo a rota de Diogo Cão ultrapassou os limites deste, atingindo o Cabo das Tormentas (1487), posteriormente rebatizado de Cabo da Boa Esperança, definindo o limite sul do continente africano e abrindo concretamente a possibilidade de seu contorno para se atingir a Índia. Em 1497 seguiu viagem com a frota de Vasco da Gama até a fortaleza de São Jorge de Mina (Golfo da Guiné). Participou da expedição de Cabral e, por conseguinte, do descobrimento do Brasil. Quando a frota cabralina seguia para as Índias, ao dobrar o Cabo das Tormentas sua caravela naufragou, encontrando, ironicamente a morte no local que foi sua maior conquista.

O “Epitaphio de Bartolomeu Dias” é composto por uma quadra de versos decassílabos, sendo, pois, breve para sugerir mesmo a brevidade e a concisão de um texto de epitáfio, começando pela tradicional expressão “Jaz aqui”.

Seguindo nosso mapa astral e comparando-o com o de Paulo Cardoso, temos para esse poema a analogia com o signo de Leão. O poema, o quinto desta parte é composto por 113 letras, cuja soma dá o número 5 na numerologia (1+1+3). O

número 113 é um composto de outros números. O 11 do avatar indicando a missão de Bartolomeu Dias no mundo; o 1 de ser o primeiro europeu a dobrar o continente africano e o 13 da morte encontrada exatamente nesse lugar.

No signo de Leão, no nosso mapa astral, encontramos o planeta Vênus (9°14' de Leão). O signo de Leão tem como elemento da Natureza relacionado, o fogo e o órgão do corpo associado é o coração, assim como o planeta que o rege é o Sol. No entanto, no nosso mapa, Vênus é que está no signo de Leão porém já na 6.<sup>a</sup> casa. Isto reforça a paixão desse signo e dessa casa, daí a força com que Bartolomeu Dias vence os obstáculos no poema: “O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro, / O mar é o mesmo: já ninguém o tema!” A 6.<sup>a</sup> casa mostra os serviços prestados aos outros, e a viagem de Bartolomeu Dias foi decisiva para o sucesso da viagem de Vasco da Gama.

Vênus, a deusa mitológica, é a protetora dos navegantes portugueses nOs *Lusíadas*, daí buscamos um sentido em “O Mar é o mesmo: já ninguém o tema!”

Atlas é evocado no pequeno poema, o titã cuja pena seria a de sustentar a abóbada celeste nos ombros comparece no poema como forma de demonstrar não só a grandiosidade da obra de Bartolomeu Dias, mas também como forma de demonstrar os conhecimentos náuticos desse navegante que parecia conhecer todos os indícios do céu para não se perder ao mar.

#### **4.6. Os Colombos**

O poema VI de “Mar Portuguez” faz uma referência às navegações não portuguesas considerando que os descobrimentos efetuados por estes outros navegantes foram resultado ou de um abandono português de tais terras ou devido a um desinteresse específico português. O título já faz referência a Cristóvão Colombo, cuja viagem foi primeiro oferecida a Portugal, no entanto, não foi aceito seu plano pelo

rei Dom João II, indo depois oferecê-lo à Inglaterra e, por fim, aos reis católicos espanhóis.

Discute-se hoje qual a origem de Cristóvão Colombo. Existem três teses, a mais comumente aceita é a de que ele seria genovês, porém tal tese não é aceita sem esforços, uma vez que existe uma série de indícios que criam contradições com essa teoria, como a língua em que escrevia suas cartas, as especificidades de seu conhecimento acerca das cortes ibéricas entre outras. A segunda tese é a de que Colombo seria catalão ou ainda judeu da Catalunha e que para fugir à perseguição religiosa adotou nome e costumes cristãos, disfarçando também sua origem. A terceira tese é a de Colombo seria português, parente de Gonçalves Zarco, essa tese ganha força quando se observa os nomes com que batizou algumas das ilhas descobertas, como Cuba e São Salvador que fazem referências aos nomes de terras da família Zarco.

No poema de FP, os descobrimentos efetuados por outros povos são, pois, concedidos a estes “colombos” - nome resultante da transformação do nome próprio do navegante em substantivo comum: “Outros haverão de ter / O que houvermos de perder. / Outros poderão achar / O que no nosso encontrar / Foi achado, ou não achado, / Segundo o destino dado.”

Nos versos dessa primeira estrofe os verbos “ter”, “perder”, “achar” e “encontrar” têm sentidos tais que criam um jogo de oposições. O “ter” está diretamente ligado ao “perder”, de modo que os “outros” só poderão ter o que Portugal perder. “Achar” insinua a inexistência de um propósito, foi um achado no sentido de ser acidental ou casual, ao passo que “encontrar” indica uma intenção de busca. Nesse caso a navegação de Colombo poderia ter sido portuguesa, mas não o foi, as razões da recusa de Dom João II são ainda hoje motivo de controvérsia, ganhando força a tese de que o rei português já possuía conhecimento acerca da existência da América, mas seu esforços estavam dirigidos no sentido da concretização da

rota comercial para as Índias contornando a África. O plano de Colombo era o de atingir o Oriente dando a volta ao mundo, assim D. Manuel sabia que tal plano era inexequível.

Na segunda estrofe, exatamente por casualidade e falta de intenção específica que determinaria os outros descobrimentos (“achados”) fez com que FP colocasse a inexistência de uma “Magia” em contraposição às navegações lusas, todas elas, envolvidas num destino traçado e determinado por Deus: “Mas o que a elles não toca / É a Magia que evoca / O Longe e faz d’elle historia”.

“Elles” soma 17, ou seja 8 (1+7) que é o número da carta da Justiça no tarô e que na Numerologia evoca aspectos ligados ao mundo material, à organização desse mundo. Por outro lado, se o pronome fosse “Eles” teríamos 14, que se reduz a 5, valor das quinas. Assim “Elles” simbolicamente ocupa o valor de “Eles”: “E porisso a sua gloria / É justa aureola dada / Por uma luz emprestada.” Notemos que entre “Elles” e “Eles” há o acréscimo apenas de um “L” de “Luz emprestada.

O signo associado é o de Virgem e, no nosso mapa está em oposição ao Ascendente que está em Peixes. Desse modo é o Signo Descendente, o que caracteriza a oposição entre Portugal e as outras nações envolvidas no descobrimento. O sucesso delas implicou diretamente na decadência portuguesa. Como em Virgem uma das tônicas é a praticidade, foi com tal praticidade que se foi levada a cabo várias das navegações espanholas, inglesas e holandesas de tal modo, que em menos de um século já haviam superado o poder marítimo português.

#### **4.7. Occidente**

O sétimo poema de “Mar Portuguez” faz referência à posição geográfica privilegiada de Portugal para a aventura dos descobrimentos marítimos. País mais ocidental da Europa, era até antes do descobrimento a terra do Ocidente, do pôr-do-Sol. Assim os descobrimentos já estariam traçados em potência por

essa condição: “Com duas mãos - o Acto e o Destino - Desvendamos.”

As duas mãos (“Acto” e “Destino”) têm também significação esotérica. “Acto” dá a cifra 12, mas mais que isso é uma palavra cuja seqüência numérica é já um tratado iniciático. As suas quatro letras correspondem à seqüência 1, 3, 2, 6. A soma dos três primeiros números dá 6, o valor do último. 132 é o número da chave de Salomão e da Cabala (KBL). A outra mão é o “Destino”, cuja soma dá 32 e é formado por 7 letras. 32 se refere, já o sabemos, a soma das 10 *sefirot* com os 22 caminhos da Árvore da Vida. Assim, as duas mãos estão envolvidas numa experiência iniciática, esotérica fundada na Cabala, na Alquimia, na Astrologia. Esta última, a Astrologia também se evidencia pela soma de “Acto” que é 12, os 12 signos e as 12 casas. Uma das mãos “ergue o facho tremulo e divino / E a outra afasta o véu.” A mão que ergue o facho é a do Selo de Salomão, mas também da Astrologia, pois o “facho” ilumina a escuridão como as estrelas. A mão que afasta o véu é a do estudo da Cabala e da Alquimia: “Fosse a hora que haver ou a que havia / A mão que o Occidente o véu rasgou.”

“Occidente” soma 42, cuja redução dá o valor 6, assim como a soma das três primeiras letras de “Acto” e a última também. A “Sciencia” soma 36, cuja soma final é 9, referência aos números e ao conhecimento adquirido por experiência (carta do Ermitão no tarô).

O signo referente é o de Libra e como tal, a busca do equilíbrio e da harmonia são as tônicas, de modo que a experiência descrita em “Occidente” se justifica nessa busca de caráter simétrico: duas mãos envolvidas, à esquerda e à direita, de igual modo, de maneira que o que faz a mão direita implica numa reação de sentido análogo com a esquerda. O lado Ocidental do cérebro se associa à mão esquerda, ao passo que o

lado Oriental à mão direita, essa inversão de posições já corrobora o sentido simétrico e de analogia que busca FP.

As letras iniciais dos versos no poema também conotam essa simetria, se as tomamos e montamos uma tabela:

Letras Iniciais do Versos de “Occidente”		
Est. I	Est. II	Est. III
<b>C</b>	<b>F</b>	<b>F</b>
<b>D</b>	<b>A</b>	<b>A</b>
<b>U</b>	<b>F</b>	<b>F</b>
<b>E</b>	<b>D</b>	<b>D</b>

As iniciais das estrofes II e III são simétricas e parecem significar Flanco Averso e Flanco Direito, enquanto a primeira estrofe já indica a duplicidade (“Due”).

O poema conclui que a Alma e o Corpo devem estar associados para plena execução da experiência (seja a iniciática, seja a da aventura da navegação, mas ao fim, ambas são a mesma para FP): “Foi Deus a alma e o corpo Portugal / Da mão que o conduziu.”

Uma questão que se coloca é que esse poema vem logo após “Os Colombos” e na relação com o sentido desse poema, vemos uma aparente contradição, qual seja, a de que Colombo planejava navegar sempre para o Ocidente para atingir o Oriente, projeto recusado por Portugal. Já em “Occidente” a idéia é de que Portugal é quem se lança pelo lado ocidental para conquistar os oceanos. Historicamente, uma análise dos fatos não mostrará contradição, desde as viagens de Gil Eanes, Zarco, Diogo Cão e os descobrimentos dos Açores, da Madeira e a ultrapassagem do Cabo Bojador já indicam essa busca do Ocidente. A própria recusa ao projeto de Colombo já é indício do conhecimento que Portugal tinha do lado Ocidental do Mundo. No primeiro verso da terceira estrofe lemos: “Fosse Acaso, ou Vontade ou Temporal / A mão que ergueu o facho

que luziu” podemos lembrar dos mistérios envolvidos nas expedições portuguesas. A expedição de Cabral, p.ex., ainda gera controvérsia, suspeitando uns que o descobrimento do Brasil tivesse sido obra do acaso, erro de rota ou desvio causado por temporal e outros que foi projetada, fundada em informações confiáveis anteriores. O Brasil foi o descobrimento para o lado Ocidental mais significativo de Portugal.

#### **4.8. *Fernão de Magalhães***

Este navegante português distinguiu-se em missões nas Índias, nas Ilhas Molucas e Malaca. Participou das expedições de Francisco de Almeida, de Diogo Lopes e de Francisco Serrão. Considerando que não recebera o devido prêmio por seus trabalhos na região decide procurar Carlos V, rei da Espanha, a quem oferece um plano de circunavegação que implicava em atingir as Índias pelo Ocidente até as Molucas e iniciar o comércio de especiarias para os Espanhóis. Partiu na viagem com 5 navios e 256 marinheiros em setembro de 1519.

Quando atinge o Estreito ao sul do continente americano que hoje leva o seu nome (Estreito de Magalhães) fez uma parada de alguns meses para reparos. Buscando a saída para o Pacífico acaba por perder duas caravelas. Navegando pelo Pacífico descobre as Ilhas Marianas e as Filipinas. Nas Filipinas após alguns contatos com nativos, na ilha de Cebu, Magalhães é morto numa emboscada. Uma das caravelas é queimada pela tripulação tendo em vista que restavam pouco homens para tripular três caravelas. Com duas apenas, segue a viagem agora sob o comando de João Sebastião de Elcano. Uma caravela vai pela rota do Índico, buscando desviar das naus portuguesas. A outra pretendia voltar para as Américas e contatar os espanhóis na região, porém acabou tendo que voltar para reparos. Depois disso seguiu pelo Índico, mas acabou prisioneira dos portugueses. El Cano regressou à Espanha, em 1552, três anos depois da partida, com apenas uma caravela e

18 homens, mas estava feita a primeira circunavegação do globo.

O poema de FP começa pela descrição de uma cena que depois é definida como a dança de Titãs, mas que antes disso parece ser a dança de selvagens nativos das Filipinas onde Fernão de Magalhães fora morto: “No Valle clareia uma fogueira / Uma dança sacode a terra inteira / E sombras disformes e descompostas / Em clarões negros do valle vão / Subitamente pelas encostas / Indo perder-se na escuridão.”

Na segunda estrofe se define que tais figuras na escuridão são os Titãs da mitologia greco-romana, dançando pela morte de Fernão de Magalhães que ousou “cingir o materno vulto - / Cingi-lo dos homens, o primeiro -, / Na praia ao longe por fim sepulto”.

Porém, os Titãs não sabem que a viagem continua com a proteção do espírito do navegante: “As naus no resto do fim do espaço: / Que até ausente soube cercar / A terra inteira com seu abraço.”

O signo associado é o de Escorpião. Paulo Cardoso aponta a “associação que se estabelece entre Escorpião e a morte, o negro, o silêncio, o mistério, o oculto e o secreto.” De fato, esses elementos todos podem ser relacionados com a viagem de Fernão de Magalhães.

Esotericamente o poema faz na dança dos Titãs a insinuação de um ritual de sacrifício sabático. Por outro lado, também apresenta a alma com a capacidade de, estando separada do corpo, continuar a agir no mundo terreno: “Pulso sem corpo ao leme a guiar”. “Valle” dá como cifra 16 e “Titans” soma 20. 16, no tarô, é a carta da “Casa de Deus” representada por uma torre em chamas; 20, por sua vez, é a carta do Julgamento, representada por um Gênio que toca uma trombeta sobre um túmulo que se entrea bre. A simbologia destas cartas com a figura proposta por FP no poema é clara e

objetiva: o julgamento da alma de Fernão de Magalhães se fez pela sua obra incomparável para o esforço humano.

#### **4.9. *Ascensão de Vasco da Gama***

O primeiro verso de “Ascensão de Vasco da Gama” retoma uma imagem já sutilmente delineada no poema anterior, a guerra entre os deuses do Olimpo e os Titãs: “Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra / Suspendem de repente o ódio da sua guerra / E pasmam.” O “Valle” é novamente citado, agora definido como “valle onde se ascende aos céus”. Sutileza também como evocação maçônica no sentido de fazermos uma analogia entre tal “valle” e a escada.

A idéia de uma ascensão aos céus à alma de Vasco da Gama reinterpreta a figura histórica mitificando-a. A forma triunfal como se dá essa “ascensão”: “Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta / Cahe-lhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões, / O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta.”

Vasco da Gama é definido ao final do poema como um “argonauta”, colocando em definitivo sua condição mitificada e heróica.

Nesse sentido o céu para o qual a alma do navegador sobe não é propriamente o céu cristão, mas o céu da mitologia greco-latina: “deuses da tormenta”, “gigantes da terra”, “argonauta”. E quem assiste a tudo atônito é um pastor com flauta.

Dalila Pereira da Costa vê nesse poema a simbologia do auge da aventura marítima portuguesa:

“Aventura que terá seu pleroma na Ascensão de Vasco da Gama: por ele ainda e também, representando seu povo de argonautas: como prêmio de toda uma dor aceite e sofrida.”

(COSTA: 1996, p. 289)

O poema possui também uma ordenação simétrica com insinuações esotéricas bem organizadas. O poema é composto por 2 estrofes, uma de 7 versos e a segunda de 3 versos. Os números 3 e 7 já são de per si muito significativos para *Mensagem*: a trindade e os castelos do brasão português, a relação entre Cristo e as navegações portuguesas como analogia do percurso espiritual de elevação.

Os versos são alexandrinos com cesura na 6.<sup>a</sup> sílaba. Assim a primeira estrofe soma 84 sílabas poéticas e a segunda 36. Porém se contarmos os hemistíquios separadamente teremos 42 para o conjunto de 1.º hemistíquio da primeira estrofe, assim como também 42 para os segundos dessa mesma estrofe e 18 sílabas poéticas aos hemistíquios da segunda estrofe.

Não nos deteremos no significado dos números 42 (6) e 18 (9) pois uma breve consulta aos manuais de numerologia e cabala resolverá a questão. Mas iremos direto ao nosso intento, e para isso, somaremos aos hemistíquios iniciais da primeira estrofe as 7 sílabas com que fazem cesura, totalizando assim 49 sílabas poéticas. Já para os segundos hemistíquios dessa primeira estrofe somaremos as 4 sílabas que sobram das palavras graves que terminam os 4 versos, totalizando aí 46 sílabas.

Na segunda estrofe somaremos 3 sílabas de cesura às 18 sílabas do conjunto de hemistíquios iniciais e obteremos 21 sílabas poéticas, o mesmo ocorrerá com os segundos hemistíquios dessa estrofe pois todas as palavras finais são graves. Na tabela a seguir podemos ver o conjunto desses números:

Quantidade de Sílabas Poéticas				
	Estrofe I		Estrofe II	
	Natural	Com Cesura	Natural	Além Tônicas
1.º hemist.	42	49	18	21
2.º hemist.	42	46	18	21
Total estrofe	84	95	36	42
Total Poema	120	137	120	137

A análise desses números produz interpretações importantes para o entendimento do processo e do significado oculto da “Ascensão”.

49 é  $7 \times 7$  ou 7 elevada à segunda potência. Número cabalístico encontrado com relativa frequência nos textos do Velho Testamento e na Torá. Como *Mensagem* se refere de modo direto a uma simbologia portuguesa trabalhada por FP, aqui vemos os 7 castelos multiplicando-se sobre si mesmo a partir do processo de desenvolvimento da navegação marítima. 46 dá como soma 10 e pode ser interpretada como as 10 *sefirot*, ou ainda, esse 10 se resume em 1, a busca da unidade, do entendimento do todo que só é possível após a compreensão de cada um dos poemas e personagens que compõem a obra. 21 é  $3 \times 7$  e a segunda estrofe é totalmente simétrica nesse contexto, ao passo que a primeira possui uma assimetria entre os totais gerais dos hemistíquios (49 e 46), a diferença entre elas é de 3, a trindade. De fato, se diz no primeiro verso que temos de um lado “os deuses da tormenta” ( $49 = 4 + 9 = 13$ ), e de outro “os gigantes da terra” ( $46 = 10$ ) que pode representar as *sefirot*, a soma da *tetraktys*, mas também a Terra, e de fato o quadrado mágico da Terra é feito em 10 por 10.

Na segunda estrofe temos duas vezes 21, a soma 42 equipara a estrofe com a soma natural de cada hemistíquio da primeira estrofe, e se notarmos que aqui a cena é descrita como “Em baixo”, na “terra”, essa equiparação é simbolicamente a ascensão. Por sua vez, 21 é  $3 \times 7$ , na gematria podemos

interpretar 3x7 como 37, se multiplicarmos 37 por 21 obtemos o número 777 que é uma representação que em alguns casos se atribui à figura de Cristo. Nesse caso não é mais da “ascensão” ao céu mitológico greco-latino, mas ao céu cristão. E se prestarmos atenção no segundo verso dessa segunda estrofe descobriremos um anagrama significativo dessa “ascensão”: “Cahe-lhe e em êxtase vê, à luz de mil trovões” podemos, fazendo a escansão do poema notar alguns acentos: “Cahe-LHE e em ÊXtase VÊ, à luz de MIL troVÔES”.

Se pensarmos em termos da Cabala Judaica e observarmos a sonoridade contida nesses acentos temos He (CaHE-LHE em ÊX-), VAU (VÊ, À LUZ), IOD (MIL). A seqüência he-vau-iod-he é conhecida da Cabala, é o nome de Deus no tetragrama: IEVE.

Assim após essa evocação subliminar, o céu se abre como um “abysmo” e a alma do “Argonauta” sobe. “Abysmo” soma 19 que é também chamado de o “número da totalidade” pois compreende as 10 *sefirot* e os 9 números. “Cahe-lhe” soma 33 que é o número máximo do avatar, assim como o grau máximo de mestre em várias lojas maçônicas.

No nosso mapa astral o signo relacionado é o de Sagitário, signo envolvido com as viagens, com a compreensão, amante da liberdade. O astro regente desse signo se encontra sob esse signo em nosso mapa astral, Júpiter está na posição 6°19’, mas em movimento retrógrado. Isso relativiza as conquistas materiais ao domínio e compreensão dos aspectos espirituais envolvidos.

Nessa posição é também o Meio-Céu, a posição mais elevada do céu, aí está Vasco da Gama em “ascensão”.

#### **4.10. Mar Portugal**

O décimo poema é homônimo da segunda parte de *Mensagem*. Poema que contém um dos dísticos mais famosos da literatura em língua portuguesa: “Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.”

O poema não faz referência a nenhum personagem histórico em particular, mas propõe-se a levantar um conceito acerca do sentido da navegação. O grande e imenso trabalho a que se deram os portugueses de conquista dos mares custou um altíssimo preço em vidas. Naufrágios, guerras, emboscadas, doenças que no conjunto ceifaram um número expressivo de vidas. Já em Gil Vicente, no *Auto da Índia*, por exemplo, se discutia esse preço pago pelas navegações. No épico de Camões a fala do “Velho do Restelo” também vem compor coro com esse tema.

O poema começa com uma “transmutação” de lágrimas em sal: “Ó Mar Salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal”. Temos algo semelhante ao *Solve et coagula* dos alquimistas:

“*Solve et coagula* é um chamamento a que se alterne a dissolução, que é a espiritualização ou sublimação dos sólidos, com a coagulação, que é a rematerialização dos produtos purificados da primeira operação. O aspecto cíclico é descrito, com grande clareza, por Nicolas Valois: ‘*Solvite Corpora et coagulate spiritum* - dissolver o corpo e coagula o espírito’.”

(DE ROLA: 1996, p. 16)

As lágrimas (líquido) são transformadas em Sal por “Sublimatio”, estas por suas vez, são dissolvidas na água do mar por “Solutio” e se retira do Mar o Sal por meio da “Evaporatio”, nesse processo temos a sublimação do sólido (sal) na lágrima e na água do mar e a rematerialização na evaporação da água. Lágrima está ligada ao sentimento, ao espírito, e Sal é a matéria sólida resultante da transformação dessa Lágrima.

As “mães choraram” pelos filhos que morreram ao desaparecerem ao mar. Estes “resaram” pelas suas vidas e as

noivas “ficaram por casar”, esse é o preço da operação alquímica que envolve a navegação marítima.

A questão que se coloca (“Valeu a pena?”) remete também a uma polêmica alquímica que muitos alquimistas colocaram, uma vez que um dos objetivos práticos da “Grande obra” era na transmutação dos metais conseguir transformar ferro ou outro metal menos valioso do que o ouro em ouro. Muitos tentaram com flagrantes fracassos, alguns conseguiram algum aparente sucesso, porém, entre os ingredientes iniciais ia já uma certa quantidade de ouro que, não raras vezes, era menor do que o resultado final obtido; ficaram lendas de alguns alquimistas que efetivamente teriam conseguido essa transmutação rentável e valiosa, porém, se diz que atingiram tal estado espiritual, que o ouro obtido tinha pouca valia diante do estado espiritual que atingiram. Nicolas Flamel e Valentim seriam uns desses tais.

Fernando Pessoa resolve a polêmica exatamente por essa questão do valor espiritual da empreitada: “Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.”

Adiante, os versos : “Quem quer passar além do Bojador / Tem que passar além da dor.” Da palavra “Bojador” se extrai a idéia (Boja - dor, isto é, “bojar”= salientar, sobressair, no caso, a dor). Para se realizar a “Grande Obra” deve-se pagar um preço que envolve um apuro espiritual que superam as necessidades materiais imediatas.

Nos versos finais temos outra indicação esotérica: “Deus ao mar o perigo e o abysmo deu, / Mas nelle é que espelhou o céu”. Aqui temos uma das leis da tábua das esmeraldas atribuída a Hermes Trismegistus: “O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar os milagres de uma mesma coisa”.

O poema é composto de duas estrofes de 6 versos cada. Em cada estrofe temos três versos decassílabos e três versos

octassílabos. Nessa incomum estrofação, ainda temos o mesmo número de graves e agudas nas rimas das duas estrofes. 4 agudas e 2 graves. Somando-se as sílabas poéticas de cada estrofe (54) com as duas sílabas além tônica de cada estrofe temos 56. Esse número é o total de arcanos menores. A simetria das duas estrofes confirma a noção de equiparação entre dois mundos, o espiritual e o terreno. A navegação portuguesa deve estar presente nesses dois mundos.

O signo associado no mapa astral é o de Capricórnio. A ambição de conquistar o mundo pelos mares só é comparável à necessidade de compreensão dos desígnios de Deus, eis o elemento capricorniano mais ativo nesse nosso mapa.

“Nelle” soma 21, essa união do pronome pessoal com a preposição se refere ao “mar”, cuja soma é 12, imagem invertida de 21, mas cuja soma de cada é a mesma: 3. O “perigo” e o “abysmo” dados ao mar, valem respectivamente 43 (7) e 19 (6). Existe uma equivalência entre “abysmo” e “dor” que também soma 19 (6). 21 (“Nelle”) adicionado ao “mar” a que se refere, dá 33. Esse número é definido como o número máximo do mestre. Só se atinge esse grau quando se tem a compreensão das coisas da terra e sua relação com as coisas do céu. Para tal, a superação da “dor” (“abysmo”) que separa a compreensão do que liga os dois mundos (espiritual e material) é que permite a chegada a esse grau. O “perigo” somado ao “abysmo” dá 13, o número que no tarô refere-se à carta da morte, que significa renovação e passagem de ciclo: “Valeu a pena? Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.”

#### **4.11. A Última Nau**

O penúltimo poema desta secção de *Mensagem* faz alusão em caráter sebastianista à figura mítica de D. Sebastião: “Levando a bordo El-Rei D. Sebastião / E erguendo, como um nome, alto o pendão / Do Império”. O desaparecimento do rei abriu a possibilidade mesma de sua mitificação: “Não voltou mais. A que ilha indescoberta / Aportou? Voltará da sorte

incerta / Que teve?” Essa sugestão de que D. Sebastião terá ido para uma ilha desconhecida aproxima o mito sebastianista do mito arturiano. A este respeito Julius Evola considera:

“O centro hiperbóreo, entre suas inúmeras denominações, que passariam a ser aplicadas inclusive ao centro atlântico, teve a de Thule, a de Ilha Branca ou do ‘Esplendor’ - o *çveta-dvipa* hindu, a ilha *Leiké* helênica - de ‘semente originária da raça ariana’ - *airyanemvaéjô* - de Terra do Sol ou ‘Terra de Apolo’, de Avalon. Lembranças concordantes em todas as tradições indo-européias falam do desaparecimento desta sede, que se tornou mítica, em relação a um congelamento ou a um dilúvio. Esta é a contrapartida real, histórica, das diferentes alusões a algo que, a partir de um determinado período, teria sido perdido ou teria se tornado oculto ou impossível de se encontrar.”

(EVOLA: 1988, p. 25)

No caso português foi importante a disseminação da lenda do Reino do Preste João que parecia ter sua fundamentação na identificação com a Etiópia, cujo rei seria descendente de um dos três reis magos. Pero de Covilhã fez uma navegação para descobrir a exata localização de tal reino e com base em suas informações Francisco Álvares publica no final do século XV o “*Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*”.

O poema de FP alude ao fato do sebastianismo acreditar na volta de um mítico “D. Sebastião” que viria restaurar a glória perdida do império português (estrofe III). O ato de esperar a volta dessa figura, misto de lendária e divinizada, que liga o profano ao sagrado, o império da terra ao sentido espiritual de reino do céu já é um indício de elevação do próprio sentido do mito sebastianista para um conceito mais

próximo de elevação ou iluminação: “Não sei a hora, mas que há a hora. / Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora / Mysterio.” A luz do Sol é a metáfora dessa iluminação: “Surges ao sol em mim, e a nevoa finda / A mesma, e trazes o pendão ainda / Do Império.” Porém, o “pendão do Império” embora sendo o mesmo já não simboliza o mesmo império, isto é, o seu significado agora é outro e se relaciona mais ao sentido que essa iluminação pode causar em seu espírito.

A palavra “presago” dá como soma o número 36 (9) que é o número do ermitão, do conhecimento pela experiência, no caso do poema, pela própria espera. O “Mysterio” soma 41 (que é ao final o 5 das quinas), esse “Mysterio” que não tem “tempo” (23 - ou seja, 5 de novo) e “espaço” (18 - que dá 9 como o “presago”) é simetricamente equilibrado pela soma das dimensões de “tempo” e “espaço” (cujo resultado também é 41). Assim, a revelação do “Mysterio” não necessita da chegada concreta de “D. Sebastião”, mas apenas a compreensão do sentido dessa espera já traz a revelação do seu significado.

Em termos formais, é significativo perceber que o poema tem 4 estrofes, que em cada estrofe tem 4 versos decassílabos e 2 dissílabos, soma por isso, 44 sílabas poéticas para cada estrofe. 44 é justamente o número de poemas de *Mensagem*, essa uma outra significação metafórica para o livro, o de ser a “Última Nau”.

No nosso mapa astral, o signo referido é o de Aquário. O glifo do signo costuma ser representado por traços que representam ondas. Nada melhor para representar a vinda desse mito que ressurgiria do mar. A imaginação é a palavra-chave desse signo, justamente a faculdade que é necessária para a criação de um mito. O astro regente, Urano encontra-se em 14°44’ desse signo. É um planeta que entre outras coisas rege o oculto, a mágica, a psicologia, a astrologia, a luz e a originalidade. A palavra-chave desse astro é “o despertador”,

com essas qualidades é o astro que melhor indicaria a chegada e a revelação do sentido de D. Sebastião.

Ainda em Aquário temos a presença dos seguintes astros: Saturno (15°27'), a Terra (16°21') e a colocação do Nodo Norte (16°46' - em movimento retrógrado).

Saturno, astro ligado aos poderes mágicos e de feitiçaria, antigamente era conhecido como “o grande maléfico” e rege a demora e a tristeza (“Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora”). A Terra no mapa astral está sempre em exata oposição ao Sol e representa as questões materiais e profanas. O Nodo Norte indica o ganho, o acréscimo. A conjunção Saturno com Urano indica aqui o respeito às tradições, porém, esse respeito é acompanhado de um olhar para o futuro, em busca de novas interpretações. Com efeito, FP busca dar um sentido novo ao mito sebastianista e seu livro *Mensagem* vem colocar esse novo sentido em pauta.

#### **4.12. Prece**

O último poema de “Mar Portuguez” como que apresenta um desejo, um pedido à divindade, no sentido do reconhecimento da fé e da esperança que norteia a espera pronunciada no poema anterior. No primeiro verso a noite é o símbolo da decadência portuguesa: “Senhor, a noite veio e a alma é vã”. Em contraposição aos esforços sobrehumanos para a conquista dos mares (“Tanta foi a tormenta e a vontade!”) está o estado presente, marcado pela perda de tudo o que havia se conquistado: “Restam-nos hoje, no silêncio hostil, / O mar universal e a saudade.”

Porém a esperança se mantém: “Mas a chamma que a vida em nós creou” ainda que de modo oculto e sutil: “O frio morto em cinzas a ocultou” e espera o momento de se revelar: “A mão do vento pode ergue-la ainda”.

A reconquista que se reclama não é necessariamente a do império marítimo, mas sim uma outra cujo sentido se mantém oculto apenas para os não iniciados: “E outra vez,

conquistemos a Distância - / Do mar ou outra, mas que seja nossa!”

A data colocada como a de escrita do poema pode não ser a real, mas simbólica: 31-12-1921 / 1-1-1922. A passagem do ano como símbolo da passagem para uma nova era, um novo tempo que essa esperança prenuncia. Em termos de significação desses números, a data de 31/12/1921 corresponde aos números 4, 3 e 13. A soma dos dois primeiros dá 7, mas logo se segue o 13, número considerado ligado à morte, mas também à renovação, à passagem para um novo ciclo. Já a data seguinte soma 1, 1 e 14. 14 é duas vezes 7, temos aí os “castellos” reais, históricos do brasão português, mas também os simbólicos da iniciação, da iluminação do sentido oculto para Portugal como país avatar de uma nova era espiritual. A soma geral dessa data dá 16, que no tarô é a casa de Deus, e o resultado final é 7, agora apenas o permanência do sentido oculto.

“Chamma” soma 19, que é a união das 10 *sefirot* com os 9 números, estes os elementos necessários para manter acesa a chama do entendimento do oculto. A “Distância” que se quer reconquistar vale a cifra 35, cuja soma final é 8, o caminho da perfeição e do infinito.

O signo associado no mapa astral é o de Peixes e aí está o ascendente em 11°59’. Este “ascendente” marca aqui o momento de passagem, de elevação, de iluminação e ressignificação dos mitos anteriores.

### **5.O Encoberto: Uma Parte Sibilina?**

A terceira e última parte de *Mensagem* é “O Encoberto”, clara referência de caráter sebastianista, uma vez que D. Sebastião foi cognominado assim após o advento das trovas de Bandarra, sendo que antes era o rei chamado de “O Desejado” tendo em vista a intrincada trama que envolveu seu nascimento ao tempo de Dom João III.

Esta parte é constituída de 13 poemas, já por si um indicativo do sentido de renovação de ciclo que esse número envolve.

“Treze pessoas à mesa, por exemplo, é considerado, muitas vezes mau augúrio. Provavelmente devido à recordação da Ceia Sagrada que, aparentemente, não trouxe felicidade a Jesus, o ‘décimo terceiro conviva’. Isso é evidentemente, uma idéia sem futuro, pois, a se acreditar nas Escrituras, a morte de Jesus foi seguida da Ressurreição!

O número 13 sugere, portanto, nesse contexto, a morte da matéria e o nascimento do espírito: a passagem para um plano superior de existência.”

(CHABOCHE: 2000, p. 169)

Esta parte do livro está dividida em três secções, duas com cinco poemas cada (“Os Symbolos” e “Os Tempos”) e uma com três poemas (“Os Avisos”), esta secção colocada no meio das outras duas dá simetria ao todo.

O sentido messiânico que envolve o mito de D. Sebastião e o modo como FP - notadamente na secção de “Os Aviso” - interfere e reinterpreta esse mito, dá a esta parte uma conotação algo sibilina, como de um livro de profecias que anuncia um tempo vindouro fundado na esperança da realização do mito. Porém, ao que nos parece, esse aspecto dito sibilino é antes resultado de um processo de ressignificação dos símbolos que envolvem esse mito. Desse modo, o que pode parecer messiânico ou profético é sim resultante da colocação de um novo significado ao contexto, esse novo significado envolve, inclusive, a própria inserção do livro e do autor no paradigma.

### ***5.1. Os Symbolos Resignificados***

Na secção “Os Symbolos” - formada por cinco poemas - estão entrelaçados os temas do sebastianismo, do quinto império e das terras descobertas. São, pois, 5 os símbolos tratados a partir destes temas e que dão nomes aos poemas: “D.Sebastião”, “O Desejado” e “O Encoberto” referem-se mais diretamente ao sebastianismo. “O Quinto Império” já diz no título o seu assunto e “As Ilhas Afortunadas” têm ligação com a idéia de um lugar hiperbóreo, mítico, espécie de reino do Preste João em que viveria suspenso ao tempo do nosso mundo a figura de D. Sebastião.

Antes de mais nada precisamos definir qual idéia de símbolo se mostra mais adequada para nossa análise dessa secção.

Dan Sperber observa que uma visão semiológica pode não ser suficiente para abarcar a questão quando esta se refere a aspectos culturais e antropológicos:

“O Semiólogo, de nenhum modo desencorajado, procura o que os símbolos simbolizam e, já que a resposta não está nem no campo de sua intuição, nem no de sua percepção, é porque ela está escondida: seja porque a escondam, seja porque ela se esconda. Daí as duas únicas concepções semiológicas possíveis: simbolismo crítico ou simbolismo inconsciente.”

(SPERBER: 1978, p. 27)

De fato, a noção ou o conceito de símbolo advindo da semiologia ou ainda, mais especificamente, da semiótica peirceana, ou mesmo o da lingüística saussureana não são plenamente satisfatórios para a compreensão da obra. Isso se dá porque tais conceitos trataram do aspecto lingüístico e a partir dele criar desdobramentos interpretativos do conjunto, porém, aqui o que temos é algo que é menos palpável racionalisticamente ou metodologicamente e que envolve algo

que se direciona para uma ambigüidade que lhe é própria e que como tal exige um adendo, um elemento que se configure em bases mais voláteis, mas nem por isso menos paradigmáticas e manipuláveis.

Se pensarmos nas ligações entre o Modernismo Português e o Simbolismo talvez possamos levantar alguns poucos elementos mais esclarecedores. Álvaro Cardoso Gomes tentando definir o conceito de símbolo no Simbolismo nos diz:

“Concebendo o símbolo como um ‘disfarce das idéias’, os simbolistas pretendiam encontrar as perfeitas correspondências entre o mundo sensível e o mundo abstrato. Desse modo, o símbolo deixa de ser apenas uma palavra ou uma coisa significando outra; mais que isso, é uma palavra ou um conjunto de palavras que serve para evocar um estado de espírito indefinido e cuja tradução jamais é imediata.”

(GOMES: 1994, p. 30)

Mas é com um texto de carácter menos literário e mais esotérico que supomos encontrar a conceituação que supomos mais se aproxima do sentido da secção em questão do livro de FP:

“Se o Verbo é Pensamento no interior e Palavra no exterior, e se o mundo é o efeito da Palavra divina proferida na origem dos tempos, a natureza toda pode ser tomada como um símbolo da realidade sobrenatural. Tudo o que existe, sob qualquer forma que seja, por ter seu princípio no Intelecto divino, traduz ou representa esse princípio à sua maneira e segundo sua ordem de existência. Assim, de uma ordem à outra, todas as coisas se encadeiam e se correspondem, concorrendo para a

harmonia universal e total, que é como um reflexo da própria Unidade divina.”

(GUÉNON: 1989, p. 10-11)

Essa definição de René Guénon tem condicionantes colocados pelo próprio autor, pressupõe como condição a aceitação de uma divindade (no caso, o Deus Cristão), e de um processo de criação do mundo a partir da vontade divina (o Verbo). Mas lendo esse trecho de Guénon quase que lemos - por outras palavras - o poema “Correspondances” de Charles Baudelaire. É com um sentido muito próximo a esse que temos que tentar desvendar o sentido dos “Symbolos” em *Mensagem*.

#### **5.1.1. D. Sebastião**

O primeiro poema de “Symbolos” se refere diretamente a D. Sebastião. Nele se apresenta o rei desaparecido como a voz do poema falando de sua queda em Alcácer-Qibir: “Sperae! Cahí no areal e na hora adversa.” Tal queda é apresentada como vinculada ao destino traçado por Deus para os mártires: “Que Deus concede aos seus / Para o intervalo em que esteja a alma immersa / Em sonhos que são Deus.”

A morte do corpo, material, efêmera, pouca importância tem diante da dimensão da alma, esta por sua vez, transformada em mito de um povo: “Que importa o areal e a morte e a desventura / Se com Deus me guardei? / É Esse que regressarei.”

“D. Sebastião” soma 32, que representa a soma das dez *sefirot* com os 22 caminhos, é, pois, a concretização da esperança, como prenuncia o quadro de Albrecht Dürer, “a Melancolia”, o que está por vir supera o melancólico pela certeza de que virá. “Cahí” dá a cifra 21, que é 3x7, e que no tarô representa a carta do Louco. D. Sebastião foi considerado louco na sua aventura bélica na África, principalmente pelos da corte de Castela e pelos próprios mouros. “Intervallo”, assim com dois LL, se liga ao número 47. No tarô essa carta - 4 taças

- representa a aproximação de uma grande alegria, o que confirma o sentido da cifra 32. “Immersa” vale o número 33 que é o número máximo de avatar, reservado apenas aos semideuses:

“Trinta e três é demasiado poderoso e avançado para que muitas pessoas o possuam, nestes tempos. Quando trinta e três é encontrado como total de um nome ou caminho de origem de uma pessoa, essa pessoa é muito adiantada espiritualmente. Iguale-se a um Mahatma ou Mestre.”

(HITCHCOCK: 1988, p. 28)

Pois a “alma immersa” está “em sonhos que são Deus”.

O poema é formado por duas estrofes de quatro versos. Na primeira estrofe temos dois versos decassílabos com várias acumulações de vogais (p.ex.: “Pa/ ra-o-in/ ter/ va/ llo-em / que-es/ te/ ja-a-al/ ma-im/ MER / sa) e dois versos de seis sílabas, totalizando 32 sílabas poéticas, confirmando o sentido do número 32. Porém, na segunda estrofe temos uma sílaba a mais, pois o último verso no lugar das 6 esperadas pela simetria versificatória, temos um de 7 sílabas: “É.-Es/ se/ que / re/ gres/ sa/ REI”, dando assim 33 sílabas. Esse número representando o Mestre espiritual que retornará, o mito esperado. Assim se por um lado o poema fala da volta mítica deste rei desaparecido, por outro também, o identifica com a figura de Cristo - o mestre. D. Sebastião pode ser metáfora do próprio Cristo, ou um alguém enviado por Cristo para agir em seu nome.

“Cristo” e “Sebastião” têm a mesma cifra: 28 (4x7), mas “Deus” (palavra que aparece 3 vezes no poema) soma 13 o número indicativo do ciclo reiniciado. “Esse” soma 12 que é o arcano maior do Enforcado e representa martírio, sacrifício, esse o sentido da morte de D. Sebastião: “Que Deus concede aos seus”.

### **5.1.2.O Quinto Império**

A profecia do “Quinto Império” tem sua origem no episódio do profeta Daniel interpretando um sonho de Nabucodonosor II. O rei da Babilônia sonhara com a imagem de uma estranha estátua formada por uma cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de cobre, as pernas de ferro e os pés de barro. Uma pedra atirada contra os pés da estátua foi o suficiente para desmoroná-la. O profeta Daniel interpretou que cada parte da estátua representava um reino e uma era, começando pela cabeça de ouro que era o reino de Nabucodonosor. Durante o desenvolvimento do Cristianismo e da Idade Média esta interpretação de Daniel ganhou contornos novos fundados nos fatos históricos. Passou-se a considerar os reinos como sendo pela ordem de sucessão das eras até então conhecidas: O Babilônio, o Medo-Persa, o Grego e o Romano, sendo o “Quinto Império” entendido de diversas formas ao sabor de contextos diversos: O Carolíngio, o Sacro-Império Romano Germânico, o da Inglaterra, etc... No caso de Portugal, Antônio Vieira foi quem mais difundiu a idéia de que o “Quinto Império” seria português e se fundamentaria numa era espiritual. Essa relação entre o reino de Portugal e um destino místico-religioso teve já sua origem em Dom Afonso Henriques que teria visto a aparição da imagem de Cristo Crucificado na batalha de Ourique em 1139 e que teria predito que Portugal venceria o mouro infiel e que dominaria o Mundo difundido as leis de Cristo.

No poema de FP, na última estrofe se lê: “Grécia, Roma, Críandade, / Europa - os quatro se vão / Para onde vae toda idade / Quem vem viver a verdade / Que morreu D. Sebastião?”

Seguindo a tese de Vieira, porém reordenando-a à vista dos conhecimentos históricos do início do século XX. Grécia deixa de ser o terceiro império na interpretação medieval do sonho de Nabucodonosor II, para ser o primeiro, representando

aqui o conhecimento do mundo Antigo. A Grécia como a cabeça dá a filosofia, o direito, as bases das sociedades ocidentais. O reino da Babilônia e o Medo-Persa são excluídos, inseridos agora como prenunciadores do mundo grego e integrados nele. De fato, a conquista de Alexandre Magno deu um novo sentido ao helenismo da Macedônia ao Ganges, tendo como tutor e mentor intelectual Aristóteles. Roma passa a ser o segundo, representando o peito e os braços de prata. A prata é o metal associado à Lua, e esta por sua vez brilha com uma luz emprestada, refletindo a luz do Sol. Assim o conhecimento, as artes e as bases sociais do pensamento romano teriam sua origem na absorção e na apropriação do pensamento grego. O terceiro império aqui é o da “Cristandade” e como tal formaria o ventre e as coxas de cobre da estátua. Com efeito, a difusão do cristianismo colocará o mundo ocidental sob o domínio de um pensamento medieval que determinará as circunstâncias morais acerca da virilidade. A posição da mulher, do casamento, da castidade, do celibato, da virgindade e o sentido do pecado original serão as bases desse domínio moral. O cobre é um metal que na tradição esotérica é associado à Vênus. E como tal, está sob o signo do amor e da paixão. Assim, o império da Cristandade terá como tema o amor, porém, o amor a Cristo acima de todas as coisas, o que implica em resignação e desprendimento dos bens materiais. O quarto império em FP é o da “Europa”. Porém, a Europa nunca fora unificada até a escrita do poema. O Império Bizantino de Justiniano, o carolíngio de Carlos Magno, o Sacro Império Romano Germânico e o da Inglaterra jamais conseguiram a unificação do continente. Após a escrita do poema de FP (de 21 de fevereiro de 1933) ainda tivemos a ocorrência do III Reich alemão que ruiu sem conseguir a conquista e o domínio de todo o continente - em que se pese a divulgação de teses nazistas apregoando o III Reich como o verdadeiro “Quinto Império” da profecia de Daniel. Mais recentemente o Mercado Comum

Europeu tem dado passos importantes no sentido da união do continente, mas ainda não plenamente conseguida, ressaltando-se que é a primeira vez que tal processo se prenuncia timidamente a ocorrer sem o advento de uma guerra continental ou mundial.

FP, como Vieira, pressupõe ou “profetiza” que o “Quinto Império” será português, assim o poeta escreve em outro poema homônimo não pertencente à *Mensagem*: “O Portugal feito Universo, / Que reúne, sob amplos céus, / O corpo anônimo e disperso / De Osíris, Deus.”

Em *Mensagem*, no “Quinto Império” FP sugere nas entrelinhas o destino de Portugal: “E assim, passados os quatro / Tempos do ser que sonhou, / A terra será teatro / Do dia claro que no atro / Da erma noite começou.”

Na forma o poema harmoniza os números 5 e 7. São cinco estrofes de versos heptassílabos. O “Quinto Império” se liga simbolicamente às quinas e, por extensão, aos castelos do brasão português.

O poema se inicia com a idéia de que é preciso sonhar e acreditar no sonho, que só assim é possível superar os limites da realidade e do cotidiano e erguer um novo mundo: “Triste de quem vive em casa, / Contente com o seu lar, / Sem que um sonho, no erguer de asa, / Faça até mais rubra a brasa / Da lareira a abandonar!”

As duas primeiras estrofes começam com a palavra “Triste” e defendem a idéia de que a felicidade resultante de uma vida cotidiana ordenada é inócua e de certo modo, egoísta. Que a função do homem é ser “descontente” (estrofe III). Assim, Portugal que se lançou ao mar, simbolicamente é como o homem descontente que deixa sua casa em busca de um novo sentido para a vida.

Em termos de cifras numerológicas, notemos que “idade” - última estrofe - soma 19, que simboliza no tarô o Sol, que é a carta do desvendamento dos mistérios, da iluminação:

“Para onde vae toda idade.” 19 é também a soma das dez *sefirot* da Árvore da Vida com os nove números. Portugal que não aparece como palavra no poema, soma 38, o dobro de 19. Na terceira estrofe se lê: “Eras sobre eras se somem / No tempo que em eras vem.” Somemos pois 19 a 19 e temos Portugal, assim como se somarmos “Eras” (16 - a casa de Deus, mas também 7, os castelos) com “Eras” temos 32, que é a soma das 10 *sefirot* com os 22 caminhos, isto é, A Árvore da Vida. Assim a concretização da mensagem da Cabala só se fará por meio do “Quinto Império” português. Essa identificação entre o mito de Israel como povo eleito e o de Portugal tem suas bases também no mito da aparição de Ourique, que seguidamente autores, reis e visionários fizeram por acrescentar detalhes e novos elementos.

A expressão “Quinto Império” dá como valores respectivamente 33 e 49 (7 x 7). Já falamos em outros momentos os significados desses dois números. Mas a soma de ambos dá 72, que é o número dos 72 gênios dos versículos de Davi.

“Triste” soma 28, isto é 4 x 7, mas duas vezes “Triste” (“Triste de quem vive em casa”; “Triste de quem é feliz!”) soma 56 que é o número de arcanos menores do tarô. Os arcanos maiores estão reservados para quem deixa sua casa ou se sente descontente com o mundo ao redor, no caso, o destino de Portugal.

Os quatro impérios anteriores a Portugal também têm valores significativos. “Grécia” soma 34 (7), Roma dá 20 (2), ou a “Grécia” menos duas vezes 7, a “Cristandade” vale 44 (8) ou a “Grécia” mais dez, a “Europa” soma 31 (4) ou a “Grécia” menos 3. A soma desses impérios dá 21 (7 + 2 + 8 + 4) que é 3 x 7, mas se somarmos o quinto (Portugal - 38 = 11) temos 32 (21 + 11) o que volta a identificar Portugal com o sentido místico da “Árvore da Vida” que se opõe àquele que se

fundamenta apenas na “raiz”: “Mais que a lição da raiz - / Ter por vida a sepultura.”

Por fim, notemos que o poema tem 175 sílabas poéticas que é justamente a soma do selo de Vênus em cada linha, coluna ou diagonal de seu quadrado mágico de 7 x 7. Vênus que desde Camões tem sido ressignificada como a divindade mitológica protetora de Portugal. Se na reinterpretação da profecia de Daniel, Vênus está associada à “Cristandade” pelo cobre, agora no “Quinto Império” a sua ligação é outra, pelo amor e pela devoção à esperança de uma nova idade espiritual da qual Portugal seria o portador.

### **5.1.3. O Desejado**

O termo “O Desejado” era aplicado à D. Sebastião, uma vez que seu nascimento garantiria a continuidade da família real portuguesa e a independência de Portugal, pois, laços criados entre as famílias reais portuguesa e espanhola, faziam com que muitos na corte portuguesa temessem a perda da independência em decorrência da falta de um herdeiro do lado da árvore genealógica portuguesa. Dom João III tendo perdido vários de seus filhos por doença ou morte prematura tinha no príncipe Dom João, de saúde frágil, mas em idade de casar a última esperança de garantir um herdeiro. Dom João, então com 14 anos de idade se casa com Dona Joana, filha de Carlos V da Espanha, é desse casamento que nasce D. Sebastião, que recebe o nome em decorrência do dia de seu nascimento. Dom João morre antes de ver nascer o filho. A princesa, após o nascimento de D. Sebastião parte para a corte espanhola deixando o pequeno aos cuidados do avô.

“Além de o Desejado garantir o trono português, uma memória de algo já experimentado é reativada. Dom Sebastião, ao nascer reaviva a memória da nação relacionada a uma certa promessa feita por Jesus Cristo que se fez presente a Dom Afonso Henriques, primeiro

rei português, em uma visão. Cristo revelaria a este monarca que Portugal seria a cabeça do império cristão universal na Terra, o que garantiria a constituição futura do Seu reino. Esta lenda, conhecida como o milagre de Ourique, teve grande transmissão oral em um período, e mais tarde é reconhecida e divulgada através da escrita, (...), por membros da Corte portuguesa.”

(GODOY: 2005, p. 29)

O governo de Dom João III estava sendo marcado por importantes derrotas nas terras descobertas que estavam caindo em mãos dos mouros e de nações concorrentes na Europa. Portugal voltava-se para a manutenção apenas das principais na Índia, na África e no Brasil, isto com grande dificuldade. D. Sebastião parecia aglutinar em sua figura a possibilidade de retorno dos tempos mais vitoriosos de Portugal.

O poema de FP, “O Desejado” busca criar uma relação com elementos do ciclo arturiano bretão. O cavaleiro Galaaz, a espada Excalibur e o Santo Graal são esses elementos. As bases que permitem a FP fazer essa relação estão dadas desde os tempos iniciais da existência do reino de Portugal. *O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, de 1554, parece recompor de forma mais clara esse panorama que já vinha dos tempos do Humanismo e final da Idade Média. Nele, um rei lendário de nome Sagramor, neto do Rei Arthur é o ponto de ligação entre as aventuras e os personagens arturianos e os da corte e da história portuguesa.

Na primeira estrofe do poema, FP alude à figura dum ser que ainda não existe, mas cuja necessidade de existência se faz presente de forma imperiosa: “Onde quer que, entre sombras e dizeres, / Jazas, remoto, sente-te sonhado, / E ergue-te do fundo do não-seres / Para teu novo fado!”

Na segunda estrofe essa figura é denominada de “Galaaz”: “Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo, / Mas já no auge da suprema prova, / A alma penitente do teu povo / A Eucharistia Nova.”

Na terceira estrofe, este “Galaaz com pátria” é apresentado como portador de uma nova espada mágica e do segredo do “Santo Gral”.

O sentido do poema pode ser ligado diretamente ao contexto histórico da expressão “o desejado” - relativa à necessidade do nascimento do herdeiro ao tempo de Dom João III - mas também conota a volta do desejo de renascimento mítico de D. Sebastião, após o seu desaparecimento. É como se a história se repetisse num ciclo algo viquiano, porém, suspenso nesse ponto limite entre o ser “desejado” que apareça e o estar “encoberto” ainda.

Galaaz é um personagem lendário cuja principal virtude parece ser o da pureza, esta como metáfora de sua virgindade. Tal virtude estaria acima de suas habilidades com a espada, de sua coragem e mesmo de sua inteligência. Analogamente, D. Sebastião não parece ter tido contatos com o feminino de forma mais clara. Evitou a aproximação e os namoros propostos na corte.

A espada desse Galaaz / D. Sebastião é denominada de “Excalibur do Fim”. Essa denominação tanto pode indicar a condição do reino de Portugal no extremo ocidente da Europa e por extensão a nação das descobertas de Além Mar, como também, a condição portuguesa de ser o último e definitivo império na interpretação sebastianista da profecia de Daniel.

Assim, esse herói é o “Mestre da Paz” e sua revelação é o segredo do “Santo Gral”. Se Galaaz conquista o cálice sagrado, mas permanece oculto, o novo cavaleiro o mostrará ao mundo concretizando simbolicamente a realização do “Quinto Império”.

Porém, uma releitura, principalmente da última estrofe pode revelar ainda outros aspectos acerca do sentido de pureza e virgindade para esse novo Galaaz. A estrofe anterior termina anunciando que a vinda do desejado trará ao povo a “Eucharistia Nova”. A “Eucharistia” enquanto um dos sacramentos e fundada na idéia de que o pão representa o corpo e o vinho o sangue e a alma de Cristo, agora é superada ou substituída por outros elementos, como se vê na última estrofe, a saber: A “Excalibur do Fim” cheia de “Luz” como um “gládio ungido” e o “Santo Gral”.

A espada referida parece ter uma conotação masculina, fálica, afinal “gládio ungido” tanto se refere ao sentido de autoridade que assume, como no sentido mais denotativo, o de significar com unguento, com óleos sagrados. Essa espada passada em óleos brilha com uma “Luz” incomum. Temos assim a conotação fálica, viril, de elemento que contém a “Luz”. Esta por sua vez, passa a revelar o “Santo Gral”, que enquanto cálice contém o sangue de Cristo, substituindo o vinho da eucaristia anterior, porém, com novo significado. Este “Santo Gral” é revelado por ser iluminado pela “Luz” da espada, portanto, recebe a “Luz”. Parece, pelo aqui exposto, que essa “Nova Eucharistia” propõe ou conota uma ação de aproximação entre o elemento masculino contido na espada e o feminino, representado pelo cálice.

Dessa união surgirá o verdadeiro “desejado”. E se manteria, assim uma linhagem, sagrada, divina para perpetuação do reino espiritual do “Quinto Império”.

#### **5.1.4. As Ilhas Afortunadas**

O poema “As Ilhas Afortunadas” faz referência às terras lendárias preconizadas em inúmeras histórias anteriores aos descobrimentos. O nome ainda se associa a várias outras, como Tule, Avalon, Reino de Preste João, etc.

No poema de FP nestas ilhas lendárias deve estar D. Sebastião aguardando o momento de sua volta. Ilhas mágicas,

suspensas no espaço e no tempo. Podemos ainda lembrar das “Ilhas dos Amores” n*Os Lusíadas*, mas estas ilhas afortunadas parecem um pouco diferentes, tanto pela sua localização quanto pela sua população: “São ilhas afortunadas / São terras se, ter lugar, / Onde o Rei mora esperando”.

O poema é composto por 3 estrofes de 5 versos cada. Os versos são em redondilha maior, o que dá 35 sílabas poéticas por estrofe. Temos em 35 a relação 5 x 7, isto é, as quinas e os castelos. “Ilhas Afortunadas” somam respectivamente 22 e 39, ou seja, as 22 letras do alfabeto cabalístico e 39, que é 32 da Árvore da Vida, mais 7 dos castelos. No tarô, 39 é o soldado da taça, e entre os seus significados está o da viagem. Se colocarmos no singular (“ilha afortunada”) temos 21 e 38, o primeiro número é o triplo de 7 e o segundo é a soma do nome de Portugal. Assim, numerologicamente se traça a ligação entre o destino de Portugal e o das “Ilhas Afortunadas”.

#### **5.1.5. O Encoberto**

O “Encoberto” é o poema que completa a figura de D. Sebastião em termos míticos. Se em “O Desejado” se apresenta a figura do varão que era esperado para manutenção da soberania portuguesa, ainda que isso possa ter dois sentidos: um histórico e outro mítico; o poema “O Encoberto” parte do princípio sebastianista de que o rei desaparecido aguarda o momento para sua volta e que os sinais de que isso logo ocorrerá estariam já visíveis.

As conotações rosacrucianas estão bem evidentes nos versos do poema, notadamente nos dois versos finais de cada uma das três estrofes: “Na Cruz Morta ao Mundo / A Vida, que é a Rosa,” (Est. I); “Na Cruz, que é o Destino, / A Rosa, que é o Christo.” (Est. II); “Na Cruz morta e fatal / A Rosa do Encoberto”.

Conforme comentam Conceição Jacinto e Gabriela Lança:

“E no poema ‘O Encoberto’, inserido na terceira parte da obra e que apresenta o mesmo nome, surge igualmente, através da referência expressa à simbologia rosacruziana, a idéia de que duas realidades se interpenetram, significando uma a Vontade divina e a outra os atos humanos - a cruz e a rosa”.

(JACINTO & LANÇA: 1998, p. 58)

Este poema de *Mensagem* pode ser relacionado ao poema “No Túmulo de Christian Rosencreutz” em que FP iniciando por uma epígrafe de *Fama Fraternitatis Rosea Crucis*, comenta acerca da passagem que se diz do encontro do túmulo secreto do mestre e que do livro que se achou entre os braços do corpo ainda intacto e conservado: “Como na falsa morte a nós exposto, / O Livro ocluso contra o peito posto, / Nosso Pai Roseacruz conhece e cala.”

O sentido hermético aqui colocado, que só depois de um lento processo de iniciação se vai aos poucos conhecendo o sentido oculto dos ensinamentos esotéricos, também se faz presente no poema “O Encoberto” em *Mensagem*. Se em “O Desejado” levantamos a hipótese de que o poema fala de um símbolo de caráter masculino - a espada “Excalibur do Fim” que protege / deflora o “Santo Gral”, aqui em “O Encoberto” que temos é o símbolo feminino - “A Rosa” que é ao mesmo tempo a “Vida” que se sobrepõe à “Morta do Mundo”, o “Destino” em “Christo” e, enfim, a “Rosa do Encoberto” é o “symbolo” “divino”, “final” e “fecundo”.

Notemos que as palavras “Rosa” e “Cruz” têm somas numerológicas muito especiais. “Rosa” vale 17, que no tarô é a carta da Estrela e entre outras coisas significa a “esperança”. “Cruz”, por sua vez, soma 22, que no tarô é a carta do Mundo. A soma de ambas as cartas dá 39 que é a carta do Soldado da Taça, que entre seus significados está o de designar um

casamento atrasado. Lembremos que um dos livros mais importantes do rosacrucianismo é um que foi atribuído a John Valentin Adreae cujo título é *Núpcias Alquímicas de Christianus RosenKretuz Ano de 1459*.

“Symbolo” vale a cifra 28, o segundo número perfeito, que é  $4 \times 7$ , mas que também é  $10 (2 + 8)$  que é a soma da *tetraktys*,.

Desse modo, o mito sebastianista é colocado por FP como associado por analogia numérica ao mito do lendário cavaleiro criador ou mestre do rosacrucianismo. As relações entre ambos os mitos se fundamentaria na idéia da vinda de uma nova era espiritual que superaria os impasses da nossa atual, dominada pela materialidade do mundo: “Que Symbolo Fecundo / Vem na aurora anciosa?”. “Anciosa” soma 26 e “Aurora”, 28, totalizando “Aurora anciosa” 54. “A Vida” expressão que é a resposta à pergunta feita vale 19 (que sabemos é a soma das 10 *sefirot* com os 9 números). A soma dos números 19 e 54 dá 73, no tarô: seis moedas, que denota aspiração, sonhos, desejos e esperança. 73 é  $10 (7 + 3)$ , novamente as *sefirot* e a soma da *tetraktys*.

## **5.2. Acerca dos Avisos**

A secção “Os Avisos” compreende três poemas (“O Bandarra”, “Antonio Vieira” e “Terceiro”). O tema dominante é o desenvolvimento do sebastianismo, com seu início literário nas trovas do sapateiro Bandarra, passando pelas interpretações místico-religiosas de caráter conceptista do Padre Antônio Vieira e findando num terceiro autor, não nomeado, mas facilmente identificado com o próprio Fernando Pessoa.

Assim, FP nos apresenta a noção de uma tradição do mito sebastianista que vai se modificando e se complexificando ao longo dos tempos. Em Bandarra o mito é concreto, espera-se a vinda real do próprio D. Sebastião, transfigurado em anjo da redenção do império português. Curiosamente não foram poucos os farsantes que por diversos motivos se fizeram passar

num dado momento pelo rei desaparecido. Podemos citar os casos do jovem de Penamacor (1584), de Mateus Álvares (1585), de Gabriel Espinosa (1595), de Marco Túlio (1596), todos esses casos antecedendo a publicação das *Trovas* de Bandarra em 1603. Em Antônio Vieira, a vinda de D. Sebastião ganha sentido mais simbólico, voltado para um messianismo de fundamentação cristã associado ao papel desempenhado pela Companhia de Jesus na expansão do Catolicismo para as terras descobertas. Já em Fernando Pessoa o sentido é totalmente simbólico, de fundamentação mais esotérica com ligações com a Maçonaria, o rosacruzianismo, a astrologia e a cabala.

A idéia de avisos místicos precedendo grandes acontecimentos é comum nos textos religiosos. Na bíblia pululam exemplos de profetas que surgem anunciando a queda de uma cidade, um rei ou a destruição de um reino pela razão de não seguirem os preceitos divinos. Algumas dessas profecias acabam tendo confirmação no livro bíblico seguinte e com bases também históricas. Outras permanecem no sentido vago, impreciso, simbólico ou quando se trata do juízo final, aguardam confirmação, dentre as quais a mais famosa é a do *Apocalipse* de São João, assim como também uma das mais herméticas que só encontra paralelo nesse sentido com as *Centúrias* de Nostradamus. Mas não é esse o sentido dessa secção de *Mensagem*, ainda mais porque o que se anuncia é a chegada de um bom tempo e não o castigo. Nesse caso, o episódio bíblico do arcanjo da anunciação no *Novo Testamento* é um ponto de comparação, mas não o ideal, uma vez que quem anuncia lá é uma figura extra-terrena, sobrehumana, ao passo que nos poemas de “Os Avisos” o anúncio é feito por três figuras humanas, a saber, um sapateiro visionário, um padre e um poeta. Este é precisamente o tópico mais importante desses avisos, em que se pese o seu sentido místico, messiânico, profético, o que se destaca é a humanidade dos autores desses avisos.

### 5.2.1. *Acerca das Trovas dum Velho Sapateiro*

Gonçalo Anes (1500-1550 ou 1556), chamado de “O Bandarra”, isto é, o adivinho. Sapateiro de profissão, poeta popular, começou a produzir umas trovas em linguagem confusa, anunciando a vinda de um rei “encoberto”, redentor da humanidade. Em 1603, Dom João de Castro imprime as trovas de Bandarra (*Paráfrase e Concordância de Algumas Profecias de Bandarra*), a intenção do fidalgo era demonstrar que o chamado “encoberto” era D. Sebastião. Bandarra quase foi a auto-de-fé em 1541, mas prometendo não mais se meter em interpretações proféticas conseguiu livrar-se da fogueira. Suas trovas são de forma variada, predominando, porém, a quadra com esquema de rima ABBA. Em FP o poema se compõe de duas quadras de versos octassílabos em rima ABAB.

O poema se inicia anunciando a condição de anonimato do autor: “Sonhava anonymo e disperso / O Império por Deus mesmo visto”. De fato, Gonçalo Anes não foi “anônimo”, tendo mesmo causado um certo alvoroço numa de suas passagens por Lisboa, situação que levantou as suspeitas da Inquisição acerca de seus dons proféticos. No dois versos seguintes, Pessoa escreve: “Confuso como o Universo / Plebeu como Jesus Christo”. Notemos a aparente contradição colocada por Pessoa, este como um esotérico, tem como princípio o entendimento de que o Universo é uma grande obra harmoniosa e não confusa, assim também Christo, apenas aparentemente se apresentou como plebeu, sendo em verdade o rei dos reis. A razão dessas contradições aparentes é salientar que a aparência esconde a verdade, ou seja, de que existe uma ordem oculta, esta harmoniosa e engenhosa que se esconde aos sentidos humanos, fazendo com que diante de sua impossibilidade de compreensão dessa ordem, o homem veja confusão onde há ordem.

Na segunda estrofe lemos: “Não foi santo nem heroe / Mas Deus sagrou com Seu signal / Este, cujo coração foi / Não

portuguez mas Portugal.” Alude-se assim ao professado patriotismo das trovas de Bandarra, bem como ao sentido messiânico de seu texto.

Em termos numerológicos, os adjetivos “anonymo” e “heroe” têm o mesmo valor: 33, que é o número de um grande mestre, de um avatar. Outros dois adjetivos (“confuso” e “plebeu”) têm os valores 30 e 25 respectivamente, cuja soma dá 55, que é a soma dos valores de 1 a 10, isto é, o todo das sefirot. Os dois adjetivos finais (“portuguez” e “Portugal”) dão os valores 49 e 38 respectivamente. 49 é  $7 \times 7$ , ou ainda, a carta das duas taças que indica paixão, inclinação, amor com obstáculos, e que na simbologia pessoal do brasão, se associa aos castelos. Já 38 é a soma do segundo número perfeito (28) com as 10 *sefirot*, ou ainda, a senhora da taça que indica um casamento rico e feliz. No caso o casamento do sebastianismo iniciado por meio das trovas de Bandarra e Portugal. A diferença de 49 e 38 é 11, assim como a redução de 38 também dá 11, este é também um número de avatar, de mestre. Por outro lado, a soma de “portuguez” e “Portugal” dá 87 que é o espelho de 78, o número de cartas do tarô. Desse modo o “signal” que está presente no poema é expresso pelas relações gemátricas entre os adjetivos aplicados ao Bandarra.

### **5.2.2. Antonio Vieira e o Sebastianismo**

Antônio Vieira foi, talvez, o nome que no início do sebastianismo, deu os seus contornos mais simbólicos e místicos. Obras como *História do Futuro* e *Clavis Profetarum*, além de várias citações em alguns de seus sermões deram às trovas do Bandarra um sentido que, possivelmente, elas não tivessem propriamente, ressaltando dessa forma uma ligação entre o sentido do “Encoberto” com o “Quinto Império”, tudo amalgamado num D. Sebastião mais simbólico que concreto.

O poema se inicia com uma aparente alusão ao céu estrelado em sentido figurado: “O Céu strella o azul e tem grandeza”, “strella” como um verbo e não como substantivo.

Logo se fala da habilidade notória com o discurso e as palavras que Vieira galgou: “Este, que teve fama e à glória tem, / Imperador da língua portuguesa, / Foi nos um céu também.” Podemos aqui recuperar uma certa alusão a uma das metáforas mais citadas de Vieira, a relação do céu com a pregação, notadamente no “Sermão da Sexagésima”. Assim se lá Vieira afirmara que o maior pregador que ouve fora o céu com seu discurso de estrelas formando um texto alto, claro e distinto que dá entendimento tanto ao agricultor e marinheiro quanto ao matemático, aqui também se diz que o discurso de Vieira é comparável a esse texto celeste. Nesse texto celestial de Vieira, FP indica um astro em particular, a figura de D. Sebastião: “No imenso espaço seu de meditar / Constellado de forma e de visão. / Surge, prenuncio claro do luar, / El-Rei D. Sebastião”. Nessa imagem, o rei desaparecido é associado ainda ao cenário celestial noturno.

Na terceira estrofe se desfaz a aparência, afirmando-se que não se trata do luar, mas de uma luz própria como a do Sol: “Mas não, não é luar: é luz e ethereo / É um dia: e, no céu amplo de desejo / A madrugada irreal do Quinto Império / Doiro as margens do Tejo”. Se anuncia assim que esse dia (concreto, real) sobrevém à madrugada (sonho, esperança).

A Lua que não é Lua, a noite que é dia, essa transformação do cenário, essa aparência que se desfaz diante da verdade, eis a tônica do poema. “Strella” soma 24, ou seja 6. O primeiro número perfeito, também associado ao valor da Cabala.

Formalmente o poema é formado por três estrofes de quatro versos, sendo três versos decassílabos e o último é um verso hexassílabo, somando assim 36 sílabas poéticas por estrofe. 36 é 6 x 6, ou se se quiser, o selo do Sol que é expresso por um quadrado mágico de 6 linhas por 6 colunas. Portanto, não se é o Luar, cujo selo é o quadrado mágico de 9 x 9 ou 81, com soma 369.

“Immenso” nos dá a cifra 34, que é 7 (3 + 4), e “constellado” vale 38, que é também o valor de Portugal. A soma desse dois adjetivos dá 72 que é 36 x 2, que é também os 72 gênios de Davi, aqui, no caso, transformados no céu do Quinto Império.

### 5.2.3. O *Supra-Camões*

A idéia de um “Supra-Camões” que viria se não superar o autor de *Os Lusíadas*, viria a ser o poeta de uma nova era gloriosa prevista nas profecias do Quinto Império e do Sebastinismo foi trabalhada por Fernando Pessoa desde 1912. E.M. de Melo e Castro, em contrapartida à idéia pessoana, declara ser preferível o conceito de “Infra-Camões” que por ser assim seria mais real, mais concreto, enfim um “homem / texto” (*O Próprio Poético*, p. 118).

O poema “Terceiro” começa com o verso “Screvo meu livro à beira-magua”, o verbo com sujeito na primeira pessoa já coloca a posição de Fernando Pessoa no contexto. O poema vai desenvolvendo um sentido ambíguo entre a figura de D. Sebastião, do Encoberto e de Jesus Cristo, numa espécie de amálgama messiânico. O sujeito parece esperar uma resposta às suas ânsias, tanto num sentido pessoal (Jesus Cristo, a salvação da alma, a vida eterna) quanto no sentido coletivo português (o Encoberto, D. Sebastião, o Quinto Império).

O poema “Terceiro” é formalmente a soma dos outros dois desta secção. “O Bandarra” tem duas estrofes de quatro versos, “Antonio Vieira” tem 3 estrofes de quatro versos, “O Terceiro” tem, pois, 5 estrofes de quatro versos.

Excetuando-se a primeira estrofe deste poema, as quatro seguintes são formuladas por interrogações. Na segunda estrofe temos 3 perguntas: “Mas quando quererás voltar? / Quando é o Rei? / Quando é a Hora?” A terceira e a quarta estrofe é cada uma constituída no todo por uma pergunta, na última estrofe temos novamente três perguntas. Assim esse “Terceiro” na seqüência dos avisos é um anti-profeta, pois no lugar de dar

certezas sobre o que virá, o que ele faz é interrogar, numa espécie de dúvida ansiosa acerca das profecias anteriormente feitas. Daí a condição melancólica na primeira estrofe: “Meu coração não tem que ter. / Tenho meus olhos quente de água. / Só tu, Senhor, me dás viver.” A fé é sua única arma e esperança, porém, é uma fé duvidosa, como a de Pedro ao andar sobre as águas seguindo Cristo. A dúvida, porém, não é se virá ou não a se realizar o que se diz nas profecias, mas apenas o quando virá a acontecer. Essa demora no tempo preocupa a alma do poeta. Não por acaso, a secção seguinte se chama “Os Tempos”, como se fosse uma forma de avaliar essa angustiada demora.

### **5.3. *Dos Tempos***

A última secção de *Mensagem* é formada por cinco poemas. Em “Os Tempos” três poemas têm títulos relativos às situações de estado do tempo: “Tormenta”, “Calma” e “Nevoeiro”, parecem se referir às possibilidades de tempo numa navegação. Os outros dois poemas referem-se a momentos que antecedem o dia: “Noite” e “Antemanhã”.

Assim o chegar ao fim da navegação tanto é simbolicamente a chegada do dia e da luz do Sol, quanto da acolhida num porto de destino. É, pois, uma viagem no tempo e no espaço conjuntamente.

#### **5.3.1.A *Viagem durante a Noite***

Este poema de metrificacão aparentemente irregular apresenta a situação dos navegantes que se perderam ao mar e um terceiro desejando ir ao encontro dos desaparecidos, não obtém permissão do rei para tal, por isso se angustia. Pode-se entender alegoricamente esse poema. A Noite em que os dois primeiros navegantes se perderam é o tempo do declínio de Portugal. O terceiro navegante representa a alma do povo português que deseja a volta do que se perdeu, mas não consegue a permissão do rei, que o fim do poema se revela ser Deus: “Mas Deus não dá licença que partamos”.

Em termos históricos o poema alude ao episódio dos irmãos Corte-Real. Os três filhos de João Vaz Corte-Real, habilidoso navegante, eram Gaspar Corte-Real, Miguel Corte-Real e Vasco Anes Corte-Real. O primeiro parece ter chegado à Terra Nova na América, mas perdeu-se e não mais foi visto. O segundo saiu em sua busca e também desapareceu. O terceiro pediu permissão para ir encontrar os irmãos desaparecidos, mas não obteve permissão. O pai deles, João Vaz parece ter sido o primeiro europeu a chegar à América, em 1472, portanto 20 anos antes de Colombo. Em Fall River, Massachusetts, existe uma pedra chamada *Dighton Rock* com inscrições que parecem aludir ao brasão da família Corte-Real e a data de 1511. Supõe-se que perdido, Gaspar Corte-Real tivesse deixado a marca nessa pedra.

O poema assim pode ser comparado a “Os Colombos” (“Mar Portuguez”) em que se afirma que tudo o que por outros navegantes foi descoberto, o foi por uma “luz emprestada”.

Na última estrofe o desejo do terceiro irmão em ir à busca dos irmãos perdidos significa também o próprio desejo português de navegar, de encontrar no mar sua própria identidade: “E com elles de nós se foi / O que faz a alma poder ser de heroe”.

O poema é composto por 4 estrofes e um verso solitário final. As três primeiras estrofes são simétricas entre si. Contém cada 6 versos, sendo 2 decassílabos, um eneassílabo (o penúltimo de cada estrofe) e três hexassílabos, totalizando 45 sílabas poéticas por estrofe. Essa estrofe híbrida, quase irregular é na forma a referência à viagem tortuosa, indefinida dos irmãos que se perderam. A última estrofe é maior, com 11 versos. Sua metrificação é composta por 5 versos decassílabos (v.1, v.3, v.6, v.7, v.9), 4 versos hexassílabos (v.2, v.4, v.8, v.12) e 2 versos octassílabos (versos 5 e 10). Totaliza, portanto, 90 sílabas poéticas, ou seja, o dobro de cada uma das estrofes

anteriores. O terceiro irmão assim guarda pela relação com o número a dor de ter perdido os outros dois irmãos.

Na terceira estrofe temos também o terceiro irmão sem rumo, pois a negativa do rei em permitir-lhe a busca, o deixa desorientado, por isso, também essa estrofe tem 45 sílabas poéticas, como cada uma dos irmãos perdidos no além mar.

Nesse sentido, o poema apresenta duas formas para a idéia de se perder. Os irmãos que se lançaram ao mar se perderam, o que ficou também. Portugal, num sentido simbólico, também está perdido. Se ficar em terra (na situação presente do tempo de Fernando Pessoa) se verá perdido interiormente, tanto quanto se estiver disposto a correr o risco da busca do que ficou no oceano. O desejo de busca permanece: “De nós; e, em febre de anciã, / A Deus as mãos alçamos”. A negativa divina (“Mas Deus não dá licença que partamos”) significa que Portugal deve esperar o cumprimento da volta messiânica dos que se perderam.

### **5.3.2. Tormenta**

No segundo poema de “Os Tempos” a imagem de um mar revolto, em tormenta, é a alegoria de um Portugal em tempos de decadência. Como observa Dalila Pereira da Costa:

“*Noite, Tormenta*, queda de todo um povo ou nação, alma perdida no abismo, tempo de expectativa, latência e mistério: mas de súbito ‘Um hausto / Brilha’, essa vontade secreta de Deus, que toda a história detém nas suas mãos.”

(COSTA: 1996, p. 292)

“Abysmo” nos dá o número 17, que no tarô é a carta da Estrela e significa esperança. “Mysterio” revela o número 41, que no tarô é a carta das 10 taças e representa cidade, país, habitação com alegria, felicidade. O “pharol” apresenta o número 34, que no tarô é a carta dos três bastões e se refere ao

empreendimento, esforço, trabalho. Assim, Portugal não deve temer a tormenta, pois após iniciar o trabalho que deve ser feito - mesmo que aparentemente proibido, como no poema anterior - deve-se ter a esperança de que o “Abysmo” será vencido e de que o “Mysterio” revelará felicidade e contentamento. Se o mar é “scuro” (número 22, relativo aos 22 caminhos da Árvore da Vida) o é apenas aparentemente, sendo essa escuridão diluída pela luz do trabalho a ser feito. E se o mar “struge” é o número 27 que no tarô refere-se à carta dos dez bastões que indica ganho, êxito em cidade estrangeira.

### **5.3.3. O tempo da Calma e da Esperança**

No poema “Calma”, FP fala de algo semelhante ao que já havia tratado em “Ilhas Afortunadas” da secção “Os Symbolos”, tanto que no antepenúltimo verso da terceira estrofe desse “Calma” se diz: “O paiz afortunado”. Esta terra mística, suspensa da geografia, num espaço de outras dimensões: “Haverá rasgões no espaço / Que dêem para o outro lado”. Parece esse verso uma alusão à possibilidade de universos paralelos ou de passagens interdimensionais, algo semelhante aos *wormholes* da astrofísica.

O poema contém 5 perguntas, três na primeira estrofe, uma na segunda e uma na terceira. As perguntas todas, na verdade, são reformulações da mesma pergunta, a saber, como atingir sensorialmente o lugar onde se encontra o “Encoberto” e trazê-lo à vista? O mar parece ter o poder de suggestionar pelo som: “Este som de o mar praiar / Onde é que está existindo?”, porém, apenas o sentido auditivo não é suficiente para o poeta, ela pretende ver: “Ilha próxima e remota, / Que nos ouvidos persiste, / Para a vista não existe.”

O poema é composto por três estrofes de sete versos heptassílabos, num total de 49 sílabas poéticas por estrofe e tendo ao todo 147 sílabas poéticas. Os números são significativos:  $49 = 7 \times 7$ . São 21 versos, que é  $3 \times 7$ . O desdobramento do número 7 em outros é a constante dessas

relações numéricas. 7 x 7 é a operação designativa do selo de Vênus. Esta “ilha velada”, “próxima e distante” se vê assim conformada pelo domínio numérico de Vênus; lembramos da “Ilha dos Amores” do épico camoniano. Ilha que foi dada como prêmio pela aventura de Vasco da Gama, pela conquista das terras de Dioniso / Baco. A reconquista do império português, agora num plano espiritual, tem como paralelo uma outra ilha, em outra dimensão, que é “encantada” e deixa em encantamento todos que a povoam.

#### **5.3.4. Na Madrugada do Porvir**

O poema “Antemanhã” se inicia com uma referência intratextual ao poema “Monstrengo” de “Mar Portuguez”. O primeiro verso é o mesmo de ambos: “O Mostrengo que está no fim do mar”. Agora tal “mostrengo”, Adamastor redivivo, personificação do medo enfim, volta para perguntar pelo navegante que o desafiou: “Quem é que dorme a lembrar / Que desvendou o Segundo Mundo, / Nem o Terceiro quer desvendar?”

O segundo mundo é uma alusão ao fato de que a viagem de Vasco da Gama significou, num certo sentido, a união do mundo europeu ocidental com o mundo do Oriente. Essa união é física, concreta, juntou dois lados de um mesmo mundo. O “terceiro” mundo não é efetivamente um novo continente a ser descoberto, uma vez que está claro que todos já o foram, mas é o mundo onde se encontra esse “paiz afortunado” ou “ilhas afortunadas” que só é possível de se chegar por uma navegação que não é propriamente marítima, mas espiritual e estelar. O “Mostrengo” sentindo-se servo de seu conquistador veio em busca de acordar o seu senhor (Portugal) para a conquista do caminho desse terceiro mundo: “Rodou e foi-se o mostrengo servo / Que seu senhor veio aqui buscar.”

Dalila Pereira da Costa assim comenta acerca desse poema:

“No mais inferior dos níveis humanos, poderemos ver esta análise do ser português, como diagnóstico psicológico profundo de todo um estado de depressão dum povo, sua desistência, fuga do real, entrega ao sono, desmotivação na vida; mas onde o grande Frustrador, como forças do Mal encarnadas no Mostrengo, tal ainda como na primeira descoberta, irá agora interpelar também diretamente este povo; ele, como o que guardou o tesouro supremo e supremamente desejado, o que concede a felicidade; mas, então, agora, já vencido por esse povo, o ‘Senhor do Mar’, é como seu servo que ele o vem acordar para ir à procura de sua alma, e iniciar nova descoberta”.

(COSTA: 1996, p. 293)

O poema é composto por duas estrofes de 7 versos cada, em medida de eneassílabo, com alguns hiatos e acumulações de vogais. Dando assim, nessa conta, 63 sílabas poéticas por estrofe. O número 7, representativo dos castelos portugueses agora se vê multiplicado pela experiência dada pelo tempo (ermitão) do 9. Após a conquista do segundo, é tempo da conquista do terceiro. No tarô, a carta 63 é a de dois gládios, e se relaciona às associações com o fim de enfrentar obstáculos, lutas. O “Mostrengo” não é aqui o inimigo do poema homônimo em “Mar Portuguez”, mas o servo fiel vindo buscar seu senhor para a lida.

### **5.3.5. *Em Meio do Nevoeiro***

O último poema de *Mensagem* fecha o livro com uma cena aparentemente ambígua, misto de esperança e de ansiedade. Conforme Conceição Jacinto e Gabriela Lança:

“É evidente que esta metáfora se liga ao mito de D. Sebastião que, segundo o povo, reapareceria numa manhã

de nevoeiro, para salvar o reino português da desgraça que o dominava - a perda da independência. O nevoeiro é, nesta perspectiva antropológica, aquilo que, no inconsciente coletivo do povo português, significava a substituição de uma fase da sua história por outra. Ao nevoeiro associa-se a revelação, a manifestação - neste caso, trata-se do desejo de realização de uma esperança.”  
(JACINTO & LANÇA: 1998, p. 125)

No poema o “Nevoeiro” simbolicamente representa um estado de desorientação para o povo de navegantes que é o povo português: “Ninguém sabe que coisa quer, / Ninguém conhece que alma tem, / Nem o que é mal nem o que é bem”.

A indiferença, o estado amorfo, desintegrado do país domina o poema: “Nem Rei nem lei, nem paz nem guerra”. A indefinição é o que “Define com perfil e ser / Este fulgor baço da terra / Que é Portugal a entristecer”.

As incertezas, a dispersão, a fragmentação da identidade parecem dominar o cenário português: “Tudo é incerto e derradeiro / Tudo é disperso, nada é inteiro / Ó Portugal, hoje és nevoeiro.”

Notemos que a palavra “nevoeiro” tem como “Portugal” 8 letras. Porém possui a quantidade invertida de consoantes e vogais. “Portugal” tem 5 consoantes e 3 vogais, ao passo que “nevoeiro” tem 3 consoantes e 5 vogais. Essa inversão de consoantes e vogais conota a inversão de estado entre o Portugal do passado glorioso e o Portugal desorientado do presente. A soma de “Portugal” já sabemos é 38, assim como “Mensagem” é 32. Já “nevoeiro” soma 47. Este valor (47) no tarô se refere à carta das quatro taças que entre seus significados está o de anunciar a aproximação de uma grande alegria. O “nevoeiro”, portanto, estaria prestes a se dissipar e revelar o que até então estava “encoberto”.

O poema finaliza o livro com a expressão “*Valete, Fratres*” indicativa de final de jogo, o jogo engenhoso, esotérico e hermético que é o livro *Mensagem*. Robert Bréchon assim interpreta essa citação de expressão latina:

“‘*Valete, Fratres*’, citação de um ritual iniciático. É como a marca que os companheiros maçons da Idade Média inscreviam num lugar qualquer da catedral depois de terminada. Ela é aqui, no contexto nacional e pessoal, uma assinatura: é o Adepto quem fala, o novo Sebastião – assim como se diz o Novo Adão.”

(BRÉCHON: 2005)

O verso final de “*Nevoeiro*” diz “É a Hora!”, confirmação de que é chegado o momento de dissipar esse estado de “*nevoeiro*” e iniciar a recuperação não apenas do que foi perdido, mas efetivamente o do que está prometido pelos mitos sebastianistas e do quinto império apresentados e comentados durante a obra. Assim, o poema final é um poema de chamamento para a efetiva ação de restauração, esta num grau mais elevado da condição humana.

## ***6. Mensagem e a Progressão de Fibonacci.***

Não poucos trabalhos de análise de *Mensagem* têm observado a disposição e a quantidade de poemas que contém cada secção e cada parte de *Mensagem*. Os números 2, 7 (8), 5, 1, 3, 12, 5, 3, 5, correspondem nessa ordem aos grupos de poemas (seja secção ou parte): “Os Campos”, “Os Castelos”, “As Quinas”, “A Coroa”, “O Timbre” (totaliza o “Brasão” 19 poemas se contamos que “Os Castellos” tem 8 e não 7 poemas de fato), “Mar Portuguez”, “Os Symbolos”, “Os Avisos”, “Os Tempos” (soma a terceira parte 13 poemas). Costuma-se associar o significado numerológico e cabalístico desses números de forma a apresentar um conjunto harmonioso das

divisões e suas quantidades com relação ao tema central que é Portugal.

Carlos Felipe Moisés no seu *Roteiro de Leitura de Mensagem*, assim comenta acerca dos números:

“Será que isso tudo não passa de coincidência? É difícil afirmar categoricamente, mas estou inclinado a julgar que não seja coincidência. Baseio-me no fato de que Pessoa dedicou muito do seu esforço ao estudo do Rosacruzianismo, da Teosofia, do Budismo, da Cabala; escreveu uma quantidade de textos sobre essas doutrinas; e, embora não se tornasse ortodoxo de nenhuma delas, no mínimo serviu-se das respectivas simbologias não só em *Mensagem* como em outras obras.”

(MOISÉS: 1996, p. 56)

Assim os números 5 e 7, que têm significados precisos na numerologia e vasto, são também associados à simbologia do brasão com as quinas e os castelos, o 12 de “Mar Portugal” com os signos do zodíaco, e assim por diante.

Mas os números em seu conjunto de partes e secções indicam uma outra referência numerológica que até agora não tenho visto citada na maioria dos trabalhos acerca de *Mensagem*.

Se tomarmos, p.ex., a secção “Avisos” ela tem apenas 3 poemas, mas notamos que a extensão do “Terceiro” é resultado da soma dos dois antecedentes (“O Bandarra” e “Antonio Vieira”). Esse é o princípio da chamada série de Fibonacci.

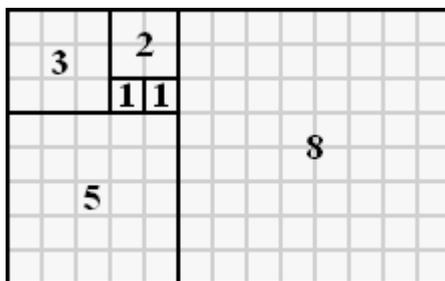
O número ou série de Fibonacci parece ter sido primeiramente descrita na Europa por Leonardo de Pisa no século XII. Conhecida dos esotéricos cabalistas, astrólogos, alquimistas e numerólogos pitagóricos foi de importância na elaboração das teorias de proporção das partes das figuras no Renascimento, a chamada “Divina Proporção” ou “Número de

Ouro”, isto porque como demonstrou Kepler, a série de Fibonacci tende à Divina Proporção. A série é descrita pela fórmula:

$$F(n+2) = F(n+1) + F(n)$$

Onde “F” é Fibonacci, “n” é número. Assim se começamos com 0 e 1, como números iniciais, obtemos a seguinte seqüência, sucessão ou série: 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 44, 89, 144, etc...

Uma relação de quadrados com lados referentes à série de Fibonacci, p.ex., cria a seguinte figura dominada pela secção áurea:



Voltando à *Mensagem*, na terceira parte, “O Encoberto” temos então a partir da secção “Avisos” (1,2,3 é a seqüência formada pelos três poemas) duas secções, cada uma com 5 poemas. 5 é o próximo número da série. Se somarmos uma dessas secções (ou “Os Symbolos” ou “Os Tempos”) com os três poemas de “Os Avisos” temos 8 na seqüência de Fibonacci, o próximo que é 13 é resultado da soma com a outra secção de 5 que deixamos de fora na soma anterior.

Na primeira parte, “O Brasão” pela seqüência de Fibonacci temos um dado novo na explicação de porque os “Castellos” que são sete no “Brasão” mas que de fato acabam

sendo oito, uma vez que dois poemas finais são numerados com o número 7. O número 7 não faz parte da série de Fibonacci, mas sim o número 8.

No “Brasão” começamos também com o número 1, a secção “IV. Coroa” tem só um poema. Depois o 2 da série é dado pela secção “Os Campos”, o número 3 pela secção “O Timbre”, o 5 pelas “Quinas”, o 8 pelos 7 “Castellos”. Daí para frente é possível fazer combinações. A soma das “Quinas” com “Os Castellos” dá o 13.

A segunda parte, “Mar Portuguez” estaria assim situada no meio entre duas séries de Fibonacci, ambas indo de 1 a 13. O próximo número da série é o 21, que pode ser obtido somando-se, p.ex., “Mar Portuguez” aos “Castellos” e à “Coroa”. O seguinte da série é o 34, que também pode ser obtido pela soma do que temos no 21 com os 13 da terceira parte do livro. Desse modo, a segunda parte também se integra na seqüência de Fibonacci. É como se a divisão das partes do livro e as respectivas quantidades de poemas estivesse orientada num princípio matemático harmonioso fundado no conhecimento esotérico das regras da chamada Geometria Sagrada.

Para comentário final acerca dessa questão, o assunto não se esgota no demonstrado aqui. Também se consideramos a quantidade de estrofes dos poemas no todo do livro, outros números da série - maiores - surgirão em decorrência. Por exemplo, a segunda parte tem 34 estrofes. A soma de “Mar Portuguez” com “Avisos” (10 estrofes) e “As Quinas” (11 estrofes) dá 55, o número seguinte da série.

Esperamos que nosso livro tenha contribuído para o entendimento da questão dos recursos esotéricos em *Mensagem*. Se não o fizemos de forma absolutamente científica e acadêmica, não o foi apenas por uma eventual falha de nossa parte, mas principalmente por acreditar que existem elementos e dados que não raras vezes escapam ao rigor do método

exatamente pelo princípio de que o método científico racionalista não consegue explicar muita coisa, inclusive a natureza intrínseca da criação poética. Afinal, retomando o que Fernando Pessoa escreve na “Nota Preliminar” de *Mensagem* acerca das qualidades, condições, necessidades ou capacidades para o entendimento dos símbolos contidos no livro, sobre a última das cinco qualidades ou condições, ele diz: “A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e Conservação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.”

Acreditamos ter feito o melhor uso possível dessas cinco qualidades ou condições, e a quinta, por sua natureza e a causadora dos principais desvios que o rigor analítico de um método racionalista pode encontrar, exatamente por não ser capaz de entendê-la.

*Valete, Fratres.*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AROLA, Raimón. *O Simbolismo do Templo*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1986.
- BRÉCHON, Robert. “Mensagem (1934)”. Em: <http://www.rubedo.psc.br/Artlivro/mensagem.htm>.
- CARDOSO, Paulo. *Mar Portuguez e a Simbólica da Torre de Belém*. Lisboa, Editorial Estampa, 1991.
- CARDOSO, Paulo. *Mar Portuguez: A Mensagem Astrológica da Mensagem*. Lisboa, Editorial Estampa, 1990.
- CENTENO, Yvette. *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética*. Lisboa, Editorial Presença, 1985.
- CHABOCHE, François-Xavier. *Vida e Mistério dos Números*. Curitiba, Hemus, 2000.
- CHERUBIN, David. *Alquimia: A Arte Negra*. São Paulo, Madras, 1998.
- COELHO, Trindade. *Manual Político do Cidadão Portuguez*. Porto, 1908.
- COSTA, Dalila Pereira da. *O Esoterismo de Fernando Pessoa*. Porto, Lello editores, 1996.
- CRUZ, Marques da. *Profecias de Nostradamus e de Outros Videntes*. São Paulo, Pensamento, 1983.
- D’ESPAGNET, Jean. *A Obra Secreta da Filosofia de Hermes Trismegistos*. São Paulo, L’Oren, 1976.
- DE ROLA, Stanislas Klossowski. *Alquimia: A Arte Secreta*. Rio de Janeiro, Edições Del Prado, 1996.
- EDITORA PENSAMENTO (editores). *Tarô Adivinhatório*. São Paulo, Pensamento, s.d.
- EVOLA, Julius. *O Mistério do Graal*. São Paulo, Pensamento, 1988.
- GODOY, Márcio Honório de. *Dom Sebastião no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *O Simbolismo*. São Paulo, Ática, 1994.

- GUÉNON, René. *Os Símbolos da Ciência Sagrada*. São Paulo, Pensamento, 1989.
- HITCHCOK, Helyn. *A Magia dos Números ao Seu Alcance*. São Paulo, Pensamento, 1988.
- HUTIN, Serge. *A Tradição Alquímica*. São Paulo, Pensamento, 1983.
- JACINTO, Conceição & LANÇA, Gabriela. *A Análise do Texto: Mensagem - Fernando Pessoa*. Porto, 1998.
- LAWLOR, Robert. *Geometria Sagrada*. Rio de Janeiro, Edições Del Prado, 1996.
- McEVERS, Joan & MARCH, Marion D. *Curso Básico de Astrologia*, 2 volumes. São Paulo, Pensamento, 1993.
- MELO E CASTRO, E. M. de. *O Próprio Poético*. São Paulo, Quíron, 1973.
- MOISÉS, Carlos Felipe. *Roteiro de Leitura: Mensagem*. São Paulo, Ática, 1996.
- NEGREIROS, Almada. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguillar, 1997.
- NEVES, João Alves das. *Poesias Ocultistas de Fernando Pessoa*. São Paulo, Aquariana, 1996.
- PAPUS. *Tarô dos Boêmios*. São Paulo, Ícone, 1992.
- PASSONI, Célia. *Poesia Comentada: Mensagem de Fernando Pessoa*. São Paulo, Núcleo, 1995.
- PENNICK, Nigel. *Geometria Sagrada*. São Paulo, Pensamento, 2005.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguillar, 1986.
- PIOBB, P.V. *Formulário de Alta Magia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- SCHOLEM, Gershom G. *A Cabala e Seu Simbolismo*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- SPERBER, Dan. *O Simbolismo Em Geral*. São Paulo, Cultrix, 1978.

VALENTIN, Dom Basílio. *As Doze Chaves da Filosofia*. São Paulo, L'Oren, 1976.

WIKIPEDIA. (Fonte de diversas informações históricas):

<http://pt.wikipedia.org/>